

 Meu 

 Brasil

afro- 

brasileiro 

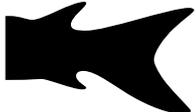
contos

Sônia Queiroz (Org.)



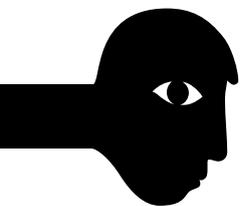
MEU BRASIL AFRO-BRASILEIRO



Meu 

Brasil 

 afro-



brasileiro

contos

Sônia Queiroz (Org.)



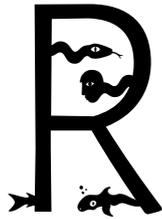


SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO ~ 7	O NEGRO BONIFÁCIO ~ 122 <i>Simões Lopes Neto</i>
A MÃE-IRMÃ (HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA) ~ 9 <i>Francisco de Paula Brito</i>	O PECADO ~ 130 <i>Lima Barreto</i>
A DANÇA DOS OSSOS ~ 21 <i>Bernardo Guimarães</i>	GUNGA-MUQUIXE ~ 133 <i>Valdomiro Silveira</i>
A ESCRAVA ~ 41 <i>Maria Firmina dos Reis</i>	CANHAMBORA ~ 139 <i>Valdomiro Silveira</i>
O ÓDIO ~ 57 <i>Manuel de Oliveira Paiva</i>	NEGROS FUGIDOS ~ 143 <i>Valdomiro Silveira</i>
BANZO ~ 61 <i>Coelho Neto</i>	BAGANA APAGADA ~ 147 <i>João Dornas Filho</i>
A FUGA ~ 75 <i>Afonso Arinos</i>	CONFISSÕES DE ARNOLDO ~ 156 <i>Duílio Gomes</i>
JOAQUIM MIRONGA ~ 81 <i>Afonso Arinos</i>	GUERRA SANTA ~ 165 <i>Duílio Gomes</i>
PEDRO BARQUEIRO ~ 93 <i>Afonso Arinos</i>	MADRINHA ~ 169 <i>Sônia Queiroz</i>
PEDRO CABINDA ~ 103 <i>Nelson de Senna</i>	SOBRE OS AUTORES ~ 173
PAI CONTRA MÃE ~ 110 <i>Machado de Assis</i>	GLOSSÁRIO ~ 179

APRESENTAÇÃO



REUNIMOS NESTA COLETÂNEA contos que inscrevem o negro na literatura brasileira, como autor, como personagem, lembrando aos leitores a nossa constituição como sociedade, como cultura, como povo, que, desde a sua formação, integra uma imensa maioria de africanos escravizados e trazidos à força, seus descendentes nascidos aqui, portugueses deslocados pela colonização e indígenas que aqui já viviam.

Abrimos esta coletânea com o pioneiro do conto no Brasil, o escritor e editor negro Francisco de Paula Brito. Embora não tenhamos encontrado personagens negros em seus contos, podemos identificar neles traços que denunciam os valores predominantes no Império e que, em alguns segmentos da sociedade brasileira, se estendem até os dias de hoje. Assim, no conto “A mãe-irmã”, que reproduzimos aqui, ao descrever a personagem Alzira, o escritor toma como referência a beleza da mulher europeia, mas apresenta em contraponto uma jovem de dezesseis anos que “era cá da América, e era bela quanto podia ser”:

Alzira [...] não tinha essa cor de leite, que tanta gente faz entusiasmar, mas tinha um moreno agradável, próprio dos trópicos; suas faces não eram de carmim, mas de um pálido tocante, que convidava todas as afeições; seus olhos não eram azuis como o céu do meio-dia, mas eram negros como o azeviche; não tinham a viveza dos olhos espanhóis, mas tinham uma languidez encantadora, que parecia anunciar continuado sofrimento e implorar proteção a quantos os olhavam; e a proteção não podia ser negada; seus cabelos não eram da cor do ouro, não

lhe caíam em anéis sobre ombros jaspeados, mas eram finos, mui lisos, em muita quantidade, e mais pretos e luzidos que o preto do ébano; sua estatura era antes baixa que alta; sua cintura podia ser apertada as duas mãos; seus dentes eram dois fios das mais iguais e claras pérolas do Oriente; sua perna parecia feita a torno; seu pé era o mais delicado.

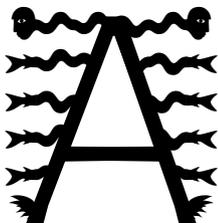
Além de Paula Brito, a coletânea inclui mais dez clássicos da literatura brasileira: Bernardo Guimarães, Maria Firmina dos Reis, Manuel de Oliveira Paiva, Coelho Neto, Afonso Arinos, Nelson de Senna, Machado de Assis, Simões Lopes Neto, Lima Barreto, Valdomiro Silveira e João Dornas Filho. Embora priorizando os textos em domínio público, a seleção incluiu também narrativas do século xx das quais pudemos obter autorização para publicar: Duílio Gomes e Sônia Queiroz. São ao todo dezenove contos, escritos por quatorze autores.

Optamos por não uniformizar as marcações dos diálogos, considerando que, especialmente a partir do Modernismo, a questão da representação escrita da fala é enfrentada sobretudo pela via experimentação formal, cabendo a cada autor encontrar a sua própria solução, tanto no que diz respeito às formas de registro dos traços dialetais, quanto no que tange aos sinais gráficos escolhidos para marcar a alternância de interlocutores. O mesmo vale para a pontuação e o uso de maiúsculas.

Boa leitura!

A MÃE-IRMÃ (HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA)

Francisco de Paula Brito



LZIRA TINHA dezesseis anos; não era uma dessas fisionomias que tanta bulha fazem nos romances que nos vêm da velha Europa; era cá da América, e era bela quanto podia ser; não tinha essa cor de leite, que tanta gente faz entusiasmar, mas tinha um moreno agradável, próprio dos trópicos; suas faces não eram de carmim, mas de um pálido tocante, que convidava todas as afeições; seus olhos não eram azuis como o céu do meio-dia, mas eram negros como o azeviche; não tinham a viveza dos olhos espanhóis, mas tinham uma languidez encantadora, que parecia anunciar continuado sofrimento e implorar proteção a quantos os olhavam; e a proteção lhes não podia ser negada; seus cabelos não eram da cor do ouro, não lhe caíam em anéis sobre ombros jaspeados, mas eram finos, mui lisos, em muita quantidade, e mais pretos e luzidos que o preto ébano; sua estatura era antes baixa que alta; sua cintura podia ser apertada com as duas mãos; seus dentes eram dois fios das mais iguais e claras pérolas do Oriente; sua perna parecia feita a torno; seu pé era o mais delicado. Alzira era o que com tanta propriedade chamamos uma feiticeira, porque com efeito ela e outras como ela enfeitiçam todos aqueles que têm a desgraça... não: a ventura de as ver.

Alzira era filha única de um militar, que comandava um dos regimentos desta corte, abastado em cabedais, homem de bem a toda a prova, e que se ufanava de, em toda a sua vida, não ter que se reprender de uma só fraqueza; filho e neto de militares, ao mesmo tempo que generoso, franco e virtuoso, dotado de toda

a dureza própria da sua profissão; lamentando a todas as horas não ter um filho que pudesse instruir na vida militar, e deixar em seu lugar, como já ele ficara no de seu pai, e este, no de seu avô; mas, querendo remediar esta falta, casando sua filha com um militar.

A mãe de Alzira era ao contrário a própria bondade; apenas com o dobro da idade de sua filha, e dois terços da de seu marido, tratava aquela como a sua mais íntima amiga, sem que um só segredo tivesse para ela; sua filha era o objeto exclusivo de suas afeições. Mas, tanto como a sua filha amava a seu marido, porque o coração de uma mulher é incompreensível em suas afeições; pai, mãe, marido, filhos; ama a cada um mais que a todos, e a todos mais que a cada um; a cada um dá o seu amor, e o seu amor é dado a todos: mistério que ninguém pode definir, e que só a natureza com toda a sua sabedoria podia criar. A mãe de Alzira amava a seu marido tanto como a sua filha, mas o seu amor era um amor respeitoso, o que provinha tanto do caráter particular dele, como da diferença da idade.

Tinha a mãe de Alzira um irmão, dos primeiros negociantes da corte, igualmente casado, cuja mulher vivia em uma chácara, onde as duas iam passar muitos dias no ano, e sobretudo jantar todos os domingos. Entre outros caixeiros, tinha este negociante um guarda-livros, de idade de vinte e cinco anos, que às perfeições físicas juntava todas as morais; moço verdadeiramente perigoso, se sua educação e princípios o não tornassem refletido sobre seu viver. Entretanto, tinha um defeito; defeito, é verdade, em que nem ele nem ninguém tinha culpa, mas que nem por isso deixava de ser defeito; era pobre, vivendo apenas de seus ordenados. Este defeito era para todos; quem o negará? para o pai de Alzira ainda tinha outro e era não ser militar.

Narciso, era este o nome do guarda-livros, apesar de todos os seus princípios e de toda a sua reserva, não pôde deixar de ficar cativo de Alzira. Está isso nas mãos de alguém? quem é esse que governa o seu coração? a razão pode muito, mas o coração pode

mais que a razão; amor não é crime; mas, não se atribuam a amor crimes em que ele não tem a menor parte; paixões vis são amor.

Alzira viu Narciso a princípio com bastante indiferença; mas o amor dele não lhe foi por muito tempo oculto; conhecia o seu valor, e em breve pagou amor com amor. Este negócio seguiu o caminho de todos os de idêntica natureza; atenções, olhares, pequeninos serviços prestados entre a mais numerosa companhia, que para os mais são indiferentes, mas que tanto valor têm para os amantes; duas palavrinhas ditas em segredo e respondidas com um sorriso. Tempo ditoso é esse! em que um dedo de uma luva tocado produz um choque elétrico em todo o corpo, faz voar o entendimento aos espaços imaginários, e ali construir castelos, cujo único defeito é não terem realidade! Vós, que vos achais hoje presos nas cadeias de Himeneu, dizei quanto dareis por fazer reviver um só momento desses. E vós, que ainda hoje espiais os passos de alguma bela, dizei se podeis conceber maior ventura do que estardes ao lado de vossas amadas, sem lhes dizerdes uma só palavra, e sem que elas uma só palavra vos digam.

Alzira e Narciso conheciam as dificuldades que havia para sua união; conheciam os projetos do velho militar, e que era ele inflexível; e, apesar disso, tinham esperança, porque a esperança é a companheira inseparável do amor.

Por mais cuidado que tivessem ambos, seus sentimentos foram descobertos por aqueles mesmos que eles tinham mais interesse em que os ignorassem. O resultado desta descoberta foi que, depois de longa conferência entre os dois cunhados, foi chamado Narciso à presença de seu amo, o qual lhe comunicou que, necessitando seu extenso comércio na Ásia de um agente zeloso que ali o dirigisse, fora feita escolha dele para esse fim, pelo que propunha um interesse na sua casa, se quisesse partir na primeira embarcação.

— Dou-vos oito dias, continuou, para me dardes a resposta; mas, tomai bem sentido nos motivos que vos vão dirigir; vossa sorte depende do passo que ides dar. E para melhor poderdes resolver,

lembrai-vos de que o Rio de Janeiro ainda tem uma polícia ativa e vigilante, que não consente que viva em continuados sustos uma família aliás respeitável.

Estas palavras fizeram conhecer a Narciso a necessidade de sua posição; oito dias se desolou, escreveu cartas as mais apaixonadas, recebeu respostas as mais ternas; mas o oitavo dia chegou; uma resposta era necessária, e não era possível que fosse negativa; era melhor ir por vontade e com vantagens, do que à força e desgraçado.

Enquanto se faziam os preparativos da viagem, julgou-se prudente que fosse Alzira para a chácara de seu tio. Mas, como partiria Narciso sem se despedir dela? sem lhe dizer talvez o último adeus? sem lhe jurar fé e constância eterna? sem ouvir de sua boca a sorte que o esperava? Uma entrevista foi ajustada, que devia ter lugar de noite no jardim. Muitas vezes as maiores cautelas produzem o mesmo efeito que os maiores descuidos.

A entrevista teve lugar; suspiros, soluços, lágrimas, protestos, juramentos, e depois um beijo, e após este segundo, e após este o crime se consumou... O crime! E quem pode dizer que foi crime? Ao menos eles não foram criminosos. Embriaguez terrível apoderara-se deles: o silêncio da noite, a solidão... a mocidade... sim, a mocidade, tão cheia de vida, tão cheia de calor, tão precipitada. Não foi amor; oh! não lhe imputemos culpas que ele não teve; a união dos dois sexos é um instinto, a que as leis sociais têm querido dar normas, e sujeitar a regras, das quais porém a natureza muitas vezes não faz caso. É criminoso para a sociedade aquele que viola essas normas; mas a natureza absolve muitas vezes o que a sociedade condena.

E que remorsos não tiveram eles quando lhes passou a ilusão! Quanto dera Narciso por nunca ter pedido semelhante entrevista! Quanto dera Alzira por a não ter concedido! Quando ali se reuniram, pensavam que só teriam de chorar a separação a que eram obrigados; porém, não lhes aconteceu assim; Alzira teve que chorar sua inocência perdida, e Narciso não podia de modo algum perdoar-se a fraqueza a que tinha sido arrastado.

Foi necessário separar-se, e separaram-se; Narciso partiu no dia seguinte, e foi inconsolável; Alzira o não ficou menos, e a sua tristeza não era fingida, porque tinha que deplorar duas perdas.

Mas seus tormentos ainda cresceram, e chegaram ao último auge, quando no fim de um mês conheceu que estava pejada. É esta uma daquelas posições que facilmente se não concebe, e que por isso nunca pode ser bem descrita, nem fazer-se sentir ao leitor. Figure-se uma menina, cuja coragem ainda uma só vez não foi experimentada, cuja família tem toda por timbre a honra, e cujo pai nem conhece o nome do que seja fraqueza, o pai de cujo filho navega a centenas de léguas de distância, e por isso lhe não pode vir prestar apoio; figure-se uma menina nestas circunstâncias, e com uma falta de semelhante natureza, que não pode ser ocultada... os tormentos de uma semelhante posição não podem bem ser avaliados. Mas era necessário tomar uma medida.

Alzira confiou tudo a sua mãe.

Não gastou esta o tempo em repreensões ou reflexões agora de todo inúteis; fez melhor; procurou meios de salvar a honra de sua filha, a sua e a de seu marido; para o que, de concerto com aquela, se fingiu pejada. A princípio tomou seu marido esta notícia por simples gracejo; mas, tão seriamente lhe falou ela, que a acreditou, e sentiu verdadeiros transportes de alegria. E conquanto não dessem notoriedade ao fato, todavia, contando-o em segredo a um e a outro, em breve se fez público.

Ainda não bastava, era necessário mais alguma coisa; pelo que ela se fingiu gravemente incomodada e carecida dos ares do campo; o que, junto à necessidade de distrair sua filha, cuja constante melancolia era atribuída à ausência, foi motivo bastante de se retirarem as duas para uma fazenda a trinta léguas da corte, a qual também careciam de ver, por o não terem feito havia muito tempo. O serviço embarçou o militar de as acompanhar. Ora, enquanto elas fazem a sua jornada, façamos nós algumas reflexões.

Os meus leitores talvez criminem esta boa mulher, porque assim enganou seu marido; mas, não têm razão. Para os fazermos

calar, bastaria lembrar-lhes que nem sempre as mulheres que enganam os maridos são criminosas; Rebeca enganou Isaac, fazendo que desse a Jacó a bênção que ele destinava a Esaú; e nem moralista cristão, nem padre da igreja que saibamos, tem até hoje compreendido esta ação. Como, porém, talvez se não ache exatidão na paridade, expliquemos o nosso enigma, deixando aos mais o cuidado de explicar os que arranjam.

E se o padre mestre do *Despertador* disser que isto é irreligioso? Mas, que nos importa a nós com o *Despertador*? faz ele muito bem; ele bem sabe que a constituição permite a livre expressão do pensamento, em cuja faculdade encaixa ele também a de exprimir o que não pensa; ora, certo nesse direito, ele vai dizendo o que quer, e quem não quiser que o não leia. Diga, pois, o que bem lhe parecer, que nós iremos continuando com a nossa história.

Alzira era filha única, e portanto, todos os bens de seus pais deviam passar a ela; a ela, portanto, vinha somente a prejudicar a suposição de sua mãe; e ela não comprava muito cara a sua reputação por metade da sua fortuna, e quando esta em tudo ia recair em seu filho que era seu herdeiro universal. E se viesse a casar e ter filhos legítimos, devendo aquele ser ainda seu herdeiro, como filho meramente natural, ficava-lhe segura sua legítima, ficando a outra parte para os outros. E, não casando Alzira, seria sempre seu filho o seu herdeiro, a título de irmão. Quanto ao pai de Alzira, também o engano era tolerável, pois quase indiferente lhe devia ser abraçar e beijar o menino como seu filho, ou como seu neto. Se estas razões não desculparem a boa mulher, não temos outras melhores para dar.

Alzira, em tempo próprio, deu à luz a um menino, a que foi posto o nome de Guilherme; seu pai foi avisado de que tinha um filho varão, o que o encheu de alegria. Via já um militar futuro, que devia continuar a geração dos militares; já os maiores postos do exército eram considerados seus; a glória da família e a da pátria iam receber um lustre incomparável.

Guilherme pôde, portanto, ser criado junto de sua mãe, que, com aparências de amor fraternal, escondia amor materno, que, aliás, se lhe não podia ocultar, causando mesmo admiração ver como podia ela assim afagar um irmão que lhe vinha arrancar metade de sua fortuna, quando menos o podia reçar. E ainda mais admiração causou quando, oferecendo-se-lhe vários partidos, aliás mui vantajosos, respondia que não podia aceitar, para não diminuir a fortuna de seu pequeno irmão que, tendo de seguir a carreira militar, necessitava de ter com que o fizesse com brilhantismo.

Guilherme foi, com efeito, destinado à profissão das armas, logo que chegou a idade suficiente: seu avô o tratou sempre como seu filho, tido já quando menos o esperava, fruto da sua velhice; isto é, seu avô não usou para com ele daquela energia de que tanto se ufanava, e que tão necessária é para uma boa educação; o que fez que ficasse ele sujeito a alguns defeitos, como orgulho e irascibilidade pronta. Seu avô morreu, deixando-o de dezoito anos, e sem que tivesse conhecimento do segredo fatal; sua avó morreu pouco depois, e assim ficou Guilherme governando a casa e sua própria mãe, que supunha ser sua irmã, e que debalde lhe dava alguns conselhos, os quais ele de cada vez ouvia menos.

E entretanto o que tinha feito Narciso? tinha sido fiel sempre à sua amada? Sim, tinha sido fiel. Ignorava, é verdade, tudo quanto se tinha passado; ignorava mesmo que era pai; mas, apesar disso, foi firme em seus juramentos. Por algum tempo continuou a sociedade com seu antigo amo; porém, achando-se com fundos suficientes, principiou a girar sobre si, e adquiriu em breve uma boa fortuna. Alzira, logo que seu pai morreu, buscou notícias dele; e, sabendo que ainda se conservava solteiro, o fez participante de quanto era passado; pelo que, realizando seus cabedais, ele se apresentou nesta corte, quando já seu filho contava vinte e dois anos. Buscou logo Alzira, e, entregando-lhe esta os documentos que justificavam a filiação, trataram imediatamente o casamento.

Viu Guilherme as visitas que fazia Narciso àquela que ele supunha sua irmã; viu que estas visitas amiudavam, e viu que entre

eles reinava a maior familiaridade, e desconfiou que algum louco amor tinha entrado na cabeça de Alzira, que, pelo menos, iria dar em algum casamento. Mas, casar-se ela? Privá-lo assim de metade da fortuna com que contava? Julgou, portanto, ou de seu dever ou de seu interesse, necessário fazer algumas reflexões a Alzira; mas esta zombou dele, e continuou a receber o seu antigo amante. A aversão de Guilherme para este homem cresceu mais por este fato.

Supondo que ela, com efeito, tivesse em vistas casar-se com ele, como consentir em bom projeto que, além de o privar da fortuna que já dissemos, tinha o defeito de não partir dele, o que não é pouco para um espírito pequeno e orgulhoso? E como suportar que julgasse o público que semelhante casamento era efeito de seu mau viver, pois, de outra sorte se não podia conceber que casasse na idade de trinta e nove anos, quatro depois da morte de seu pai, aquela que sempre recusara fazê-lo, para não diminuir a fortuna de seu irmão? e quando rumores se espalhavam já de que, com efeito, Alzira não tinha que se louvar dele? Um partido era necessário tomar que, por uma vez, cortasse semelhantes relações; ordens foram dadas para que a sua porta se não abrisse a Narciso.

Este, ignorando tudo, apresentou-se a querer falar com Alzira; a entrada lhe foi negada. Admirado por extremo, quis saber por ordem de quem; a verdade lhe foi dita.

— Por ordem de Guilherme?

— Sim, senhor.

— E teve ele a ousadia de me fazer fechar a sua porta?

— Ele o mandou, senhor.

— Estovado mancebo! É necessário que eu entre; devo falar com a senhora.

— É impossível consenti-lo.

— Está ele em casa?

— Sim, senhor.

— Ide chamá-lo.

Guilherme apareceu.

— É certo que me fizestes fechar a vossa porta?

— É certo; e devo anunciar-vos que nunca mais vos será franqueada.

— Estimo a vossa franqueza; é de militar. E poderei saber as razões?

— Na minha casa faço o que me parece, e não dou satisfações a alguém.

— Assim deve ser; mas, nesta casa mora também Alzira; ela não vos está sujeita; é a ela, e não a vós, que eu procuro, e creio que ela me não proibiu a entrada.

Guilherme se tornou pálido de cólera.

— É exatamente porque procurais minha irmã e não a mim, que vos tenho feito proibir a entrada. Vossas relações com ela me desagradam, e julgo dever fazê-las cessar.

— E vosso procedimento para com ela é o de um bárbaro, também julgo que o devo fazer cessar. Ela deve ser minha esposa.

— Quaisquer que sejam os vossos projetos, quem vos deu o direito de repreender-me?

— Quem? as vossas ações. Se tivésseis tratado de outra sorte uma mulher que se tem sujeitado a viver solteira, só para assegurar-vos a fortuna que de seus pais lhe pertenceu, talvez ela me não fizesse queixas, talvez este casamento não tivesse lugar; mas, o vosso viver repreensível é, talvez, a causa principal do passo que vamos dar.

— A minha paciência vai se esgotando. Ainda até hoje de ninguém ouvi palavras semelhantes! Retirai-vos, senhor.

— Eu não me retiro; quero falar a Alzira; quero entrar.

— Senhor, vós me quereis fazer chegar aos últimos extremos! Quereis que use de violência?

— De violência! vós para comigo! Oh, meu Deus! perdoai-lhe; ele não sabe o que diz. Franqueai-me esta porta.

— E por que não usarei de violência para convosco? Não necessitarei de implorar auxílio; meu braço será bastante forte.

— Imprudente! calai-vos. Franqueai-me esta porta; quero falar à minha esposa.

— Já vo-lo disse; esta porta vos não será franqueada; minha irmã ainda não é vossa esposa; quando o for, tratareis com ela, não aqui, mas no lugar para onde a levardes.

— Bem, eu não venho preparado; esperai-me aqui mesmo; dentro de meia hora serei convosco.

Narciso retirou-se; Guilherme pôs-se a rir.

— Que quererá dizer? Pretenderá bater-se comigo! Mas, aqui mesmo em casa não parece crível. O velho perdeu o juízo... ou antes quis ver se me aterrava... Não, ele não vem mais, posso estar seguro. Demoremo-nos porém a meia hora, e vejamos em que isto dá.

Narciso voltou ainda antes de passada a meia hora, e fez-se anunciar a Guilherme, que não pouco se admirou de tão pronta volta, e o fez introduzir. Narciso sentou-se sem cerimônia, e fez sentar a Guilherme, como se estivesse em sua casa.

— Então, tendes pensado?

— Pensado em quê?

— Já estais resolvido a deixar-me casar com Alzira?

— Eu não embaraço o vosso casamento; não quero que continueis a entrar nesta casa.

— Mancebo, vêde o que fazeis; com uma só palavra posso fazer-vos mudar de resolução.

— Nem com palavras, nem com ações.

— Imprudente! olhai que é um segredo de que depende vosso estado e fortuna.

— Não posso deixar de rir-me dos medos que quereis meter-me. Pensei que vínheis para ações, e não para palavras.

— Para ações, venho. Mas de que ações falais?

— Pensei que íamos decidir nossa contenda com as armas; vosso ar, quando saístes, pressagiava grandes coisas; mas vejo que pensastes melhor, e que quereis concluir tudo em palavreado.

— Um desafio! As leis o proíbem.

— É a desculpa dos cobardes, das almas vis.

— Guilherme! não me insultes.

— Não vos insulto, digo-vos as verdades.

— É bem certo que a natureza nem sempre fala! Guilherme, olha para mim; não te diz nada o teu coração?

— O meu coração diz-me que falo com um aventureiro, que veio do fundo da Ásia para iludir minha irmã, e que agora busca cobrir sua infâmia com um milhar de rodeios.

— E quanto me custa desenganá-lo! quanto me custa descobrir este segredo fatal! tornar talvez menos puro a seus olhos aquele anjo de candura!... Ainda uma vez; tua fortuna, teu estado depende de uma só palavra minha; não me obrigues a pronunciá-la.

— Ainda uma vez, não a receio; já vo-lo disse; peço-vos que a pronuncieis; quero ouvir essa palavra mágica que, igual aos sons do corno de Oberon, me deve confundir.

— Guilherme!... Guilherme!... és meu filho.

— Eu, vosso filho!... vosso filho!... eu!... não pode ser; não. Foi minha mãe muito virtuosa, e meu pai mui delicado em pontos de honra, para que ela fosse capaz de uma fraqueza. Vosso filho!... não pode ser... Vosso casamento com minha irmã seria um incesto. Vosso filho!... e pensáveis que assim acreditaria semelhante embuste? Dar-me-eis satisfação pela desonra que assim quereis fazer pesar em uma família inteira.

— Guilherme! não me obrigues a pronunciar o resto; não me obrigues a mostrar-te provas, que eu queria que fossem por ti sempre ignoradas.

— Provas! ah! sim, eu as quero; eu quero provas. Um labéu foi por vós lançado sobre a melhor das mães, sobre a mais virtuosa das mulheres. Oh! eu quero provas, eu as exijo.

— Guilherme, ainda to repito, desiste dos teus intentos.

— Não, não posso; minha mãe acha-se infamada: obrigar-vos-ei a justificá-la.

— Tua mãe! e sabes quem é tua mãe?

— Quem é minha mãe?... Pois também pode haver dúvidas a esse respeito?

— Sabes que Alzira é tua mãe?

— Alzira!... Alzira!... não pode ser.

— Examina estes papéis; vê estas declarações em forma por tua avó, pelo vigário e pelos professores, que assistiram ao parto de Alzira. Alzira é tua mãe, e eu sou teu pai. Toda a tua fortuna é de Alzira. Tu nem nome tens ainda, e de minha vontade depende dar-to.

— Alzira, minha mãe!... ele, meu pai!...

— Quis ocultar-te tudo, para que ignorasses o meu crime; obrigaste-me a revelar tudo. Agora te sujeitarás às consequências da tua imprudência.

De mim dependia agora fazer acabar tudo isto trágicamente; bastava mover o orgulho e irascibilidade do rapaz, e fazê-lo suicidar-se. Poderia descrever o suicídio à minha vontade, e mostrar depois o corpo do infeliz feito em pedaços, nadando em seu próprio sangue, e as lágrimas e desesperação da mãe e do pai. Mas, para que, se tudo isto não foi assim? Verdade primeiro que tudo.

Guilherme recebeu a notícia com a maior tristeza, mas em poucos dias acostumou-se a sua nova sorte. Alzira e Narciso casaram-se e legitimaram-no nesse ato; e acabou-se a história.

Publicado pela primeira vez no *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, abril de 1839. Reproduzido a partir do v. 1 do livro *Panorama do conto brasileiro: os precursores do conto no Brasil*, publicado pela editora Civilização Brasileira, em 1960.

A DANÇA DOS OSSOS

Bernardo Guimarães



Capítulo I

A NOITE, LÍMPIDA E CALMA, tinha sucedido a uma tarde de pavorosa tormenta, nas profundas e vastas florestas que bordam as margens do Parnaíba, nos limites entre as províncias de Minas e de Goiás.

Eu viajava por esses lugares, e acabava de chegar ao porto, ou recebedoria, que há entre as duas províncias. Antes de entrar na mata, a tempestade tinha-me surpreendido nas vastas e risonhas campinas que se estendem até a pequena cidade de Catalão, donde eu havia partido.

Seriam nove a dez horas da noite; junto a um fogo aceso de frente da porta da pequena casa da recebedoria, estava eu, com mais algumas pessoas, aquecendo os membros resfriados pelo terrível banho que a meu pesar tomara. A alguns passos de nós se desdobrava o largo veio do rio, refletindo em uma chispa retorcida, como uma serpente de fogo, o clarão avermelhado da fogueira. Por trás de nós estavam os cercados e as casinhas dos poucos habitantes desse lugar, e, por trás dessas casinhas, estendiam-se as florestas sem fim.

No meio do silêncio geral e profundo sobressaía o rugido monótono de uma cachoeira próxima, que ora estrugia como se estivesse a alguns passos de distância, ora quase se esvaecia em abafados murmúrios, conforme o correr da viração.

No sertão, ao cair da noite, todos tratam, de dormir, como os passarinhos. As trevas e o silêncio são sagrados ao sono, que é o silêncio da alma.

Só o homem nas grandes cidades, o tigre nas florestas, o mocho nas ruínas, as estrelas no céu, e o gênio na solidão do gabinete, costumam velar nessas horas que a natureza consagra ao repouso.

Entretanto, eu e meus companheiros, sem pertencermos a nenhuma dessas classes, por uma exceção de regra estávamos acordados a essas horas.

Meus companheiros eram bons e robustos caboclos, dessa raça semi-selvática e nômade, de origem dúbia entre o indígena e o africano, que vagueia pelas infindas florestas que correm ao longo do Parnaíba, e cujos nomes, decerto, não se acham inscritos nos assentos das freguesias, e nem figuram nas estatísticas que dão ao império... não sei quantos milhões de habitantes.

O mais velho deles, de nome Cirino, era o mestre da barca que dava passagem aos viandantes.

De bom grado eu o compararia a Caronte, barqueiro do Averno, se as ondas turbulentas e ruidosas do Parnaíba, que vão quebrando o silêncio dessas risonhas solidões cobertas da mais vigorosa e luxuriante vegetação, pudessem ser comparadas às águas silenciosas e letárgicas do Aqueronte.

— Meu amo, decerto, saiu hoje muito tarde da cidade, perguntou-me ele.

— Não, era apenas meio-dia. O que me atrasou foi o aguaceiro, que me pilhou em caminho. A chuva era tanta e tão forte o vento que meu cavalo quase não podia andar. Se não fosse isso, ao pôr do sol eu estava aqui.

— Então, quando entrou na mata, já era noite?...

— Oh! se era!... já tinha anoitecido havia mais de uma hora.

— E Vm. não viu aí, no caminho, nada que o incomodasse?...

— Nada, Cirino, a não ser às vezes o mau caminho, e o frio, pois eu vinha ensopado da cabeça aos pés.

— Deveras, não viu nada, nada? é o primeiro!... pois hoje que dia é?...

— Hoje é sábado.

— Sábado!... que me diz? E eu, na mente que hoje era sexta-feira!... oh! senhorinha!... eu tinha precisão de ir hoje ao campo buscar umas linhas que encomendei para meus anzóis, e não fui, porque esta minha gentinha de casa me disse que hoje era sexta-feira... e esta!... e hoje, com esta chuva, era dia de pegar muito peixe... Oh! senhorinha!... gritou o velho com mais força.

A este grito apareceu, saindo de um casebre vizinho, uma menina de oito a dez anos, fusca e bronzada, quase nua, bocejando e esfregando os olhos; mas que me mostrava ser uma criaturinha esperta e viva como uma capivara.

— Então, senhorinha, como é que tu vais-me dizer que hoje era sexta-feira?... ah! cachorrinha! deixa-te estar, que amanhã tu me pagas... então hoje que dia é?...

— Eu também não sei, papai, foi a mamãe que me mandou que falasse que hoje era sexta...

— É o que tua mãe sabe te ensinar: é a mentir!... deixa, que vocês outra vez não me enganam mais. Sai daqui: vai-te embora dormir, velhaquinha!

Depois que a menina, assim enxotada, se retirou, lançando um olhar cobiçoso sobre umas espigas de milho verde que os caboclos estavam a assar, o velho continuou:

— Veja o que são artes de mulher! a minha velha é muito ciumenta, e inventa todos os modos de não me deixar um passo fora daqui. Agora não me resta um só anzol com linha, o último lá se foi esta noite, na boca de um dourado; e, por culpa dessa gente, não tenho maneiras de ir matar um peixe para meu amo almoçar amanhã!...

— Não te dê isso cuidado, Cirino; mas conta-me que te importava que hoje fosse sexta ou sábado, para ires ao campo buscar as tuas linhas?...

— O quê!... meu amo? eu atravessar o caminho dessa mata em dia de sexta-feira?!... é mais fácil eu descer por esse rio abaixo em uma canoa sem remo!... não era à toa que eu estava perguntando se não lhe aconteceu nada no caminho.

— Mas o que há nesse caminho?... conta-me, eu não vi nada.
— E nem podia ver: o que lhe valeu foi não ser hoje sexta-feira, se não havia de ver como eu vi...

— Mas ver o que, Cirino?...

— Vm. não viu, daqui a obra de três quartos de légua, à mão direita de quem vem, um meio claro na beirada do caminho, e uma cova meio aberta com uma cruz de pau?

— Não reparei; mas sei que há por aí uma sepultura de que se contam muitas histórias.

— Pois muito bem! aí nessa cova é que foi enterrado o defunto Joaquim Paulista. Mas é a alma dele só que mora aí: o corpo mesmo, esse anda espatifado aí por essas matas, que ninguém mais sabe dele.

— Ora valha-te Deus, Cirino! Não te posso entender. Até aqui eu acreditava que, quando se morre, o corpo vai para a sepultura, e a alma para o céu, ou para o inferno, conforme as suas boas ou más obras. Mas, com o teu defunto, vejo agora, pela primeira vez, que se trocaram os papéis: a alma fica enterrada e o corpo vai passear.

— Vm, não quer acreditar!... pois é coisa sabida aqui, em toda esta redondeza, que os ossos de Joaquim paulista não estão dentro dessa cova, e que só vão lá nas sextas-feiras para assombrar os vivos; e desgraçado daquele que passar aí em noite de sexta-feira!...

— Que acontece?...

— Aconteceu o que já me aconteceu, como vou lhe contar.



Capítulo II

UM DIA, há de haver coisa de dez anos, eu tinha ido ao campo, à casa de um meu compadre que mora daqui a três léguas.

Era uma sexta-feira, ainda me lembro, como se fosse hoje.

Quando montei no meu burro para vir-me embora, já o sol estava baixinho; quando cheguei na mata, já estava escuro; fazia um luar manhoso, que ainda atrapalhava mais a vista da gente.

Já eu ia entrando na mata, quando me lembrei que era sexta-feira. Meu coração deu uma pancada e a modo que estava me pedindo que não fosse para diante. Mas fiquei com vergonha de voltar. Pois um homem, já de idade como eu, que desde criança estou acostumado a varar por esses matos a toda hora do dia ou da noite, hei de agora ter medo? de quê?

Encomendei-me de todo o coração à Nossa Senhora da Abadia, tomei um bom trago na guampa que trazia sortida na garupa, joguei uma masca de fumo na boca, e toquei o burro para diante. Fui andando, mas sempre cismado; todas as histórias que eu tinha ouvido contar da cova de Joaquim Paulista, estavam-se me representando na ideia: e ainda, por meus pecados, o diabo do burro não sei o que tinha nas tripas, que estava a refugar e a passarinhar numa toada.

Mas, a poder de esporas, sempre vim varando. À proporção que ia chegando perto do lugar onde está a sepultura, meu coração ia ficando pequenino. Tomei mais um trago, rezei o Creio em Deus Padre, e toquei para diante. No momento mesmo em que eu ia passar pela sepultura, que eu queria passar de galope e voando se fosse possível, aí é que o diabo do burro dos meus pecados empaca de uma vez, que não houve força de esporas que o fizesse mover.

Eu já estava decidido a me apear, largar no meio do caminho burro com sela e tudo, e correr para a casa; mas não tive tempo. O que eu vi, talvez Vm. não acredite; mas eu vi como estou vendo este fogo: vi com estes olhos, que a terra há de comer, como comeu os do pobre Joaquim Paulista... mas os dele nem foi a terra que comeu, coitado! foram os urubus, e os bichos do mato. Dessa feita acabei de acreditar que ninguém morre de medo; se morresse, eu lá estaria até hoje fazendo companhia ao Joaquim Paulista. Cruz!... Ave Maria!...

Aqui o velho fincou os cotovelos nos joelhos, escondeu a cabeça entre as mãos e pareceu-me que resmungou uma Ave-Maria. Depois acendeu o cachimbo, e continuou:

— Vm. se reparasse, havia de ver que o mato faz uma pequena aberta da banda, em que está a sepultura do Joaquim Paulista.

A lua batia de chapa na areia branca do meio da estrada. Enquanto eu estou esporeando com toda a força a barriga do burro, salta lá, no meio do caminho, uma cambada de ossinhos brancos, pulando, esbarrando uns nos outros, e estalando numa toada certa, como gente que está dançando ao toque de viola. Depois, de todos os lados, vieram vindo outros ossos maiores, saltando e dançando da mesma maneira.

Por fim de contas, veio vindo lá, de dentro da sepultura, uma caveira branca como papel, e com os olhos de fogo; e dando pulos como sapo, foi-se chegando para o meio da roda. Daí começam aqueles ossos todos a dançar em roda da caveira, que estava quieta no meio, dando de vez em quando, pulos no ar, e caindo no mesmo lugar, enquanto os ossos giravam num corrupio, estalando uns nos outros, como fogo da queimada, quando pega forte num sapezal.

Eu bem queria fugir, mas não podia; meu corpo estava como estátua, meus olhos estavam pregados naquela dança dos ossos, como sapo quando enxerga cobra; meu cabelo, enroscado como Vm. está vendo, ficou em pé como espetos.

Daí a pouco os ossinhos mais miúdos, dançando, dançando sempre e batendo uns nos outros, foram-se ajuntando e formando dois pés de defunto.

Esses pés não ficam quietos, não; e começam a sapatear com os outros ossos numa roda viva. Agora são os ossos das canelas, que lá vêm saltando atrás dos pés, e de um pulo, trás...! se encaixam em cima dos pés. Daí a um nada vêm os ossos das coxas, dançando em roda das canelas, até que, também de um pulo, foram-se encaixar direitinho nas juntas dos joelhos. Toca agora as duas pernas que já estão prontas a dançar com os outros ossos.

Os ossos dos quadris, as costelas, os braços, todos esses ossos que ainda agora saltavam espalhados no caminho, a dançar, a dançar, foram pouco a pouco se ajuntando e embutindo uns nos outros, até que o esqueleto se apresentou inteiro, faltando só a

cabeça. Pensei que nada mais teria que ver; mas ainda me faltava o mais feio. O esqueleto pega na caveira e começa a fazê-la rolar pela estrada, e a fazer mil artes e piruetas; depois entra a jogar peteca com ela, e a atirá-la pelos ares mais alto, mais alto, até o ponto de fazê-la sumir-se lá pelas nuvens; a caveira gemia zunindo pelos ares, e vinha estalar nos ossos da mão do esqueleto, como uma espoleta que rebenta. Afinal o esqueleto escanchou as pernas e os braços, tomando toda a largura do caminho, e esperou a cabeça, que veio cair direito no meio dos ombros, como uma cabaça oca que se rebenta em uma pedra, e olhando para mim com os olhos de fogo!...

Ah! meu amo!... eu não sei o que era feito de mim!... eu estava sem fôlego, com a boca aberta, querendo gritar e sem poder, com os cabelos espetados; meu coração não batia, meus olhos não pestanejavam. O meu burro mesmo estava tremer e encolhia-se todo, como quem queria sumir-se debaixo da terra. Oh! se eu pudesse fugir naquela hora, eu fugia ainda que tivesse de entrar pela goela de uma sucuri adentro.

Mas ainda não contei tudo. O maldito esqueleto do inferno — Deus me perdoe! — não tendo mais nem um ossinho com quem dançar, assentou de divertir-se comigo, que ali estava sem pingo de sangue, e mais morto do que vivo, e começa a dançar defronte de mim, como essas figurinhas de papelão que as crianças, com uma cordinha, fazem dar de mão e de pernas; vai-se chegando cada vez mais para perto, dá três voltas em roda de mim, dançando e estalando as ossadas, e por fim de contas, de um pulo, encaixa-se na minha garupa...

Eu não vi mais nada depois; fiquei atordoado. Pareceu-me que o burro saiu comigo e como maldito fantasma, zunindo pelos ares, e nos arrebatava por cima das mais altas árvores.

Valha-me Nossa Senhora da Abadia e todos os santos da corte celeste! gritava eu dentro do coração, porque a boca essa nem podia piar. Era à toa; desacorçoei, e pensando que ia por esses ares nas unhas de Satanás, esperava a cada instante ir estourar nos infernos.

Meus olhos se cobriram de uma nuvem de fogo, minha cabeça começou a andar a roda, e não sei mais o que foi feito de mim.

Quando dei acordo de mim, foi no outro dia, na minha cama, a sol alto.

Quando a minha velha, de manhã cedo, foi abrir a porta, me encontrou no terreiro, estendido no chão, desacordado, e o burro selado perto de mim.

A porteira da manga estava fechada; como é que esse burro pôde entrar comigo para dentro, é que não sei. Portanto ninguém me tira da cabeça que o burro veio comigo pelos ares.

Acordei com o corpo todo moído, e com os miolos me pesando como se fossem de chumbo, e sempre com aquele maldito estalar de ossos nos ouvidos, que me perseguiu por mais de um mês.

Mandei dizer duas missas pela alma de Joaquim Paulista, e jurei que nunca mais havia de pôr meus pés fora de casa em dia de sexta-feira.



Capítulo III

O VELHO BARQUEIRO contava esta tremenda história de modo mais tosco, porém muito mais vivo do que eu acabo de escrevê-la, e acompanhava a narração de uma gesticulação selvática e expressiva e de sons imitativos que não podem ser representados por sinais escritos. A hora avançada, o silêncio e solidão daqueles sítios, teatro desses assombrosos acontecimentos, contribuíam também grandemente para torná-los quase visíveis e palpáveis. Os caboclos, de boca aberta, o escutavam como olhos e ouvidos transidos de pavor, e de vez em quando, estremecendo, olhavam em derredor pela mata, como que receando ver surgir o temível esqueleto a empolgar e levar pelos ares alguns deles.

— Com efeito, Cirino! disse-lhe eu, foste vítima da mais pavorosa assombração de que há exemplo, desde que andam por este mundo as almas do outro. Mas quem sabe se não foi a força

do medo que te fez ver tudo isso? Além disso, tinhas ido muitas vezes à guampa, e talvez ficasses com a vista turva e a cabeça um tanto desarranjada...

— Mas, meu amo, não era a primeira vez que eu tomava o meu gole, nem que andava de noite por esses matos, e como é que nunca vi ossos de gente dançando no meio do caminho? ...

— Os teus miolos é que estavam dançando, Cirino; disso estou eu certo. Tua imaginação, exaltada a um tempo pelo medo e pelos repetidos beijos que davas na tua guampa, é que te fez ir voando pelos ares nas garras de Satanás. Escuta; vou te explicar como tudo isso te aconteceu muito naturalmente. Como tu mesmo disseste, entraste na mata com bastante medo, e, portanto, disposto a transformar em coisas do outro mundo tudo quanto confusamente vias no meio de uma floresta frouxamente alumiada por um luar escasso. Acontece ainda para teu mal que, no momento mais crítico, quando ias passando pela sepultura, empaca-te o maldito burro. Faço ideia de como ficaria essa pobre alma, e até me admiro de que não visses coisas piores!

— Mas então que diabo eram aqueles ossos a dançarem, dançarem tão certo, como se fosse a toque de música, e aquele esqueleto branco, que me trepou na garupa, e me levou por esses ares?

— Eu te digo. Os ossinhos que dançavam, não eram mais do que os raios da lua, que vinham peneirados por entre os ramos dos arvoredos balançados pela viração, brincar e dançar na areia branca do caminho. Os estalos, que ouvias, eram sem dúvida de alguns porcos do mato, ou outro qualquer bicho, que andavam ali por perto a quebrar nos dentes cocos de baguassú, o que, como bem sabes, faz uma estralada dos diabos.

— E a caveira, meu amo?... de certo era alguma cabaça velha que um rato do campo vinha rolando pela estrada...

— Não era preciso tanto; uma grande folha seca, uma pedra, um toco, tudo te podia parecer uma caveira naquela ocasião.

Tudo isto te fez andar à roda a cabeça azoinada, e o mais tudo que viste foi obra de tua imaginação e de teus sentidos

perturbados. Depois, qualquer coisa, talvez um maribondo que o picou...

— Maribondo de noite!... ora, meu amo!... exclamou o velho com uma gargalhada.

— Pois bem!... fosse o que fosse; qualquer outra coisa ou capricho de burro, o certo é que o teu macho saiu contigo aos corcovos; ainda que atordoado, o instinto da conservação fez que te agarrasses bem à sela, e tiveste a felicidade de vir dar contigo em terra mesmo à porta de tua casa, e eis aí tudo.

O velho barqueiro ria com a melhor vontade, zombando de minhas explicações.

— Qual, meu amo, disse ele, réstia de luar não tem aparência nenhuma com osso de defunto, e bicho do mato, de noite, está dormindo na toca, e não anda roendo coco.

E pode Vm. ficar certo de que, quando eu tomo um gole, aí é que minha vista fica mais limpa e o ouvido mais afiado.

— É verdade, e, a tal ponto, que até chegas a ver e ouvir o que não existe.

— Meu amo tem razão; eu também, quando era moço, não acreditava em nada disso por mais que me jurassem. Foi-me preciso ver para crer; e Deus o livre a Vm. de ver o que eu já vi.

— Eu já vi, Cirino; já vi, mas nem assim acreditei.

— Como assim, meu amo?...

— É que nesses casos eu não acredito nem nos meus próprios olhos, senão depois de estar bem convencido, por todos os modos, de que eles não enganam.

Eu te conto um caso que me aconteceu.

Eu ia viajando sozinho — por onde não importa — de noite, por um caminho estreito, em um cerradão fechado, e vejo ir, andando a alguma distância diante de mim, qualquer coisa, que na escuridão não pude distinguir. Aperto um pouco o passo para reconhecer o que era, e vi clara e perfeitamente dois pretos carregando um defunto dentro de uma rede.

Bem poderia ser também qualquer criatura viva, que estivesse doente ou mesmo em perfeita saúde; mas, nessas ocasiões, a imaginação, não sei por quê, não nos representa senão defuntos. Uma aparição daquelas, em lugar tão ermo e longe de povoação, não deixou de me causar terror.

Contudo o caso não era extraordinário; carregar um cadáver em rede, para ir sepultá-lo em algum cemitério vizinho, é coisa que se vê muito nesses sertões, ainda que àquelas horas o negócio não deixasse de se tornar bastante suspeito.

Piquei o cavalo para passar adiante daquela sinistra visão que me estava incomodando o espírito, mas os condutores da rede também apressaram o passo, e se conservavam sempre na mesma distância.

Pus o cavalo a trote; os pretos começaram também a correr com a rede. O negócio ia-se tornando mais feio. Retardei o passo para deixá-los adiantarem-se: também foram indo mais devagar. Parei; também pararam. De novo marchei para eles; também se puseram a caminho.

Assim andei por mais de meia hora, cada vez mais aterrado, tendo sempre diante dos olhos aquela sinistra aparição que parecia apostada em não me querer deixar, até que, exasperado, gritei-lhes que me deixassem passar ou ficar atrás, que eu não estava disposto a fazer-lhes companhia. Nada de resposta!... o meu terror subiu de ponto, e confesso que estive por um nada a dar de rédea para trás a bom fugir.

Mas negócios urgentes me chamavam para diante: revesti-me de um pouco de coragem que ainda me restava, cravei as esporas no cavalo e investi para o sinistro vulto a todo galope. Em poucos instantes o alcancei de perto e vi... adivinhem o que era?... nem que deem volta ao miolo um ano inteiro, não são capazes de atinar com o que era. Pois era uma vaca!...

— Uma vaca!... como!...

— Sim, senhores, uma vaca malhada, que tinha a barriga toda branca — era a rede, — e os quartos traseiros e dianteiros

inteiramente pretos; eram os dois negros que a carregavam. Pilhada por mim naquele caminho estreito, sem poder desviar nem para uma banda nem para outra, porque o mato era um cerradão inteiramente tapado, o pobre animal ia fugindo diante de mim; se eu parava, também parava, porque não tinha necessidade de viajar; se eu apertava o passo, lá ia ela também para diante, fugindo de mim. Entretanto se eu não fosse reconhecer de perto o que era aquilo, ainda hoje havia de jurar que tinha visto naquela noite dois pretos carregando um defunto em uma rede, tão completa era a ilusão. E depois, se quisesse indagar mais do negócio, como era natural, sabendo que nenhum cadáver se tinha enterrado em toda aquela redondeza, havia de ficar acreditando de duas uma: ou que aquilo era coisa do outro mundo, ou, o que era mais natural, que algum assassinato horrível e misterioso tinha sido cometido por aquelas criaturas.

A minha história nem de leve abalou as crenças do velho barqueiro que abanou a cabeça, e disse-me, chasqueando:

— A sua história está muito bonita; mas, perdoe que lhe diga, eu por mais escura que estivesse a noite e por mais que eu tivesse entrado no gole, não podia ver uma rede onde havia uma vaca; só pelo faro eu conhecia. Meu amo decerto tinha poeira nos olhos.

Mas vamos que Vm., quando investiu para os vultos, em vez de esbarrar com uma vaca, topasse mesmo uma rede carregando um defunto, que este defunto saltando fora da rede lhe pulasse na garupa e o levasse pelos ares com cavalo e tudo, de modo que Vm., não desse acordo de si, senão no outro dia em sua casa e sem saber como?... havia de pensar, ainda, que eram abusões?

— Esse não era o meu medo; o que eu temia, era que aqueles negros não acabassem ali comigo, e, em vez de um, carregassem na mesma rede dois defuntos para a mesma cova!

O que dizes era impossível.

— Impossível!... e como é que me aconteceu?... Se não fosse tão tarde, para Vm. acabar de crer, eu lhe contava por que motivo a

sepultura de Joaquim Paulista ficou sendo assim mal-assombrada. Mas meu amo viajou; há de estar cansado da jornada e com sono.

— Qual sono!... conta-me; vamos a isso.

— Pois vá escutando.



Capítulo IV

O TAL JOAQUIM PAULISTA era um cabo do destacamento que naquele tempo havia aqui no Porto. Era bom rapaz e ninguém tinha queixa dele.

Havia aqui, também, por esse tempo, uma rapariga, por nome Carolina, que era o desassossego de toda a rapaziada.

Era uma caboclinha escura, mas bonita e sacudida como ela aqui ainda não pisou outra; com uma viola na mão, a rapariga tocava e cantava que dava gosto; quando saía para o meio de uma sala, tudo ficava de queixo caído; a rapariga sabia fazer requebrados e sapateados, que era um feitiço. Em casa dela, que era um ranchinho ali da outra banda, era súcias todos os dias; e também todos os dias havia soldado de castigo por amor de barulhos e desordens.

Joaquim Paulista tinha uma paixão louca pela Carolina; mas ela andava de amizade com um outro camarada, de nome Timóteo, que a tinha trazido de Goiás, ao qual queria muito bem. Vai um dia, não sei que diabo de dúvida tiveram os dois, que a Carolina se despartou do Timóteo e fugiu para a casa de uma amiga, aqui no campo. Joaquim Paulista, que há muito tempo bebia os ares por ela, achou que a ocasião era boa, e tais artes armou, tais agrados fez à rapariga, que tomou conta dela. Ah! pobre rapaz!... se ele adivinhasse, nem nunca teria olhado para aquela rapariga. O Timóteo, quando soube do caso, urrou de raiva e de ciúme; ele estava esperando que, passados os primeiros arrufos da briga, ela o viria procurar se ele não fosse buscá-la, como já de outras vezes tinha acontecido. Mas desta vez tinha-se enganado.

A rapariga estava por tal sorte embeijada com o Joaquim Paulista, que de modo nenhum quis saber do outro, por mais que ele rogasse, teimasse, chorasse e ameaçasse mesmo de matar uma ou outro. O Timóteo desenganou-se, mas ficou calado e guardou seu ódio no coração.

Estava esperando uma ocasião.

Assim passaram-se meses, sem que houvesse novidade. O Timóteo vivia em muito boa paz com o Joaquim Paulista, que, tendo muito bom coração, nem de leve cismava que seu camarada lhe guardasse ódio.

Um dia, porém, Joaquim Paulista teve ordem do comandante do destacamento para marchar para a cidade de Goiás. Carolina, que era capaz de dar a vida por ele, jurou que havia de acompanhá-lo. O Timóteo danou. Viu que não era possível guardar para mais tarde o cumprimento de sua tenção danada, jurou que ele havia de acabar desgraçado, mas que Joaquim Paulista e Carolina não haviam de ir viver sossegados longe dele, e assim combinou, com outro camarada, tão bom ou pior do que ele, para dar cabo do pobre rapaz.

Nas vésperas da partida, os dois convidaram ao Joaquim para irem ao mato caçar. Joaquim Paulista, que não maliciava nada, aceitou o convite, e no outro dia, de manhã, saíram os três a caçar pelo mato. Só voltaram no outro dia de manhã, mais dois somente; Joaquim Paulista, esse tinha ficado, Deus sabe aonde.

Vieram contando, com lágrimas nos olhos, que uma cascavel tinha mordido Joaquim Paulista em duas partes, e que o pobre rapaz, sem que eles pudessem valer-lhe, em poucas horas tinha expirado no meio do mato; que não podendo carregar o corpo, porque era muito longe, e temendo que o não pudessem encontrar mais, e que os bichos o comessem, o tinham enterrado lá mesmo; e, para prova disso, mostravam a camisa do desgraçado, toda manchada de sangue preto e envenenado.

Mentira tudo!... O caso foi este, como depois se soube.

Quando os dois malvados já estavam bem longe por essa mata abaixo, deitaram a mão no Joaquim Paulista, o agarraram, e amararam em uma árvore. Enquanto estavam nesta lida, o coitado do rapaz, que não podia resistir àqueles dois ursos, pedia por quantos santos há que não judiassem com ele, que não sabia que mal tinha feito a seus camaradas, que se era por causa da Carolina, ele jurava nunca mais pôr os olhos nela, e iria embora para Goiás, sem ao menos dizer-lhe adeus. Era à toa. Os dois malvados nem ao menos lhe davam resposta.

O camarada de Timóteo era mandigueiro e curado de cobra, pegava ai no mais grosso jaracuçu ou cascavel, as enrolava no braço, no pescoço, metia a cabeça delas dentro da boca, brincava e judiava com elas de toda a maneira, sem que lhe fizessem mal algum. Na hora em que ele enxergava uma cobra, bastava pregar os olhos nela, a cobra não se mexia do lugar. Em cima de tudo, o diabo do soldado sabia um assovio com que chamava cobra, quando queria.

A hora que ele dava esse assovio, se havia por ali perto alguma cobra, havia de aparecer por força. Dizem que ele tinha parte com o diabo, e todo mundo tinha medo dele como do próprio capeta.

Depois que amarraram bem amarrado o pobre Joaquim Paulista, o camarada do Timóteo desceu pelas furnas de uns grotões abaixo, e andou por lá muito tempo, assoviando o tal assovio que ele conhecia. O Timóteo ficou de sentinela ao Joaquim Paulista, que estava caladinho, coitado! encomendando sua alma a Deus. Quando o soldado voltou, trazia em cada uma das mãos, apertado pela garganta, uma cascavel mais grossa do que esta minha perna. Os bichos desesperados batiam e se enrolavam pelo corpo do soldado, que nessa hora devia estar medonho que nem o diabo.

Então Joaquim Paulista compreendeu que qualidade de morte lhe iam dar aqueles dois desalmados. Pediu, rogou, mas debalde, que, se queriam matá-lo, pregassem-lhe uma bala na cabeça, ou enterrassem-lhe uma faca no coração por piedade, mas não o fizeram morrer de um modo tão cruel.

— Isso querias tu, disse o soldado, para nós irmos para a força! nada! estas duas meninas é que hão de carregar com a culpa de tua morte; para isso é que fui buscá-las; nós não somos carrascos.

— Joaquim, disse o Timóteo, faze teu ato de contrição e deixa-te de histórias.

— Não tenhas medo, rapaz!... continua o outro. Estas meninas são muito boazinhas; olha como elas estão me abraçando!... Faze de conta que são os dois braços da Carolina, que vão te apertar num gostoso abraço...

Aqui o Joaquim põe-se a gritar com quanta força tinha, a ver se alguém, acaso, podia ouvi-lo e acudir-lhe. Mas, sem perder tempo, o Timóteo pega num lenço e atocha-lhe na boca; mais que depressa o outro atira-lhe por cima os dois bichos, que no mesmo instante o picaram por todo o corpo. Imediatamente mataram as duas cobras, antes que fugissem. Não levou muito tempo, o pobre rapaz estrebuchava, dando gemidos de cortar o coração, e deitava sangue pelo nariz, pelos ouvidos e por todo o corpo.

Quando viram que o Joaquim já quase não podia falar, nem mover-se, e que não tardava a dar o último suspiro, desamarraram-no, tiraram-lhe a camisa, e o deixaram ai perto das duas cobras mortas.

Saíram e andaram todo o dia, dando voltas pelo campo.

Quando foi anoitecendo, embocaram pela estrada da mata, e vieram descendo para o porto. Teriam andado obra de uma légua, quando enxergaram um vulto, que ia andando adiante deles, devagarinho, encostado num pau e gemendo.

— É ele, disse um deles espantado; não pode ser outro.

— Ele!... é impossível... só por um milagre.

— Pois eu juro em como não é outro, e nesse caso toca a dar cabo dele já.

— Que dúvida!

Nisto adiantaram-se e alcançaram o vulto.

Era o próprio Joaquim Paulista!

Sem mais demora socaram-lhe a faca no coração, e deram-lhe cabo dele já.

— Agora como há de ser? diz um deles, não há remédio senão fugir, senão estamos perdidos...

— Qual fugir! o comandante talvez não cisme nada; e no caso que haja alguma coisa, estas cadeiazinhas desta terra são nada para mim?... Portanto vai tu escondido, lá embaixo no porto, e traz uma enxada; enterremos o corpo ai no mato; e depois diremos que morreu picado de cobra.

Isto dizia o Timóteo, que, com o sentido na Carolina, não queria perder o fruto do sangue que derramou.

Com efeito assim fizeram; levaram toda a noite a abrir a sepultura para o corpo, no meio do mato, de uma banda do caminho que, nesse tempo, não era por aí, passava mais arredado. Por isso não chegaram, senão no outro dia de manhã.

— Mas, Cirino, como é que Joaquim pôde escapar das mordeduras das cobras, e como se veio a saber de tudo isso?...

— Eu já lhe conto, disse o velho.

E depois de fazer uma pausa para acender o cachimbo, continuou:

— Deus não queria que o crime daqueles amaldiçoados ficasse escondido. Quando os dois soldados deixaram por morto o Joaquim Paulista, andava por aquelas alturas um caboclo velho, cortando palmitos. Aconteceu que, passando por aí não muito longe, ouviu voz de gente, e veio vindo com cautela a ver o que era; quando chegou a descobrir o que se estava passando, frio e tremendo de susto, o pobre velho ficou espiando de longe, bem escondido numa moita, e viu tudo, desde a hora em que o soldado veio da furna com as cobras na mão. Se aqueles malditos o tivessem visto ali, tinham dado cabo dele também.

Quando os dois se foram embora, então o caboclo, com muito cuidado, saiu da moita, e veio ver o pobre rapaz, que estava morre não morre!... O velho era mesinheiro muito mestre, e benzedor, que tinha fama em toda a redondeza.

Depois que olhou bem o rapaz, que já com a língua perra não podia falar, e já estava cego, andou catando pelo mato umas folhas

que ele lá conhecia, mascou-as bem, cuspiu a saliva nas feridas do rapaz, e depois benzeu bem benzidas elas todas, uma por uma.

Quando foi daí a uma hora, já o rapaz estava mais aliviado, e foi ficando cada vez a melhor, até que, enfim, pôde ficar em pé, já enxergando alguma coisa.

Quando se podendo andar um pouco, o caboclo cortou um pau, botou na mão dele, e veio com ele, muito devagar, ajudando-o a caminhar até que, a muito custo, chegaram na estrada.

Aí o velho disse:

— Agora você esta na estrada, pode ir indo sozinho com seu vagar, que daqui a nada você está em casa.

Amanhã, querendo Deus, eu lá vou vê-lo outra vez. Adeus, camarada; Nossa Senhora te acompanhe.

O bom velho mal pensava, que, fazendo aquela obra de caridade, ia entregar outra vez à morte aquele infeliz a quem acabava de dar a vida. Um quarto de hora mais que se demorasse, Joaquim Paulista estava escapo. Mas o que tinha de acontecer estava escrito lá em cima.

Não bastava ao coitado do Joaquim Paulista ter sido tão infeliz em vida, a infelicidade o perseguiu até depois de morto.

O comandante do destacamento, que não era nenhum samora, desconfiou do caso. Mandou prender os dois soldados, e deu parte na vila ao juiz, que daí a dois dias veio com o escrivão para mandar desenterrar o corpo. Vamos agora saber onde é que ele estava enterrado. Os dois soldados, que eram os únicos que podiam saber, andavam guiando a gente para uns rumos muito diferentes, e como nada se achava, fingiam que tinham perdido o lugar.

Bateu-se mato um dia inteiro sem se achar nada.

Afinal de contas os urubus é que vieram mostrar onde estava a sepultura. Os dois soldados tinham enterrado mal o corpo. Os urubus pressentiram o fétido da carniça e vieram-se ajuntar nas árvores em redor. Desenterrou-se o corpo, e via-se então uma grande facada no peito, do lado esquerdo. O corpo já estava apodrecendo e com muito mau cheiro. Os que o foram enterrar de

novo, aflitos por se verem livres daquela fedentina, mal apenas jogaram à pressa alguns punhados de terra na cova, e deixaram o corpo ainda mais mal enterrado do que estava.

Vieram depois os porcos, os tatus, e outros bichos, cavucaram a cova, espatifaram o cadáver, e andaram, espalhando os ossos do defunto aí por toda essa mata.

Só a cabeça é, que dizem, que ficou na sepultura.

Uma alma caridosa, que um dia encontrou um braço do defunto no meio da estrada, levou-o para a sepultura, encheu a cova da terra, socou bem, e fincou aí uma cruz. Foi tempo perdido; no outro dia a cova estava aberta tal qual como estava dantes. Ainda outras pessoas depois teimavam em ajuntar os ossos e enterrá-los bem. Mas no outro dia a cova estava aberta, assim como até hoje está.

Diz o povo que enquanto não se ajuntar na sepultura até o último ossinho do corpo de Joaquim Paulista, essa cova não se fecha. Se é assim, já se sabe que tem de ficar aberta para sempre. Quem é que há de achar esses ossos que, levados pelas enxurradas, já lá foram talvez rodando por esse Parnaíba abaixo?

Outros diziam que, enquanto os matadores de Joaquim Paulista estivessem vivos neste mundo, a sua sepultura havia de andar sempre aberta, nunca os seus ossos teriam sossego, e haviam de andar sempre assombrando os viventes cá neste mundo.

Mas esses dois malvados já há de muito tempo foram dar contas ao diabo do que andavam fazendo por este mundo, e a coisa continua na mesma.

O antigo camarada da Carolina, esse morreu no caminho de Goiás; a escolta que o levava, para cumprir sentença de galés por toda a vida, com medo que ele fugisse, pois o rapaz tinha artes do diabo, assentou de acabar com ele; depois contaram uma história de resistência, e não tiveram nada.

O outro, que era currado de cobra, tinha fugido; mas como ganhava a vida brincando com cobras e matava gente com elas, veio também a morrer na boca de uma delas.

Um dia em que estava brincando com um grande urutu preto, à vista de muita gente que estava a olhar de queixo caído, a bicha perdeu-lhe o respeito, e em tal parte e em tão má hora lhe deu um bote, que o maldito caiu logo estrebuchando, e em poucos instantes deu a alma ao diabo. Deus me perdoe, mas aquela fera não podia ir para o céu. O povo não quis por maneira nenhuma que ele fosse enterrado no sagrado, e mandou atirar o corpo no campo para os urubus.

Enfim eu fui à vila pedir ao vigário velho, que era o defunto padre Carmelo, para vir benzer a sepultura de Joaquim Paulista, e tirar dela essa assombração que aterra todo este povo. Mas o vigário disse que isso não valia de nada; que enquanto não se dissessem pela alma do defunto tantas missas quantos ossos tinha ele no corpo, contando dedos, unhas, dentes e tudo, nem os ossos teriam sossego, nem a assombração acabaria, nem a cova se havia de fechar nunca.

Mas se os povos quisessem, e aprontassem as esmolas, que ele dizia as missas, e tudo ficaria acabado. Agora quem há de contar quantos ossos a gente tem no corpo, e quando é que esses moradores, que são todos pobres como eu, hão de aprontar dinheiro para dizer tanta missa?...

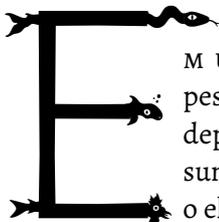
Portanto já se vê, meu amo, que o que lhe contei não é nenhum abuso; é coisa certa e sabida em toda esta redondeza. Todo esse povo aí está que não me há de deixar ficar mentiroso.

À vista de tão valentes provas, dei pleno crédito a tudo quanto o barqueiro me contou, e espero que os meus leitores acreditarão comigo, piamente, que o velho barqueiro do Parnaíba, uma bela noite, andou pelos ares montado em um burro, com um esqueleto na garupa.

Publicado pela primeira vez no livro *Lendas e romances*, pela editora Garnier, no Rio de Janeiro e em Paris, em 1871. Reproduzido a partir da reedição pela Martins Fontes, em São Paulo, 2006.

A ESCRAVA

Maria Firmina dos Reis



EM UM SALÃO onde se achavam reunidas muitas pessoas distintas, e bem colocadas na sociedade e depois de versar a conversação sobre diversos assuntos mais ou menos interessantes, recaiu sobre o elemento servil.

O assunto era por sem dúvida de alta importância. A conversação era geral: as opiniões, porém, divergiam. Começou a discussão.

— Admira-me, disse uma senhora, de sentimentos sinceramente abolicionistas; faz-me até pasmarmos como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove! A moral religiosa, e a moral cívica aí se erguem, e falam bem alto esmagando a hidra que envenena a família no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza, e avilta a nação inteira!

Levantai os olhos ao Gólgota, ou percorrei-os em torno da sociedade, e dizei-me:

Para que se deu em sacrifício, o Homem Deus, que ali exalou seu derradeiro alento? Ah! Então não era verdade que seu sangue era o resgate do homem! É então uma mentira abominável ter esse sangue comprado a liberdade!? E depois, olhai a sociedade... Não vedes o abutre que a corrói constantemente!... Não sentis a desmoralização que a enerva, o cancro que a destrói?

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e sempre será um grande mal. Dela a decadência do comércio: porque o comércio, e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado.

Ele não tem futuro; o seu trabalho não é indenizado; ainda dela nos vem o opróbrio, a vergonha; porque de frente altiva e desassombrada não podemos encarar as nações livres; por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na frente de todos nós. Em balde procurará um dentro nós, convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira uma só gota de sangue escravo...

E depois, o caráter que nos imprime, e nos envergonha!

O escravo é olhado por todos como vítima — e o é.

O senhor, que papel representa na opinião social?

O senhor é o verdugo — e esta qualificação é hedionda.

Eu vou narrar-vos, se me quiserdes prestar atenção, um fato que ultimamente se deu. Poderia citar-vos uma infinidade deles; mas este basta, para provar o que acabo de dizer sobre o algoz e a vítima.

E ela começou:

— Era uma tarde de agosto, bela como um ideal de mulher, poética como um suspiro de virgem, melancólica, e suave como sons longínquos de um alaúde misterioso.

Eu cismava embevecida na beleza natural das alterosas palmeiras, que se curvaram gemebundas, ao sopro do vento, que gemia na costa.

E o sol, dardejando seus raios multicores, pendia para o ocaso em rápida carreira.

Não sei que sensações desconhecidas me agitavam, não sei!... mas sentia-me com disposições para o pranto.

De repente uns gritos lastimosos, uns soluços angustiados feriram-me os ouvidos, e uma mulher correndo, e em completo desalinho passou por diante de mim, e como uma sombra desapareceu.

Segui-a com a vista. Ela espavorida, e trêmula, deu volta em torno de uma grande mouta de murta, e colando-se no chão nela se ocultou.

Surpresa com a aparição daquela mulher, que parecia foragida, daquela mulher que um minuto antes quebrara a solidão

com seus ais lamentosos, com gemidos magoados, com gritos de suprema angústia, permaneci com a vista alongada e olhar fixo, no lugar que a vi ocultar-se.

Ela muda, e imóvel, ali ficou-se.

Eu então a mim mesma, interroguei: Quem será a desditosa?

La procurá-la — coitada! Uma palavra de animação, um socorro, algum serviço, lembrei-me, poderia prestar-lhe. Ergui-me.

Mas no momento mesmo em que este pensamento, que acode a todo homem em idênticas circunstâncias, se me despertava, um homem apareceu no extremo oposto do caminho.

Era ele de cor parda, de estatura elevada, largas espáduas, cabelos negros, e anelados.

Fisionomia sinistra era a desse homem, que brandia, brutalmente, na mão direita um azorrague repugnante; e da esquerda deixava pender uma delgada corda de linho.

— Inferno! Maldição! Bradara ele, com voz rouca. Onde estará ela? E perscrutava com a vista por entre os arvoredos desiguais que desfilavam à margem da estrada.

— Tu me pagarás — resmungava ele. E aproximando-se de mim:

Não viu, minha senhora, interrogou com acento, cuja dureza procurava reprimir, — não viu por aqui passar uma negra, que me fugiu das mãos ainda há pouco? Uma negra que se finge douda... Tenho as calças rotas de correr atrás dela por estas brenhas. Já não tenho fôlego.

Aquele homem de aspecto feroz era o algoz daquela pobre vítima, compreendi com horror.

De pronto tive um expediente. — Vi-a, tornei-lhe com a naturalidade que o caso exigia: — vi-a, e ela também me viu, corria em direção a este lugar; mas parecendo intimidar-se com minha presença, tomou direção oposta, volvendo-se repentinamente sobre seus passos. Por fim a vi desaparecer, internando-se na espessura, muito além da senda que ali se abre.

E dizendo isto indiquei-lhe com um aceno a senda que ficava a mais de cem passos de distância, aquém do morro em que me achava.

Minhas palavras inexatas, o ardil de que me servi, visavam a fazê-lo retroceder: logrei o meu intento.

Franziu o sobrolho, e sua fisionomia traiu a cólera que o assaltou. Mordeu os beiços e rugiu:

— Maldita negra! Esbaforido, consumido, a meter-me por estes caminhos, pelos matos em procura da preguiçosa... Ora! Hei de encontrar-te; mas, deixa estar, eu te juro, será esta derradeira vez que me incomodas. No tronco... no tronco: e de lá foge!

Então, perguntei-lhe, aparentando o mais profundo indiferentismo, pela sorte da desgraçada, — foge sempre?

— Sempre, minha senhora. Ao menor descuido foge. Quer fazer acreditar que é douda.

— Douda! Exclamei involuntariamente, e com acento que traía os meus sentimentos.

Mas o homem do azorrague não pareceu reparar nisso, e continuou:

— Douda... douda fingida, caro te há de custar.

Acreditei-o o senhor daquela mísera; mas empenhada em vê-lo desaparecer daquele lugar, disse-lhe:

— A noite se avizinha, e se a deixa ir mais longe, difícil lhe será encontrá-la.

— Tem razão, minha senhora; eu parto imediatamente, e cumprimentando-me rudemente, retrocedeu correndo a mesma estrada que lhe tinha maliciosamente indicado.

Exalei um suspiro de alívio, ao vê-lo desaparecer na dobra do caminho.

O sol de todo sumia-se na orla cinzenta do horizonte, o vento paralisado não agitava as franças dos anosos arvoredos, só o mar gemia ao longe da costa, semelhando o arquejar monótono de um agonizante.

Ergui ao céu um voto de gratidão; e lembrei-me que era tempo de procurar minha desditosa protegida.

Ergui-me cônica de que ninguém me observava, e acerca-me já da moita de murta, quando um homem rompendo a espessura, apareceu ofegante, trêmulo e desvairado.

Confesso que semelhante aparição causou-me um terror imenso. Lembrei-me dos criados, que eu tinha convocado a essa hora naquele lugar, e que ainda não chegavam. Tive medo.

Parei! Instantaneamente, e fixei-o. Apesar do terror que me havia inspirado, fixei-o resolutamente.

De repente serenou o meu temor; olhei-o, e do medo, passei à consideração, ao interesse.

Era quase uma ofensa ao pudor fixar a vista sobre aquele infeliz, cujo corpo seminu mostrava-se coberto de recentes cicatrizes; entretanto sua fisionomia era franca, e agradável. O rosto negro, e descarnado; suposto seu juvenil aspecto aljofarado de copioso suor, seus membros alquebrados de cansaço, seus olhos rasgados, ora lânguidos pela comoção de angústia que se lhe pintava na fronte, ora deferindo luz errante, e trêmula, agitada, e incerta traduzindo a excitação, e o terror, tinham um quê de altamente interessante.

No fundo do coração daquele pobre rapaz, devia haver rasgos de amor, e generosidade.

Cruzamos, ele, e eu as vistas e ambos recuamos espavoridas. Eu, pelo aspecto comovente, e triste daquele infeliz, tão deserdado da sorte; ele, por que seria?

Isto teve a duração de um segundo apenas: recobrei ânimo em presença de tanta miséria, e tanta humilhação, e este ânimo procurei de pronto transmitir-lhe.

Longe de lhe ser hostil, o pobre negro compreendeu que eu ia talvez minorar o rigor de sua sorte; parou instantaneamente, cruzou as mãos no peito, e com voz súplice, murmurou algumas palavras que eu não pude entender.

Aquela atitude comovedora, despertou-me compaixão; apesar do medo que nos causa a presença dum calhambola, aproximei-me

dele, e com voz, que bem compreendeu ser protetora e amiga, disse-lhe:

— Quem és, filho? O que procuras?

— Ah! Minha senhora, exclamou erguendo os olhos ao céu, eu procuro minha mãe, que correu nesta direção, fugindo ao cruel feitor, que a perseguia. Eu também agora sou um fugido: porque há uma hora deixei o serviço para procurar minha pobre mãe, que além de douda está quase a morrer. Não sei se ele a encontrou; e o que será dela. Ah! Minha mãe! É preciso que eu corra, a ver se acho antes que o feitor a encontre. Aquele homem é um tigre, minha senhora, — é uma fera.

Ouvia-o, sem o interromper, tanto interesse me inspirava o mísero escravo.

— Amanhã, continuou ele, hei de ser castigado; porque saí do serviço, antes das seis horas, hei de ter trezentos açoites; mas minha mãe morrerá se ele a encontrar. Estava no serviço, coitada! Minha mãe caiu, desfalecida; o feitor lhe impôs que trabalhasse, dando-lhe açoites; ela deitou a correr gritando. Ele correu atrás. Eu corri também, corri até aqui porque foi esta a direção que tomaram. Mas, onde está ela, onde estará ele?

— Escuta, lhe tornei então, tua mãe está salva, salvou-a o acaso; e o feitor está agora bem longe daqui.

— Ah! Minha senhora, onde, onde está a minha mãe e quem a salvou?

— Segue-me, disse eu — tua mãe está ali — e aponte para a moita onde se refugiara.

— Minha mãe, sem receio de ser ouvido, exclamou o filho: minha mãe!...

Com efeito, ali com a fronte reclinada sobre um tronco decepado; e o corpo distendido no chão, dormia um sono agitado a infeliz foragida.

— Minha mãe, gritou-lhe ao ouvido curvando os joelhos em terra, tomando-a nos seus braços. Minha mãe... sou Gabriel...

A esta exclamação de pungente angústia, a mísera pareceu despertar.

Olhou-o fixamente; mas não articulou um som.

— Ah! redarguiu Gabriel, ah! Minha senhora! Minha mãe morreu!

Concheguei-me àquele grupo interessante a fim de prestar-lhe algum serviço. Com efeito era tempo. Ela era presa dum ataque espasmódico. Estava hirta e parecia prestes a exalar o derradeiro suspiro.

— Não, ela não morre deste ataque; mas é preciso prestar-lhe pronto socorro, — disse-lhe;

— Diga, minha senhora, tornou o rapaz na mais pungente ansiedade, que devo fazer?

Volte eu embora à fazenda, seja castigado com rigor; mas não quero, não posso ver minha mãe morrer aqui, sem socorro algum.

— Sossega, disse-lhe, vendo assomar ao morro, donde observavam tudo que acabo de narrar, os meus criados, que me procuravam; — espera, disse-lhe:

Vou fazer transportar tua mãe, à minha casa, e lhe farei tornar à vida.

— Diga, minha senhora, ordene.

— Não moro presentemente longe daqui. Sabes a distância que vai daqui à praia? Estou nos banhos salgados.

— Sei, sim, senhora, é muito perto. Que devo então fazer?

— Tu, e estes homens — os criados acabavam de chegar — vão transportá-la, imediatamente à minha morada, e lá procurarei reanimá-la.

— Oh! Minha senhora, que bondade! Foi só o que disse, e, ato contínuo, tomou nos braços a pobre mãe, ainda entregue ao seu dorido paroxismo, disse:

— Minha senhora, eu só levaria minha mãe ao fim do mundo.

Senti-me tocada de veneração em presença daquele amor filial, tão singelamente manifestado.

— Sigamos então, — tornei eu.

Gabriel caminhava tão apressadamente que eu mal podia acompanhá-lo.

Em menos de quinze minutos transpúnhamos o umbral da casinha, que há dois dias apenas eu habitava.

Eu bem conhecia a gravidade do meu ato: — recebia em meu lar dois escravos foragidos, e escravos talvez de algum poderoso senhor; era expor-me à vindita da lei; mas em primeiro lugar o meu dever, e o meu dever era socorrer aqueles infelizes.

Sim, a vindita da lei; lei que infelizmente ainda perdura, lei que garante ao forte o direito abusivo, e execrando de oprimir o fraco.

Mas, deixar de prestar auxílio àqueles desgraçados, tão abandonados, tão perseguidos, que nem para a agonia derradeira, nem para transpor esse tremendo portal da Eternidade, tinham sossego, ou tranqüilidade! Não.

Tomei com coragem a responsabilidade do meu ato: a humanidade me impunha esse santo dever.

Fiz deitar a moribunda em uma cama, fiz abrir as portas todas para que a ventilação se fizesse livre, e boa, e prestei-lhe os serviços, que o casourgia, e com tanta vantagem, que em pouco recuperou os sentidos.

Olhou em tomo de si, como que espantada do que via, e tornou a fechar os olhos.

Minha mãe!... minha mãe, de novo exclamou o filho.

Ao som daquela voz chorosa, e tão grata, ela ergueu a cabeça, distendeu os braços, e, com voz débil, murmurou:

— Carlos!... Urbano...

— Não, minha mãe, sou Gabriel.

— Gabriel, tornou ela, com voz estridente. É noite, e eles para onde foram?

— De quem fala ela? Interroguei Gabriel, que limpava as lágrimas na coberta da cama de sua mãe.

— É douda, minha senhora; fala de meus irmãos Carlos e Urbano, crianças de oito anos, que meu senhor vendeu para o Rio de Janeiro. Desde esse dia ela endoideceu.

— Horror! exclamei com indignação, e dor. Pobre mãe!

— Só lhe resto eu, continuou soluçando — só eu... só eu!... Entretanto a enferma pouco, e pouco recobrava as forças, a vida, e a razão. Fenômenos da morte, por assim dizer: é luta imponente embora, da natureza, com o extermínio.

— Gabriel? Gabriel — és tu?

— É noite. Eu morro... E o serviço? E o feito?

— Estás em segurança, pobre mulher, disse-lhe, — tu, e teu filho estão sob a minha proteção. Descansa, aqui ninguém lhes tocará com um dedo.

Como não devem ignorar, eu já me havia constituído então membro da sociedade abolicionista da nossa província, e da do Rio de Janeiro. Expedi de pronto um próprio à capital.

Então ela fixou-me, e em seus olhos brilhou lucidez, esperança, e gratidão.

Sorriu-se e murmurou.

— Inda há neste mundo quem se compadeça de um escravo?

— Há muita alma compassiva, retorqui-lhe, que se condói do sofrimento de seu irmão.

Naquela hora quase suprema, a infeliz exclamou com voz distinta.

— Não sabe, minha senhora, eu morro, sem ver mais meus filhos! Meu senhor os vendeu... eram tão pequenos... eram gêmeos. Carlos, Urbano...

Tenho a vista tão fraca... é a morte que chega. Não tenho pena de morrer, tenho pena de deixar meus filhos... Meus pobres filhos!... Aqueles que me arrancaram destes braços... este que também é escravo!...

E os soluços da mãe, confundiram-se por muito tempo, com os soluços do filho.

Era uma cena tocante, e lastimosa, que despedaçava o coração.

Ah! Maldição sobre a opressão! Maldição sobre o escravocrata! Cheguei-lhe aos lábios o calmante, que a ia sustendo, e ordenei a Gabriel fosse tomar algum alimento. Era preciso separá-los.

— Quem é vossemecê, minha senhora, que tão boa é pra mim, e para meu filho? Nunca encontrei em vida um branco que se compadecesse de mim; creio que Deus me perdoa os meus pecados, e que já começo a ver seus anjos.

— E quem é esse senhor tão mau, esse senhor que te mata?

— Então, minha senhora, não conhece o senhor Tavares, do Cajuí?

— Não, tornei-lhe com convicção: estou aqui apenas há dois dias, tudo me é estranho: não o conheço. É bom que colha algumas informações dele: Gabriel mas dará.

— Gabriel! disse ela — não. Eu mesma. Ainda posso falar. E começou:

— Minha mãe era africana, meu pai de raça índia; mas eu de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava.

Eram casados e desse matrimônio, nasci eu. Para minorar os castigos que este homem cruel infligia diariamente à minha pobre mãe, meu pai quase consumia seus dias ajudando-a nas suas desmedidas tarefas; mas ainda assim, redobrando o trabalho, conseguiu um fundo de reserva em meu benefício.

Um dia apresentou a meu senhor a quantia realizada, dizendo que era para o meu resgate. Meu senhor recebeu a moeda sorrindo-se — tinha eu cinco anos — e disse: A primeira vez que for à cidade trago a carta dela. Vai descansado.

Custou a ir à cidade; quando foi demorou-se algumas semanas, e quando chegou entregou a meu pai uma folha de papel escrita, dizendo-lhe:

— Toma, e guarda, com cuidado, é a carta de liberdade de Joana. Meu pai não sabia ler; de agradecido beijou as mãos daquela fera. Abraçou-me, chorou de alegria, e guardou a suposta carta de liberdade.

Então furtivamente eu comecei a aprender a ler, com um escravo mulato, e a viver com alguma liberdade.

Isto durou dois anos. Meu pai morreu de repente, e no dia imediato meu senhor disse a minha mãe:

— Joana que vá para o serviço, tem já sete anos, e eu não admito escrava vadia.

Minha mãe, surpresa, e confundida, cumpriu a ordem sem articular uma palavra.

Nunca a meu pai passou pela ideia, que aquela suposta carta de liberdade era uma fraude; nunca deu a ler a ninguém; mas, minha mãe à vista do rigor de semelhante ordem, tomou o papel, e deu-o a ler, àquele que me dava as lições. Ah! Eram umas quatro palavras sem nexos, sem assinatura, sem data! Eu também a li, quando caiu das mãos do mulato. Minha pobre mãe deu um grito, e caiu estrebuchando.

Sobreveio-lhe febre ardente, delírios, e três dias depois estava com Deus.

Fiquei só no mundo, entregue ao rigor do cativo.

Aqui ela interrompeu-se; agitou-lhe os membros um tremor convulso. A morte fazia os seus progressos. De novo cheguei-lhe aos lábios a colher do calmante, que lhe applicava, e pedi-lhe, não revocasse lembranças dolorosas que a podiam matar.

— Ah! Minha senhora, começou de novo, mais reanimada — apadrinhe Gabriel, meu filho, ou esconda-o no fundo da terra; — olhe se ele for preso, morrerá debaixo do açoitado, como tantos outros, que meu senhor tem feito expirar debaixo do azorrague! Meu filho acabará assim.

— Não, não há de acabar assim, — descansa. Teu filho está sob minha proteção, e qualquer que seja a atitude que possa assumir esse homem, que é teu senhor, Gabriel não voltará mais ao seu poder.

Ela recolheu-se por algum tempo, depois tomando-me as mãos, beijou-as com reconhecimento.

— Ah! Se pudesse, nesta hora extrema ver meus pobres filhos, Carlos e Urbano!... Nunca mais os verei!

Tinham oito anos.

Um homem apeou-se à porta do Engenho, onde juntos trabalhavam meus pobres filhos — era um traficante de carne humana.

Ente abjeto, e sem coração! Homem a quem as lágrimas de uma mãe não podem comover, nem comovem os soluços do inocente.

Esse homem trocou ligeiras palavras com meu senhor, e saiu.

Eu tinha o coração oprimido pressentia uma nova desgraça.

A hora permitida ao descanso, concheguei a mim meus pobres filhos, extenuados de cansaço, que logo adormeceram. Ouvi ao longe rumor, como de homens que conversavam. Alonguei os ouvidos; as vozes se aproximavam. Em breve reconheci a voz do senhor. Senti palpitar desordenadamente meu coração; lembrei-me do traficante... Corri para meus filhos, que dormiam, apertei-os ao coração. Então senti um zumbido nos ouvidos, fugiu-me a luz dos olhos e creio que perdi os sentidos.

Não sei quanto tempo durou este estado de torpor; acordei aos gritos de meus pobres filhos, que me arrastavam pela saia, chamando-me: mamãe! mamãe!

Ah! minha senhora! abriu os olhos. Que espetáculo! Tinham metido adentro a porta da minha pobre casinha, e nela penetrado meu senhor, o feitor, e o infame traficante.

Ele, e o feitor arrastavam sem coração, os filhos que se abraçavam a sua mãe.

Gabriel entrava nesse momento. Basta, minha mãe, disse-lhe, vendo em seu rosto debuxados todos os sintomas de uma morte próxima.

— Deixa concluir, meu filho, antes que a morte me cerre os lábios para sempre... deixa-me morrer amaldiçoando os meus carrascos.

— Por Deus, por Deus, gritei eu, tornando a mim, por Deus, levem-me com meus filhos!

— Cala-te! gritou meu feroz senhor. — Cala-te ou te farei calar.

— Por Deus, tornei eu de joelhos, e tomando as mãos do cruel traficante: — meus filhos!... meus filhos!

Mas ele dando um mais forte empuxão, e ameaçando-os com o chicote, que empunhava, entregou-os a alguém que os devia levar...

Aqui a mísera calou-se; eu respeitei o seu silêncio que era doloroso, quando lhe ouvi um arranco profundo, e magoado:

Curvei-me sobre ela. Gabriel ajoelhou-se, e juntos exclamamos:

— Morta!

Com efeito tinha cessado de sofrer. O embate tinha sido forte demais para suas débeis forças.

A lua percorria melancólica e solitária os páramos do céu, e cortava com uma fita de prata as vagas do oceano.

No mesmo instante, um homem assomou à porta. Era o homem do azorrague que eles intitulavam de feitor; era aquele homem de fisionomia sinistra, e terrível, que me interpelara algumas horas antes, acerca da infeliz foragida; e este homem aparecia agora mais hediondo ainda, seguido de dois negros, que, como ele, pararam à porta.

— Que pretende o senhor? Perguntei-lhe. Pode entrar.

O pobre Gabriel refugiou-se trêmulo, ao canto mais escuro da casa.

— Anda, Gabriel, disse-lhe com voz segura, continua a tua obra, e voltando-me para o feitor, acrescentei:

Eu, e este desolado filho, ocupamo-nos em cerrar os olhos à infeliz, a quem o cativoiro, e o martírio despenharam tão depressa na sepultura.

Comovidos em presença da morte, os dois escravos deixaram pender a fronte no peito; o próprio feitor, ao primeiro ímpeto, teve um impulso de homem: mas, recompondo de pronto na rude, e feroz fisionomia, disse-me:

— É hoje a segunda vez que a encontro, minha senhora, entretanto, não sei ainda a quem falo. Peço-lhe que me diga o seu nome, para que eu conheça o patrão, o senhor Tavares. É escandalosa, minha senhora, a proteção que dá a estes escravos fugidos.

Estas palavras inconvenientes mereceram o meu desdém; não lhe retorqui.

O meu silêncio lhe deu maior coragem, e, fazendo-se insolente, continuou:

— A senhora coadjuvou a mãe em sua fuga; acabou aqui, mais tarde saberemos de quê. Pretenderá também coadjuvar o filho?

É já o que havemos de ver!...

João. Félix! E com um aceno indicou-lhes o que deviam fazer.

Gabriel, que ao meu chamado voltara para junto do cadáver de sua mãe, sentindo que o vinham prender, levantou-se espavorido, sem saber o que fazer.

— Detém-te! lhe gritei eu. Estás sob a minha imediata proteção; e voltando-me para o homem do azorrague, disse-lhe:

Insolente! Nem mais uma palavra. Vai-te, diz a teu amo, — miserável instrumento de um escravocrata; diz a ele que uma senhora recebeu em sua casa, uma mísera escrava, louca porque lhe arrancaram dos braços dois filhos; menores, e os venderam para o Sul; uma escrava moribunda; mas ainda assim perseguida por seus implacáveis algozes.

Vai-te, e entrega-lhe este cartão: aí achará o meu nome.

Vai, e que nunca mais nos tornemos a ver.

Ele mordeu os beiços para tragar o insulto, e desapareceu.

No dia seguinte, era já de tarde, estava quase a desfilar o saimento da infeliz Joana, quando à porta da minha casinha, vi appear-se um homem. Era o senhor Tavares.

Cumprimentou-me com maneiras da alta sociedade, e disse-me:

— Desculpe-me, querida senhora, se me apresento em sua casa, tão brusca e desazadamente; entretanto...

— Sem cerimônia, senhor, disse-lhe, procurando abreviar aqueles cumprimentos que me incomodavam.

Sei o motivo que aqui o trouxe, e podemos, se quiser encetar já o assunto.

Custava-me, confesso, estar por longo tempo em comunicação com aquele homem, que encarava sua vítima, sem consciência, sem horror.

— Peço-lhe mil desculpas, se a vim incomodar.

— Pelo contrário, retorqui-lhe. O senhor poupou-me o trabalho de o ir procurar.

— Sei que esta negra está morta, exclamou ele, e o filho acha-se aqui: tudo isto teve a bondade de comunicar-me ontem. Esta negra, continuou, olhando fixamente para o cadáver — esta negra era alguma coisa monomaniaca, de tudo tinha medo, andava sempre foragida, nisto consumiu a existência. Morreu, não lamento esta perda; já para nada prestava. O Antônio, meu feitor, que é um excelente e zeloso servidor, é que se cansava em procurá-la. Porém, minha senhora, este negro! — designava o pobre Gabriel, com este negro a coisa muda de figura: minha querida senhora, este negro está fugido: espero, mo entregará, pois sou o seu legítimo senhor, e quero corrigi-lo.

— Pelo amor de Deus, minha mãe, gritou Gabriel, completamente desorientado — minha mãe, leva-me contigo.

— Tranquiliza-te, lhe tornei com calma; não te hei já dito que te achas sob a minha proteção? Não tem confiança em mim?

Aqui o senhor Tavares encarou-me estupefato — e depois perguntou-me:

— Que significam essas palavras, minha querida senhora? Não a compreendo.

— Vai compreender-me, retorqui, apresentando-lhe um volume de papéis subscritos e competentemente selados.

Rasgou o subscrito, e leu-os. Nunca em sua vida tinha sofrido tão extraordinária contrariedade.

— Sim, minha cara senhora, redargui, terminando a leitura; o direito de propriedade, conferido outrora por lei a nossos avós, hoje nada mais é que uma burla...

A lei retrogradou. Hoje protege-se escandalosamente o escravo, contra seu senhor; hoje qualquer indivíduo diz a um juiz de órfãos.

Em troca desta quantia exijo a liberdade do escravo fulano — haja ou não aprovação do seu senhor.

Não acham isto interessante?

— Desculpe-me, senhor Tavares, disse-lhe:

Em conclusão, apresento-lhe um cadáver e um homem livre.

Gabriel ergue a fronte, Gabriel és livre!

O senhor Tavares, cumprimentou, e retrocedeu no seu fogoso alazão, sem dúvida alguma mais furioso que um tigre.

Publicado pela primeira vez na *Revista Maranhense*, n. 3, em novembro de 1887. Reproduzido a partir do apêndice da 4ª e 5ª edições do romance *Úrsula*, publicado em coedição entre Editora Mulheres, Ilha de Santa Catarina, e Editora PUC-Minas, Belo Horizonte, em 2004.

O ÓDIO

Manuel de Oliveira Paiva



UNTO À AMURADA engoiava-se uma gaiola de paus, onde, como um pêndulo, sombras de velas e cordagens iam e vinham vagarosamente ao bel-prazer da flutuação.

Rondava dentro da jaula um gato maior que um cachorro grande.

Perto, quando clareava, reluzia o olhar de um negro, acorçado no sopé do mastro, com as mãos cruzadas abarcando os joelhos.

Via-se bem o animal preso, movendo-se com pés de seda e garbo de mulher.

Passeava desdenhosamente. Amarelo fulvo, lindamente mouriscado com patacos pretos, como não há veludo. Quando alguém aproximava-se, a fera largava uma roncaria por entre presas, e dava botes nos paus, explodindo bufidos espantosos. O comandante muitas vezes desanuviava a sua cerveja fazendo-se espectador da eterna aversão e tolhido orgulho do bicho feroz, de cujo cativado abusavam; faziam-se trejeitos, cutucavam com um bastão, davam-lhe um pau a morder, de modos que o animal parecia chorar de raiva.

O piloto, muito chalação, desandava-lhe descomposturas:

— Anda lá marafona! Pensavas qu'isto qu'era a furna? Olhe que ela pega-o, comandante!

E daí, amabilizava com uns nomes feios — filha desta, filha daquela, como se fosse entre duas pessoas:

— Eu não lhe tenho medo, porque lá arrebentar esse nicho é o que ela não pilha.

Nessa noite, o negro notou um lume que boiava no escuro do oceano, como um pirilampo; e o seu pensamento, que por uma certa simpatia de gênios e de condição costumava ater-se à onça presa, apegava-se agora a esse nonada fosforescente.

Muito depois, o fogueiro crescia, e o negro foi obrigado a sair de ao pé do mastro, por via das manobras de bordo. O diabo do lume tinha coisa: o navio evitava-o como se estivesse cheio de pólvora e essa tocha distante fosse uma faísca a perseguí-lo perversamente.

O negro, sentindo que havia um perigo qualquer, voltou de novo o pensamento para o tigre.

Antegustava uma satisfação feroz, prevendo um belo horror de destruições. Apertavam as vozes de comando, e o mestre enfurecia — quisera ter os punhos do mundo inteiro para torcer o rumo do vento! Era uma vela meter-se onde eles queriam, e bambeava com os paroxismos de um sossobranete. Havia um demo no espaço negro a embirrar com o barco.

O comandante e oficiais ainda estavam bêbedos da orgia que tiveram ao sair do porto.

O escravo, supersticioso, jurava entre si que o lume que se aproximava era o espírito maligno, em feitio de macaco, às cabriolas de onda em onda, com uma brasa na boca. Ele via até os ziguezagues na trajetória do farol movediço.

Assombrado pela incerteza do perigo, ele desceu, e voltou com um machado. No pescoço conservava o seu amuleto. Estava armado para o desconhecido. Fazia muito frio. Começou a espalhar-se um medo, insinuativo no meio da treva, e mais tarde o pavor.

De repente a luzinha estava mesmo em cima deles, emaranhada no porte alevantado de um paquete a vapor.

Um estremeção prolongado, como um desabamento, saiu do navio todo, que rangiu nas ínfimas veiaduras do cavername. O pessoal ficou um instante bestializado. E, depois, como um bando turvo de vampiros no seu voar frouxo e mortuário, saía de todos os poros a ideia da morte. O vapor, cujo era o farol fatídico,

havia metido a pique o barco, e talvez tivesse também sossobrado, matando-se ambos sem reconhecer-se, arrastados pelo demônio das colisões marítimas, um daqueles que ao cair do céu ficaram nos ares prestando ao gênero humano o relevante serviço de fazer-lhe o mal.

O negro levou as mãos à cabeça. Sob a noite estrelada, ele via os borbulhões do horrendo por toda parte. Escaleres ao mar, salva-vidas, aconchego e desespero dos que se amam, considerações para com os delicados, heroísmo dos fortes, num rápido.

Dele não se lembravam. A noite de sua pele casava com a do espaço entremeadas pela de sua vida. Sua alma hostil armara-o de machado, porque ele, desde menino, ouvia falar em lutas de corso e de piratas. Isto sim, lhe seria um triunfo. Entanto, restava-lhe boiar, e ainda se fosse possível. Não podia prestar serviços, porque ninguém se entendia, assim nas goelas da morte.

E achava-se de braços cruzados, sobre o abismo, ele, o forte, o valentão, o calmo, o herói, o héracles. No véu das sombras viu bruxulear os olhos do tigre. Ah! e a fera não teria direito ao salvamento? A desordem a bordo era insuperável. Um salve-se-quem-puder! E o possante bruto humano ergueu o machado e descarregou um golpe sobre a jaula. Ébrio de sua majestade, arriou novo golpe, e repetiu. A fera recuara para o fundo, e, quando viu o rombo que a desagrilhoava, atirou-se... ávida por beber sangue e doida de fome. Rolaram no convés a onça atracada com o escravo.

O navio empinava para a profundez. Na voragem, a fera remontou à gaiola, que flutuava nas águas, enquanto o cadáver do escravo descia no abismo, talvez com a íntima satisfação de ter libertado uma fera, entre eles perdurando uma certa simpatia de gênios e de condição.

Era ele quem tratava do tigre. Amava-lhe o rancor eterno. Achava-o formoso, tão dourado, tão liso, tão forte! Comprazia-se em matar-lhe a sede e a fome. Amava-o porque o bicho indicava ser insensível ao amor. E foi um grande prazer desaparecer da

vida deixando em seu lugar um bruto que era uma concretização do ódio, humor necessário à vida social, como o fel à vida individual!

Publicado pela primeira vez no jornal *A Quinzena*, v. 1, n. 10, maio de 1887. Reproduzido a partir do livro *Contos*, em edição patrocinada pela Academia Cearense de Letras, em 1976.

BANZO

Coelho Neto



AIXINHO E SECO, curvado em gancho, carapinha em maçarocas, ralas falripas de bigode amarelo de sarro, tufos de barba hispídeos como parasitas, este era Sabino, o negro mais velho daquelas redondezas, desde a Barra até o Pati.

Em passo lerdo, com o urucungo e o cajado, um saco de couro a tiracolo, o pito nos beiços, corria tudo, descansando à sombra das árvores ou nos ranchos e tejupares dos caminhos, quando não se sentava no meio dos campos, ao sol, entre o gado solto.

Aparecia nas vilas e nas cidades em tempo de festa e, como conhecia todos os sítios e fazendas, ia entrando às porteiras como em terra própria, falando a todos, sempre risonho.

O urucungo anunciava-o; saíam as crianças a recebê-lo, davam-lhe comida, molambos. O saco ia bojando e o negro, numa alegria servil, bamboleava o corpo em dança de urso, com gatimônhas ridículas, picando as aspas da combuca, grato à bondade das crianças que se ajuntavam em círculo, rindo, batendo as palmas.

Às vezes ia para a estação esperar os trens. Cochilava no banco, e, à chegada dos comboios, arrastava-se à beira dos carros, de mão estendida, jeremiando a sua miséria, e o que recolhia era para fumo e cachaça.

Não tinha casa. Casa para quê? O mato é grande. Mas o seu ponto predileto era a fazenda das *Lajes*, à sombra duma gameleira, num cômore. Nas *Lajes* fora escravo, ali vivera desde que chegara da África, passando de um senhor a outro, até “nhô Roberto” que ele carregara à “cacunda”, ensinara a andar a cavalo, levara ao colégio, vira casar, envelhecendo no trabalho, à sombra da casa.

“Nhô Roberto” era mau, enfezado, sempre de cara amarrada, gritando por tudo e “agarrado” como ele só.

Um dia, já depois da Lei, “nhô Roberto”, que andava nervoso, entrou na horta e achou-o sentado perto do rego, chupando uma laranja. Foi um tempo quente, não quis saber de desculpa — pô-lo fora. “Que fosse para o inferno! Estava livre, os canalhas que o sustentassem”.

Saiu sem rumo, andou muito tempo à toa, passou fome, bateu os dentes de frio, teve febre, pensou morrer; mas a gente acostuma-se com tudo. Sempre achou caridade.

Um dia soube da morte de nhô Roberto (Nosso Senhor não dorme!) e, como a fazenda fosse comprada pelo coronel Chico Amaral, homem de bom coração, ele, que já andava com muita saudade daqueles fundões, botou o pé no caminho.

Achou tudo mudado: casas novas, de telha, máquinas, gente branca na roça. A gameleira lá estava, cada vez mais bonita.

Receberam-no bem — os conhecidos festejaram-no, mesmo o coronel Chico Amaral, espantado dele ainda estar vivo, mandou dar-lhe comida e presenteou-o com um capote velho que lhe chegava aos pés. Homem bom, Nosso Senhor há de ajudá-lo! Bom mesmo! Volta e meia lá estava: virava, mexia, levava tempos sem aparecer, mas um dia lá o encontravam debaixo da gameleira, cantarolando à beira dum foguinho de folhas secas, entre burundangas: latas velhas, pão duro, embrulhos de farinha, restos de comida, feixinhos de taquaras e uma garrafinha de cachaça.

Ali passava os dias e a gente da fazenda, de pena, mandava-lhe de comer, e os que passavam, à tardinha vendo-o encostado ao tronco, ofereciam-lhe um canto em casa para dormir. Ele ria agradecido e ficava sob a galharia verde tocando e cantando, até que o sono o prostrava.

Às vezes, de manhã, quando o procuravam havia desaparecido: “Tio Sabino já foi, coitado! Volta...” E voltava.

Quando lhe perguntavam quantos anos tinha, encarquilhava o rosto amarfanhado, sumia os olhos em rugas, aproava o queixo

ciciando um risinho frouxo e sacudia a cabeça branca num gesto abandonado que parecia atirá-la pelo tempo adentro.

Então revolia as fundas reminiscências. Falava do rei D. João VI, dos “manatas” que vira na Corte, dos senhores que tivera, das lindas donas d’antanho, de casas que haviam sido demolidas, de árvores mortas, ribeiros desaparecidos, matas devastadas, tudo que vira na correnteza da vida onde ficara, como aquelas pedras que lá estavam no Paraíba velho, olhando o passar das águas.

Idade, sabia lá! No seu tempo — e corria um gesto que abarcava o horizonte — tudo aquilo era mato. Bicho assim! e apinhava os dedos. Casa, uma aqui, outra acolá! Cidade, era uma rua só com a igreja lá em cima. Mas então é que era festa! Semana Santa, São João, Natal, Espírito Santo... Eh! Largo ficava da gente não poder andar — eram carros de bois, liteiras, cavhalada chibante arreada de prata, cada mula que fazia gosto, escravatura limpa, tudo gente moça. Fazenda, não vê que era como agora! Mesa ficava posta, comida boa. Fartura era aí.

Cativeiro era brabo, isso... ah! mas também, quando o senhor ganhava, negro tinha o seu gancho. Tempo bom! E, descrevendo, dramatizava pitorescamente os episódios imitando: a música — tchumba! tchumba! tchumba! o espocar dos foguetes e o estrondar dos morteiros — tró-tó-ró-bum! o bimbalar dos sinos — bem, de-len-den-bem, bem! o rebuliço dos carros rinchando — cheeem... hiiim... os cavalos resfolegando — rrrú! o rumorejo do povo — ááaah! os pregões dos doceiros, dos leiloeiros de prendas, o batuque africano ao som dos tambores — prú-cú-tú! prú-cú-tú!

A negrada, que o cercava atenta, ria dos racontos. Pediam-lhe minúcias, recordavam-lhe episódios, lendas, casos que a tradição conservava e ele, sentado no chão, estirando as pernas, com os pés a prumo, de solas chatas, encoscoradas como patas de paquiderme, narrava.

Trem de ferro... isso era de ontem. Vira chegar a turma dos engenheiros, cada mocetão! botas, chapéu largo, pagodistas como

eles sós; e para andar no mato nem tatu podia com eles — furavam tudo. Depois os trabalhadores abrindo picadas, gente onça na enxada e no machado, cavando, fazendo caminho; morro não era nada para eles.

Vira estender os trilhos, cruzar as pontes e o dinheiro naquele tempo andava à toa. As mulatas é que aproveitavam.

E um dia — êh! dia grande! gente na estrada fervia que nem procissão — o trem berrando numa fumaceira de coivara: tchá! tchá! tchá! oooô! Ah! Boi corria espantado, ficava olhando de longe, besta, cavalos rebentavam cabrestos disparando por esses matos, cachorro zunia: cain! cain! cain! que nem tivesse apanhado! galinhas voavam que nem patos na lagoa quando um tiro estronda e o bicho passou rabeando, embandeirado, cheio da gente graúda: fazendeiros, generais, moças... ahn! e foi-se embora! Muita gente rezou de medo.

Eu vi tudo de cima de uma barranca, o coração batendo assim: pú pú, pú! Bonito mesmo!

E o bicho passou danado, fervendo; a fumaça espocava da chaminé em cachimbada grande. Eh! E trouxe tudo! trouxe cidades e foi deixando por aí, trouxe maquinismos, gente branca...

Parecia coisa de encanto. A gente deixava de ir uns poucos meses num lugar e quando aparecia lá ficava de boca aberta vendo tudo mudado: casas novas, negócios sortidos como os da Corte, igreja, circo de cavalinhos, botica e o mato, que é dele? Trem de ferro ia comendo tudo, tal e qual como na terra brava depois de roçado quando a plantação brota.

O mal era o fogo. Bastava uma faiscazinha da máquina para levar um canavial. E era uma campanha! a gente toda fazendo aceiros e o fogo lambendo, cada labareda que fazia medo.

Muita gente nem queria ver o trem de ferro, quanto mais entrar nele. Nhá Joaquina Junqueira, do Palmeiral, moça prendada, que tocava e cantava, essa nunca quis saber do bicho. Quando teve de ir à Corte, para a operação, quem disse! foi e voltou de carro de bois. Povo custou a acostumar-se.

Depois os padres diziam que era o trem que trazia as febres e os pecados, e então é que foi medo mesmo.

“E no tempo da guerra?” perguntavam.

Eh! mato comeu gente! Eu estive vai, não vai... Barnabé ficou lá, Brás ficou lá, um bandão deles. Desse tempo só Venâncio mina, coitado! está no Quatis, cego de todo. Não sabe nada, pergunta só. Lei grande já apanhou ele sem vista, para quê? Tinha senhor, vivia na fazenda... e agora? está lá morrendo no escuro, come hoje, amanhã não come, conforme Deus quer. Liberdade... pois sim! Gente anda morrendo à toa, urubu é que gosta.



II

TUDO MUDARA PARA Sabino. A terra, outrora rica, frondosa de matas, estava toda nua, escavada, mostrando lanhos de pedra, lombos de rochas, grotas sem água. Num ponto e noutra tocos assinalavam derrubadas, lanços de morros ofereciam o aspecto lúgubre de borralhos enegrecidos de toros carbonizados. Nas plantações vasqueiras raro uma árvore copava — era tudo ralo, tolhiço: um fim de vida.

O Paraíba, dantes caudaloso, barulhando nas pedras em cachões borbulhantes, às vezes crescendo tanto que transbordava alagando extensamente as margens, de onde os moradores fugiam abandonando as casas — ali estava secando.

Barcos carregados iam e vinham e agora as leves pirogas, se os canoieiros não eram destros, iam batendo nos cabeços, roçando nas coroas de areia, tão raso corria o rio, escuro, em lameiro grosso, como todo ele feito das barrancas esboroadas, que fossem rolando derretidas para o mar.

O próprio céu descorado esmaecia, cada vez mais pálido.

Sabino sentia a morte da natureza. Tudo estava acabando.

Em certa fazenda, que tivera fama pelo esplendor da sua capela, seguindo uma trilha entre culturas novas, parou relanceando

o olhar compadecido. Reconhecia o sítio, mas notava mudanças, falta de alguma coisa.

De repente lembrou-se de uma árvore grande que ali houvera e, de olhos parados, como que a viu levantar-se esgalhada, folhuda, espalhando sombra larga. E era um mundo de gente em baixo: carreiros, crioulas com filhos de mama, rapaziada da roça, tudo junto, enquanto o sol amolecia languidamente as ervas, estralava na estrada, quente que nem fogo, e lá longe, no campo, o monjolo batia.

O cafezal, dum verde escuro, reluzia no alto, tão cerrado que não se via um vulto de negro, nem sinal de palhoça — e lá estava o serro seco, agreste, com o sapezal amarelento cobrindo-o como uma grenha de velhice.

Entrava nas capoeiras, direito a um rumo: desiludia-se.

A fonte... isso foi uma tristeza! era bem no mato, escondida. O seu gosto, em moço, era ficar ali, à fresca, tomar o seu banho ouvindo os pássaros, à espera de alguém que aparecia sempre de sopetão, assustada, pedindo pressa, com medo de ser apanhada, desde, porém, que se lhe atirava nos braços esquecia tudo. Eh! corpo de rapariga!

Com a lembrança o sangue estuava-lhe nas veias gastas, o coração batia-lhe com força, um fluido de volúpia eletrizava-lhe os nervos. O silêncio era doce, a sombra fresca: só a água fazia um leve ruído e as *lavadeiras* voavam por entro os juncos. E a fonte? dela apenas restavam pedras secas, areia atorroada e o ervaçal.

E ele pensava no Paraíba, coitado! que ia morrendo à míngua porque as fontes morriam por toda a parte. Quando chovia sim, o pobre apanhava um fartão d'água, como esmola do céu. Estava acabando!

O próprio cemitério desaparecera — era uma mataria brava! Para achar uma cova — e estava cheio — seria preciso roçar aquilo tudo.

Em certa ocasião, metendo afoitamente pelo caminho funéreo, achou uma cruz de pau. Levantou-se, beijou-a devotamente e, querendo fincá-la, de novo, na terra, partiu-se de podre.

Então, para evitar que fosse profanada, desfez o símbolo e guardou os pedaços no saco para queimá-los quando fizesse fogo. “Cruz de Nosso Senhor não se deixa atirada, e cruz de cemitério então!” E, olhando a terra embravecida em maninho, comentou: “Quanta gente! Isso aqui está que nem paiol”.

Tortulhos expluíam nos troncos numa estranha florescência de putrilagem, joás amarelos espalhavam-se como contas de ouro. Tresandava a umidade.

Caminhando no mato alto e emaranhado, dentro da sombra fria, resvalava em caldeirões. “Isso é cova de tatu. Tatu anda aqui: comeu e ficou”.

De quando em quando um arrulho dorido passava no silêncio. Que tristeza! E tudo era assim.

Nas *Lajes* é que ele sentia mais a devastação do tempo: a casa fora reformada, os caminhos mudados, plantações novas, maquinismos. A bem dizer a mesma terra era outra, do tempo antigo só ele e a árvore do cômodo, a gameleira, lá em cima.

Os animais não pareciam o que eram: uns touros grandes, lustrosos, quase sem chifres, lerdos, pesados, sentindo-se nos pastos, sem préstimo, morrendo à toa; cavalos que não aguentavam uma tirada, frouxos, aguando logo; carneiros muito gordos, mas feios. Qual!

E os bichinhos do mato? Até eles. Pois então cigarras e passarinhos do seu tempo cantavam daquele modo? A gente entrava na mata e ficava tonta — era uma alegria nas árvores, tudo voando. Marrecas, isso era um nunca acabar à beira d’água e agora? é o caboré de noite e de dia o anum e o urubu tocaiando lá de cima.

Nem sapo! Bacurau, quem vê mais? A gente estava, à noite, sentada no terreiro, olhando a lua, e o bacurau vinha vindo, pula daqui, pula dali, mansinho. E agora? acabou.

Fruta, quem se importava com isso? mato estava cheio, era só apanhar. Hoje tudo tem dono. É cerca de arame por aí fora; um limão custa dinheiro. Folha de laranjeira para remédio, mato, um punhadinho: um tostão.

E lastimava as crianças, nascidas tarde, numa era mesquinha e de melancolia, com o mundo velho, desconsolado e vazio. Atribuía todos os males da terra e a tristeza do céu ao colono branco. Odiava-o. Se avistava algum na estrada, desviava-se, deixava-o passar e voltava-se seguindo-o com o olhar até perdê-lo de vista.

Era o usurpador que entrara apoderando-se de tudo, destruindo o que eles haviam feito, matando a terra, espalhando a tristeza. Gente amaldiçoada! Não podia admitir que um branco entrasse no cafezal de enxada, carpisasse, colhesse, rodasse café no terreiro, jungisse bois ao carro e atrelasse mulas ao trólei, morasse em palhoças; dançasse nas eiras, rezasse na capela, moesse cana, plantasse mandioca.

Não compreendia que um italiano, como *seu* Amati, que ele conhecera esfrangalhado, sem vintém, chegasse a ser dono de fazenda.

Não, a terra era deles que a desbravaram e plantaram para os senhores. E os brancos abriam negócios, compravam sítios, montavam oficinas, até governavam como *seu* Barbosa, um ilhéu, que mandava num mundo de gente no tempo das eleições.

E os negros morriam de fome nos caminhos, não tinham onde morar, ninguém os queria, eram perseguidos. A própria terra era-lhes ingrata, mas estava morrendo, estava acabando. Era a sua vingança. Quando o Paraíba secasse — e não demorava muito — queria ver.

Sentava-se nos barrancos e ficava olhando os horizontes largos, esquecido de tudo, sem sentir o sol. Picava o urucungo cantarolando. Por fim levantava-se.

Hesitava um momento pensando no rumo e metia pelo primeiro atalho, ao acaso, desse onde desse.

Se tinha alguma coisa, comia, senão era o mesmo, punha-se a caminho vagarosamente, resmungando, cantarolando.

Onde anoitecia, ficava. Escolhia um canto abrigado, estendia-se no chão e, até chegar o sono, olhava o céu. E as estrelas

pareciam-lhe mais tristes, quase apagadas, como luzes que vasquejam num fim de vigília, e a lua, sem brilho, alumando baça.

Dantes, isso sim, o luar era uma beleza — tudo aquilo branqueava, claro como o dia; o rio ficava como de prata, a gente via longe e era uma pagodeira de violas; nos tempos de festa, samba, cateretê, batuque, baile na casa dos senhores e a negrada contente, solta pelos caminhos, cada crioula que fazia gosto. Agora era a sanfona do italiano, uma coisa enjoada, que nem dava jeito.

Acendia o cachimbo e, fumando, recordava os dias extintos, a felicidade do cativo, o bom tempo. Cochilava acordando, a instantes, sarapantado. Noite comprida!

Quando começava a clarear levantava-se. Os pássaros cantavam alegres. Na pureza do azul alumia-se a madrugada. Fazia frio. E ele saía pelo frescor da relva esmaltada de orvalho diamantino, ia andando e, avistando um fumo leve, guiava-se por ele. Sentindo a vida, o despertar alegre, vozes de crianças, tinir de louça, o bom cheiro quente do café coando, a fome apertava com ele: parava à cancela ou à porta, sapateava dedilhando nervosamente o urucungo, e, numa voz que chorava um canto melancólico, anunciava-se à esmola com ânsia de supliciado.



III

FOI NA ESTAÇÃO que ele soube que o coronel Chico Amaral mandara pôr abaixo a gameleira do cômodo.

Estava no banco, à espera do trem, quando lhe deram a notícia.

Quis levantar-se, não pôde, bambo das pernas, com os olhos manando lágrimas, a garganta arrochada.

O pajem das *Lajes* descreveu a “maldade”. A árvore custava a cair. Gente boa no machado, rapaziada direita, levava toda a manhã batendo e a árvore dura, teimosa... nem nada! Os passarinhos

voavam em volta, assustados, numa gritaria que atordoava, povo assim para ver a bichona! Um trabalho! Suaram!

Lá para o meio-dia, lanhada, escorrendo sumo, começou a estalar. Fazia pena! A gente fugiu de perto, abriu campo, e começou o puxa-puxa: um cabo grosso, mais de vinte homens. Qual! A bicha balançava, ringia, mas nada de cair.

Meteram o machado de novo até que *seu* Mamede gritou. Foi uma debandada e a gameleira bambeou, mais um sacalão do cabo e, com um estouro, virou caindo, e o chão estremeceu com o baque. Tomou o cômodo, tudo ficou coberto com a mataria. Grande mesmo! Todo o mundo teve pena. E por quê? Cisma de nhá Donga.

Só porque um raio caiu lá em cima e o Dr. Barbosa disse que fora por causa da árvore, a moçada começou a pedir, a pedir e *seu* coronel Chico mandou meter o machado. Fazia dó. Os passarinhos andaram tontos, chorando no ar, ora aqui, ora ali, arranjando casa. Abelhas... eh! até parecia uma praga e aquilo lá em cima ficou desamparado, triste, vazio... Até parecia que tinha morrido gente.

Sabino ouvira calado, de olhos no pajem. Acendeu o cachimbo, baixou a cabeça e, descaindo o corpo, com os braços abandonados, ficou imóvel.

Um trem chegou. Passageiros saltaram, os pobres correram à esmola alrotando, gemendo, uma moeda caiu-lhe aos pés, atirada de longe e ele na mesma atitude.

Outros trens e nada: o velho não tinha força nas pernas, não podia consigo.

À tardinha, quando começaram a fechar o armazém e acenderam a agência, levantou-se a custo e saiu. Pela linha, da estação às *Lajes*, era menos de légua, dum lado, o rio, do outro lado, além da cerca, lavouras, o brejal do Mosqueiro, sempre aberto em lírios, o sítio do Fabiano, o canavial do *seu* Amati, a vendinha do Esteves, num alto, e as *Lajes*.

Foi indo, devagarinho, parando a espaços para descansar à beira dos boeiros ou nas rampas da estrada.

A lua subia grande e clara, redonda, e os trilhos alumiaavam como dois regos d'água. Lá em baixo o rio tremeluzia. Os sapos faziam um vozeiro de agouro. Ninguém!

Às vezes, na distância, um cão ladrava.

À frente, rente da terra, uma luz vermelha olhava solitária. Por entre matos aqui, ali, cortava a sombra uma nesga de claridade.

Sempre que via uma árvore alta, com a fronde luzindo ao luar, o negro parava contemplativo e, maquinalmente, picava o urucungo. O som triste como que o despertava: então gemia, meneava a cabeça e, levantando os olhos, fitava o céu estrelado.

Noite linda! A voz do rio era como uma prece na solidão.

Perto da turma, para que o não vissem na linha, desceu a barranca agarrando-se às ervas, arrimando-se ao cajado e foi beirando o rio merencóreo. Às vezes um peixe saltava batendo de estalo n'água. Corujas voavam surdamente e na sombra da espessura acendiam-se vagalumes.

Passada a casa da turma, tornou à estrada, atravessou cautelosamente o pontilhão.

Pareceu-lhe ouvir o estridor longínquo de um comboio. Parou à escuta, levantando a cabeça serenamente, sem medo. Adiante, num corte, era tudo escuro; atrás, nada, não descia trem àquela hora. Era o rio roncando. Foi-se.

Reconhecendo o viçoso canavial do Amati, parou: era como um mar dourado e marulhava ao vento. Na colina, entre eucaliptos, alvejava a morada, tão branca como a própria lua.

Era um dos donos da terra. Quem diria! Começara na estrada, trabalhando de picareta. Desaparecera uns tempos, voltara anos depois, com um macho carregado de fazendas e quinquilharias. Batera aquilo tudo, até Valença e um dia, com a morte de *seu* Mariano, indo à praça o sítio, quem havia de aparecer para comprá-lo? O italiano.

Seu Carlos da botica afirmava que ele arranjara a vida passando notas falsas. O caso é que comprou a terra e lá estava: tinha engenho a vapor, uma boiada limpa, cafezal novo e prédios na

cidade. No seu tempo andava roto, descalço, carregando ferramentas, comendo em marmitas, dormindo ao relento, pior que escravo. E estava ali! Ficou olhando. Era assim. Sorte de cada um.

Adiante, a venda do Esteves, outro. Ainda estava aberta, tinha luz. Era o ponto dos colonos, jogo fervia lá dentro até de manhãzinha. Às vezes saíam brigas, facadas, tiros. Mas *seu* Esteves era homem, zangado ninguém podia com a vida dele. Quando via a coisa mal parada entrava, apartava os parceiros, botava tudo para fora e fechava a porta.

Só um espanhol quis pegar com ele, mas o português não deu tempo: zuniu o cacete e o outro tombou na estrada, com garrucha e tudo, quase morto.

Estava rico, só em compras de café aos colonos fazia um negócio e ainda emprestava dinheiro e no jogo era uma vassoura.

No tempo de Manezinho aquilo não era nada, um ranchinho à toa de sapê, com uma pipa de cachaça, umas garrafas de cerveja, uma barrica de bolachas e latas de sardinhas. Lá estava: negócio grande. Mas Manezinho era mulato, não tinha sorte. Português chegou, mudou tudo.

Quando passou o córrego pelas alpondras o coração bateu-lhe d'esbarro. Estava nas *Lajes*. Entrou mui de passo, espreitando.

A fazenda dormia na alvura do luar.

Em baixo, em renque, os paióis, a casa das máquinas; a um lado o moinho. Em cima, na extrema da alameda de palmeiras, a casa senhorial vasta, estendida em janelas, com um largo portão sobre a varanda coberta de trepadeiras.

Os terreiros branqueavam como areais, e funda, obscura, luzindo em reflexos metálicos, a mata ainda fazia sobressair mais claro o casario silente.

O negro subiu a rampa devagarinho, aos bocados, parando para respirar: sentia o peito oprimido, uma angústia no coração como se lho apertassem.

Um vulto de animal passou lentamente na estrada desaparecendo na sombra. Os sapos faziam na horta um estrupido

azoinante e no meio do caminho que levava ao pomar uma poça reluzia como um pedaço de céu com estrelas.

No silêncio pairava um fêrvido ruído, um som vago, retininte como o que se escuta nas conchas. O rio, ao longe, murmurava.

Sabino olhava — era toda a sua vida, toda! Instantaneamente um bando de figuras lépidas revolteou na sombra. Lá no fundo surgiu a casa antiga, senzalas por ali fora, o engenho, o curral no outeiro — foi um momento, tudo sumiu no luar.

Era o passado que subia do tempo numa evocação da saudade. Caminhou.

Um cão saiu de baixo de uma carreta, acouu à distância, rosando. O negro intimou-o e o animal, agachando-se, a dar à cauda, veio, de rojo, festejá-lo, seguiu-o um instante, mas retrocedeu ladrando. Foi indo. As pernas tremiam-lhe, a cabeça enchia-se-lhe como de fumo, aturdida, sombras empanavam-lhe os olhos.

Quando enfrentou com a casa — grande era tão doce o aroma do jardim que esteve um instante encostado à cerca, gozando-o. Ali mesmo — mas não era assim — costumava ficar até tarde, os olhos na porta da cozinha, à espera de Maria Rosa. Quantos anos! Tempo voa! Mas parecia que fora ontem, a modo que ainda sentia o cheiro do corpo.

Olhava: tudo em silêncio. No seu tempo, não vê! Àquela hora a rapaziada andava furando os matos, uns atrás de mulheres, outros capianguando e quem não levava a sua rapariga ia encolhido pelas bibocas com sacos de café para a venda.

Onde estava essa gente toda? na terra, com o mato em cima.

A água, correndo por um canal, passava por ele com um murmúrio leve.

Dali ao cômodo era um instante, caminho bom. Mas estava cansado. Sentou-se numa pedra e ficou banzando.

Quando chegou à cima, a árvore em sonho, gozando a morte. Por fim levantou-se.

Os galos cantavam, uma cigarra chiou na ilusão do luar.

Quando chegou a cima, a árvore caída parecia amortalhada em luz: as folhas avultavam em monte, o tronco estendia-se como enorme coluna.

O negro ficou estatelado, olhando, com lágrimas silenciosas. Teve um arquejo. Tomou o urucungo a mãos ambas, estendeu os braços como se oferecesse o instrumento à morta. Um som partiu, lúgubre. Não pôde mais: amoleceu as pernas, caiu entre as folhas, de bruços.

De manhã, quando a gente subiu para talhar a árvore e limpar o cômodo, Mamede, que ia à frente, interrompeu a algazarra alegre dos companheiros com uma exclamação espavorida:

— Uai! Cruz!

Correram todos curiosos:

—Que é? Que é?

E o capataz, que recuara, mostrou um vulto entre as folhas murchas.

— A modo qu'ê tio Sabino.

Aproximaram-se, examinaram

— É mesmo.

Era o negro — deitado entre as folhas da árvore, com o urucungo no peito, os olhos ainda abertos, morto.

Publicado pela primeira vez pela editora Lello & Irmão, Porto, Portugal, em 1912.
Reproduzido a partir da revista *Ficção*, n. 22, Rio de Janeiro, outubro de 1977.

A FUGA

Afonso Arinos



ELAS ESTRADAS BARRENTAS, no meio dos rugidos do temporal desfeito, quando a ventania disparava pelos campos em arranco de boiada, e, topando o capão além, constringia-o na medonha luta, ouvia-se, ao esmorecer das vozes do trovão, um tilintar de correntes, cadenciado, rítmico, acompanhando o estrupido de passos fortes.

O viandante tresmalhado, ou o vaqueiro que se recolhia a deshoras, ébrio, das delícias do batuque, fugiria apavorado, julgando ver no som das correntes arrastadas a penitência de alguma alma penada, — quem sabe se a do pobre Tristãozinho, espancado há tempos, brutalmente, ali mesmo, à beira do rio, quando de volta da casa de Paquinha, procurava desamarrar a canoa para a travessia?

O tilintar das correntes, cadenciado, rítmico, fugia, a pouco e pouco, pela estrada afora, abafado a espaços pelo glúglú das enxurradas, que, sopitadas nos caldeirões do caminho, estancavam, reunindo forças para se derramarem depois impetuosas, assoberbantes, pelos sulcos dos carros de bois até ao longe, ao grande rio.

Dois condenados da Extração, escravos reúnos, confiscados a seus donos pela Real Fazenda, aproveitando-se da tempestade, fugiam da rancharia, junto de uma gupiara à beira do córrego, onde eram obrigados a trabalhar para El-Rei, como galés, no serviço da mineração de diamantes.

Percebida a fuga, foi dado o alarma, pouco depois, ao som rouco de córneas buzinas, e a força de dragões avançou confusamente, dando descargas para aqui, para acolá; mas recuou logo, pela improficuidade da perseguição nessa noite tormentosa.

Os dois fugitivos porfiavam por meter aos sabujos grande espaço em meio.

— Não aguento mais, Isidoro!

— Agarra-te a meu ombro e vamo-nos embora. Olha que os fulares não tardam.

— Valha-me, Senhora da Abadia!

— Não esmoreças, Bento. Estou te desconhecendo. Não parece o mesmo cabra que aquele dia tirou a cisma do macho ruão, no terreiro da Cacimba.

— Dói-me tanto o peito, que me responde cá nas costas. E que descarga danada! Os judeus me meteram uns dois balasios aqui no braço e na perna. Foi Deus que não os deixou acertar em lugar mortal. Por cima de tudo, a pontada, esse demônio de pontada perto da maminha, desta banda...

A marcha dos fugitivos enfraquecia. Já não era o mesmo pisar forte, seguido do ranger dos grilhões.

Abeiravam, então, o Jequitinhonha, cuja presença era indicada pelo estuar das águas em plena cheia. Ouviam já o som cavernoso do rio, rolando formidavelmente, no meio dos ribombos causados pelas grandes árvores, arrancadas a custo pela fúria da corrente, precipitando-se no abismo das águas com gritos despedaçados dos ramos e raízes.

Dentro do capão, denunciado aos tredos caminhantes por um grau mais intenso de sombra, tomaram fôlego, pávidos, baixando instintivamente a cabeça com a sensação da grande massa negra, informe, que lhes pairava em cima. No pandemônio de sons e movimentos que se adivinhavam no bojo da atra escuridade, pressentiam lutas supremas de troncos contra os estirões da borrasca, inundações de ninhos, dramas trágicos de animais silvestres mortos pela queda dos galhos e outros arrastados pelas enxurradas; uivos entrecortados de onças abrigadas nas lapas alcançada pelas águas, junto aos filhotes ainda aquecidos pelo calor materno; berros de sucuris despertando do sono costumeiro com as notas vibrantes e sonoras da tempestade.

Isidoro carregava já seu companheiro, arcando ao peso, roncando de esforço a cada passo, incerto, titubeante, no meio da estrada.

O vaqueano sentiu perto o rio e, norteando-se ao clarear dos relâmpagos, entrou à esquerda, por uma trilha de anta, que conduzia a uma grande rocha à beira d'água, seu pesqueiro habitual em outros tempos.

Acocorou-se aí com o pobre do companheiro, que nem falava mais. Suspirando longamente, quedou-se, resignado, à espera da madrugada.



SERENOU A TORMENTA.

E, já na meia claridade da antemanhã, uma sensação súbita de frio principiou de invadir os míseros. Era a grande massa d'água, farrusca, ameaçadora, que grimpava a pedra, traiçoeiramente, como um jacaré que se arrasta, sutil e feroz, na algidez repelente de sua pele escamosa, querendo pilhar a presa durante o sono. Espessa camada de neblina cobria toda a superfície do rio, montando, da flor das águas, pelas barranceiras acima, aos ramos mais altos do mato frondejante. O tope do arvoredado rasgava no alto o denso véu cinzento, que se esfarrapava, prendendo nas pontas da galhada longas flâmulas brancas, arfando serenamente às auras matutinas.

Os tons roxos do céu iam cedendo a uma coloração de ouro tenuíssima, que se acumulava ao longe, na barra do horizonte, onde o rio, num prestito triunfal de pequenas ondas marulhosas, parecia perder-se no espaço ilimitado.

Longas fitas de ouro e púrpura cairelavam o céu na comissura do rio, sobrepondo-se paralelamente, até se afogarem no pélagos de nimbus que refluía de onde se arqueava o firmamento.

— Eh lá! companheiro! Esperta e vamos embora, batendo mato pela beira do rio. Olha que enchente! Vigia: se nós cochilamos mais um bocadinho, a água nos papava.

E, meio estarecido da longa quietação e do frio, Bento estremunhou, distendendo os braços com gritos de dor das feridas.

— Assim, com esse inferno de corrente pesada, eu quase não me posso mexer — disse Bento, batendo o queixo, apertando no corpo o timão de baeta já meio enxuto.

Isidoro lembrou-se, então, da lima finíssima que lhe dera, há tempos, o Chico Julio e de que se não pudera servir na precipitação da fuga. Começou a serrar vigorosamente o anel de aço que roxeara o tornozelo de seu pobre companheiro. Depois, prendendo num gancho de ferro pendente do cinturão de sola toda a corrente, que lhe subiu do pé pela perua acima, exclamou:

— “Vamos ganhar a estrada!” E, suspendendo o companheiro por baixo dos braços: — “Corpo duro! Nós já desnortamos os fulares, que andaram bestando pelo mato. A chuva apagou os rastros, mas eles podem andar farejando por aí; eu deixo para limar minha corrente na venda do Chico Júlio.”

Iam começar a marcha, quando estacaram de chofre, estremecendo, com o estrepito de um corpo que caía pesadamente na água. Assuntaram algum tempo, mas ouviram logo outro ruído igual e, não longe, duas ou três capivaras que se precipitavam no rio, assustadas com a presença de tais franduleiros nos seus domínios.

Tranquilizados, partiram, numa farfalhada de folhas molhadas e de taquaras que se quebravam, assustando as jáos, fazendo os nhambús ocultar as cabecinhas no meio das folhas, levantando para o ar o uropygio coberto de frouxeis.

Queriam atravessar o rio a nado, fora de porto frequentado, onde pudessem ser vistos, mas a fraqueza de Bento fê-los hesitar diante da impetuosidade da corrente.

Encontrando, ao fim, um espriado, onde a enchente, sem a constrição de barrancos, podia pavonear suas forças, avassalando pacificamente, sem tropeço, os descampados, os fugitivos derribaram algumas piteiras, já meio secas, cujas hastes se erguiam, ainda retas e altaneiras, das touças em redor, e, jungindo-as fortemente

com cipós em grossos travessões de taquarussú, improvisaram uma jangada.

Isidoro encontrou, arrancada pela ventania da véspera, uma folha de coqueiro, cujo talo lhe serviu de remo.

— Encomenda a alma a Deus e vamos embora. Tu não tens alguma oração contra enchente? Esta jangada é muito leve e nos aguenta, mas não por muito tempo, porque a pita encharcando afunda sob o peso. Segura bem, rapaz!

Cavalgaram a jangada e fizeram-se ao largo, demandando um portozinho na outra margem, muito embaixo.

Bento acurvou o busto, azindo fortemente a estiva.

Ao ganhar o fio da corrente, a jangada foi fortemente impedida para baixo e Isidoro começou a lutar a grandes remadas, para aproximar-se da margem oposta. Então, jangada e tripulantes se confundiram, se unificaram, semelhando, no movimento que se lhes percebia, o dorso mosqueado de um suruby, retouçando ao sabor da correnteza.

Quase não se lhe notava a marcha, mas sentia-se que um esforço vivo e inteligente, terrível e heróico, lutava contra a força esmagadora da natureza onipotente.

Conseguiram vingar o portozinho, que era antes um bebedouro de animais.

Saindo d'água, tiraram os chapéus de couro e puseram as mãos, levantando os olhos aos céus, em profundo reconhecimento pela salvação; já não temiam os fulares, nem os tiros de reúnas.

A jangada que tinham abandonado lá foi, boiando sempre, topar uma grande árvore esgalhada, flutuando também. Outros ramos se lhe foram juntar e mais uns restos de macégas e garranchadas, que formaram um batel selvagem, todo franjado de espumas pardas, no qual pousava às vezes um martim-pescador, soltando gritos estridentes, numa alacridade de vitória e de fartura.

O sol iluminou, ainda baixo e frio, o campo de batalha da véspera; beijou, reverente, numa carícia de vassalo humilde, a face do rio, que pompeava seu poderio, ostentando os despejos da liça

com os bosques marginais e rolando sempre, no meio de um como *ave! triumphator!* da natureza.

Do outro lado, lobrigavam-se ainda, pequeninas, amesquinhas, as figuras dos fugitivos.

Esses primeiros raios do sol no levante, esbatendo suas cabeças, aquecendo seus corpos meio entorpecidos e alquebrados de sofrimento e de fadiga, pareciam ter uma carícia de amor e piedade para os miserandos, um resplendor de vitória para os lutadores.

Publicado pela primeira vez no livro *Pelo sertão*, pela editora Laemmert, Rio de Janeiro, em 1898. Reproduzido a partir da terceira edição de *Pelo sertão*, pela editora Garnier, Rio de Janeiro, sem data.

JOAQUIM MIRONGA

Afonso Arinos



SOL ESTAVA QUERENDO sumir, quando eu encostei a porteira. Pulei da sela e amarrei, no moirão o ruço pedrez — bicho maleriado, reparador, mas de espírito. No lombo desse pagão eu comia doze léguas, de uma assentada. Olhei a frente da casa, pus a mira no alpendre e não vi ninguém. — Uai, Joaquim, aí tem coisa! — Entrei bem sutil, reparando d'uma banda e outra.

“Patrão velho, na hora em que eu estava arreiando o pedrez, tinha chegado perto de mim, dizendo: — Olha lá, Mironga, não me vás sair um perrengue!”

— Perrengando, perrengando, meu branco, eu entrei lá dentro. Vossemecê há de ver, com o favor de Deus.”

— Olha o café, Joaquim, sem te cortar a conversa — disse um caboclo meão, de chapéu de couro e sugigóla. E estendeu o cuité fumarento, onde parecia ainda borbulhar o líquido.

Na varanda da frente, a gente do retiro estava reunida para ouvir o Joaquim. Era tempo de vaquejada e todo o dia havia um caso novo, uma chifrada de marruaz, uma passagem bem-feita com algum garrote bravo. A varanda era comprida, defendendo-a do mau tempo a grande cimalha, apoiada em colunas de madeira lavrada. Presas a estas, duas ou três redes, tecidas de seda de burity, embalavam o sono da camaradagem, que ruminava o jantar depois de um dia fadigoso, em que o gado na verdade dera que fazer.

Demais, esse gado de beira rio Preto não era caçoada. E nesse dia, no cerrado do Periquito, os vaqueiros toparam uma rez levantada, que fez o diabo.

Mas o Joaquim não era homem de ficar quieto assim, de barriga para o ar, como qualquer tiú ao sol. Era preciso animar a rapaziada na véspera de qualquer trabalho mais difícil.

Para o dia seguinte, o patrão tinha marcado uma campeação no cerrado do Garapa, onde havia um cambaúbal de meter medo. E as rezes velhacas sovertiam-se lá dentro, que só mesmo o capeta podia com elas.

Quando ia ficando lusco-fusco, o povo campeiro chegava para a banda de fora, atiçava o fogo e pegava a contar casos, a passar em revista os sucessos da vida de cada um.

Mironga, vaqueiro meio maduro, era respeitado por sua justa fama e pelo conceito de que gozava junto do patrão.

— “Como ia dizendo, encostei a porteira ao batente e entrei sutil.

“O pátio estava soturno. Nem viva alma. Isso no tempo das guerras bravas da era de quarenta e dois. Patrão velho andava amoitado. Amoitado é um modo de dizer, porque ele dormia, lá de vez em quando, num rancho de palmito no meio do mato, mas zanzava de uma banda para outra o dia inteiro, sem perder de vista a casa do retiro onde estava a família. Eu não lhe deixava a costela: vivia rente com ele para o que desse e viesse, porque, Deus louvado, nunca me desprezou, e nós da família servimos até a morte a gente do patrão, isso desde meus velhos.

“Quando entraram lá na cidade as forças do defunto coronel Joaquim Pimentel para agarrarem os rebeldes, patrão velho teve aviso. Ele era homem de opinião e não fugia assim com dois arrancos. E demais disso, a patroa estava chegadoinha a ter menino, esse pedaço de moço que vocês veem aqui hoje — Sô Néco.

“Um dia, nós já tínhamos jantado na fazenda e eu tinha descido para o quarto dos arreios, quando, na estrada que vem da Barra da Égua, olhando pelo caminho afora, eu enxerguei uns cavaleiros chegando devagar, como quem não conhecia bem o lugar e desconfiava de alguma coisa. Subi arriba e mostrei os cavaleiros ao patrão.

— Aquilo não é senão escolta e é para prender vossemecê.

“Para que falei, meu Deus! foi uma trabuzana levada em casa. A patroa tomou um susto muito grande e desandou a chorar; as mucamas trançavam pelos quartos, correndo.

“Com pouca dúvida, acenderam o círio bento junto da imagem do menino Jesus e a patroa tirou reza, acompanhada das mucamas e dos negrinhos. Patrão velho não saiu do alpendre. Gritou pelos companheiros e pela negrada.

— Hoje é dia! — disse eu cá comigo.

“Tudo quanto era clavinote, trabucos e bacamarte saiu para fora. Qual, gente! nem eu gosto de lembrar desse tempo!

“Sô moço, sô Juca, filho mais velho do patrão ainda não tinha, a bem dizer, nem buço de barba. Era espigadinho e animado. Eu sei quanto me custava ter mão nesse menino nos dias de vaquejada. Não havia garrote que ele não quisesse esperar na ponta da vara, nem cavalo xucro de que ele não quisesse tirar a nica. Ia já beirando pelos dezesseis anos, mas não mostrava.

“Oh! meu S. Sebastião, advogado dos aflitos! quando me acode à lembrança essa era amaldiçoada, sinto a modo de um travo na boca.”

Resfolegou forte o Mironga e, tirando o cigarro da fita do chapéu, bateu fogo, puxando fumaça.

A camaradagem, mudando de posição e concertando-se nos lugares, murmurava:

— Esse Joaquim é da pele, é da pele do diabo! Ele já tem visto coisas!

“Vocês sabem, continuou o Joaquim, que a frente da fazenda, além dos muros de pedra, tinha o cercado feito com toradas de madeira de lei. Aquela segurança toda era por não deixar o gado romper, quando investisse, na arrancada. Valeu-nos Deus que era assim. Estivemos engambelando a escolta um dia e metade de uma noite, debaixo de fogo. A soldadesca era toda de cavalaria, mas não era gente curraleira e, por isso, não conhecia nossas batidas. Não foi custoso mitrar aqueles diabos. E esse rio Preto — bem eu gosto dele! — foi a nossa salvação. Ele passa nos

fundos da fazenda, fechando uma manga de potros separados das éguas.

“Anoitecemos e não amanhecemos na fazenda. Com o escuro, ganhamos uma trilha pela manga abaixo — eu, patrão, patroa, meninos, mucamas, toda a gente de dentro; os campeiros e os negros ficaram entretendo a soldadesca, rebentando as pipocas toda a hora.

“Você lembra, Pio, daquela canoa em que o patrãozinho caçou anta rio abaixo?

— “Ora! pois então!?”

— “Foi nela mesmo que estivemos passando o povo para a outra banda, eu no varejão e Basílio no remo. Quando chegamos do outro lado, adeus escolta! Não havia ponte, nem váu. Se eles quisessem nos perseguir haviam de atravessar o rio a nado, ou, quando não, rodear as cabeceiras, porque as nossas canoas ficaram muito bem escondidas do outro lado.

“Ganhamos, sem maior novidade, a barranca fronteira e pou-samos num retiro da outra banda, a duas léguas do rio.

— “Até eles passarem também, temos tempo — dizia comigo.

“Sô moço, sô Juca, desde a hora da saída, ficou meio esturdio, sempre de cara fechada. Ele tinha teimado muito com o patrão velho, querendo ficar. Dizia que aqueles demônios de caramurus não haviam de tomar conta da fazenda assim, com dois tiros e meio. Mas o patrão ficou brabo com ele e não lhe tirou mais os olhos de cima até passarmos o rio. O patrão sabia que o mocinho não era brincado e que, se não lhe tivesse mão, era bem capaz de voltar para a fazenda a puxar briga com os caramurus da escolta.

“Arranchamos no retiro e a família toda acomodou-se, como Deus foi servido. O patrão estava acostumado a lidar sempre e aproveitou o tempo para cuidar da criação empastada naquela redondeza.

“Nisto as coisas principiaram a apertar.

“A gente que tinha ficado do outro lado do rio tomou conta da fazenda depois de uma resistência grande. Quem pôde fugir fugiu;

o restante que não morreu na briga ficou agarrado pela escolta. Os ladrões do inferno já tinham carneado muita rez boa da fazenda e acabado com a capadaria do chiqueiro. Essas coisas chegaram ao conhecimento do patrão e o fizeram ficar irado. A patroa ia tendo mão nele todo o dia porque ele virava mexia, d'aqui p'r'ali e falava sempre em acabar com aquilo de uma vez morrendo ou dando uma lição àqueles excomungados.

Há muita gente traiçoeira neste mundo como vocês sabem. Um desalmado desses que Nosso Senhor já chamou a si — Deus te perdoe! deu denúncia do retiro onde estava o patrão. Com pouca dúvida nós soubemos que na Tapéra a umas quatro léguas do retiro, estava se ajuntando um magote de caramurus para virem prender o patrão. Esses diabos tinham uma sede na gente do patrão, porque diziam que ele fora o rebelde mais destemido destas beiradas.

“Patrão ficou desatinado de raiva. Quis por toda lei dar caça aos caramurus, mas a patroa ficou de tal modo que nós estávamos vendo a hora em que ela caía para traz, morta. Por isso, o patrão não teve outro remédio senão ir tentando, como Deus ajudava. Vendo que nós éramos cercados de uma hora para outra e que uma desgraça ia acontecer, ele me chamou a um canto e disse:

— Joaquim, eu fiz tenção de não cair nas unhas daqueles diabos e não ir parar na cadeia. Mas as coisas estão muito feias. Se não fosse a dona... Olha: disfarça de qualquer jeito e entra na Tapéra, assim como quem vai de passagem. Assunta bem e apanha as tenções deles. Vê quantos são, se estão bem armados... Tu não és tolo e sabes bem o que eu quero. Precisamos saber o que eles pretendem, para nós podermos desmanchar a esparrela... — “Vossemecê me conhece, meu amo. Fique sossegado. Eu arranjo as coisas.

“A conversa ficou aí.

“Comigo não se precisa de muita explicação.

“Corri ao quarto e tirei minha capanga, minha companheira velha. Pus dentro dela pólvora, chumbo grosso e uma bucha de

paulista. Num bolsinho de dentro, guardei um pedaço de fumo e palhas. — “Estou pronto” — ia dizer, quando dei com os olhos no Moisés, meu clavinote, que dormia enferrujado no canto. Pareceu-me que o pau de fogo falava — “também quero ir, Joaquim.” — Eu lhe fiz a vontade.

“Areiei a arma bem areiadinha, limpei-lhe os ouvidos, pus uma pedra nova em baixo do cão e carreguei-a. Ali por perto havia um jambeiro com frutas; apanhei uma e, depois de escorvar bem a arma, joguei o jambo para o ar, lá em cima, meti a arma à cara e fiz fogo: a fruta espatifou-se toda.

— “Está bom, sô Joaquim, disse comigo, você está meio turuna na pontaria! Isto é que serve.”

“Amarrei o clavinote nos coldres da sela, apertei bem o pedrez, corri os olhos no peitoral e na retranca, passei por cima da sela um pelego bom e apertei de novo o pedrez com a sobre cincha.

“De arma de fogo eu não gosto muito mas minha vara de vaqueiro, minha vara de derribar, pior do que uma azagaia, essa eu não deixo! Desembainhei o ferrão da ponta e dei uma chuçada num portal. O ferro estava firme e amolado.

“Esse arranjo todo pouco durou.

“Apalpei, por último, meu rosário do pescoço e pulei no lombo do pedrez.

— “Êta, mundo! Chegou a hora!

— “Sô moço, sô Juca andava farejando esse negócio e me atormentou muito para eu contar a conversa que tive com o patrão. Rondou sempre por perto de nós, para ver se apanhava qualquer coisa. O menino mordía os beiços, arrancava os cabelos, esbravejava, fazia tudo para saber, porque ele queria ter uma embarruada com os caramurus. Eu nunca vi mocinho assim.

“Uma coisa me dizia que esse menino ia fazer alguma. — “Hei de ir! hei de ir!” — falava ele, com os dentes cerrados, batendo com a mão direita fechada na palma da mão esquerda.

— “Hei de ir!”

— “Vossemecê não vai, nhonhô, porque meu amo não quer.”

“Ele desconversou e sumiu.

“Quando eu já estava longe, ouvi um tropel de cavalo atrás de mim. Era sô moço que vinha num cavalinho castanho careta, corredor que nem um veado. O mocinho vinha debruçado p’ra frente, de rédea bamba e o cavalo parecia que roçava a barriga no chão na corrida.

“No eu sair, sô moço já tinha o cavalo pronto, escondido. Ganhou o rasto e bambeou as rédeas. Não foi preciso mais nada.

— “Ora já se viu! Virgem Nossa Senhora, como é que está para ser?”

— “Não tem nada, Joaquim, vamos embora. Eu te mostro que já sou duro.”

“Cá dentro, o coração me pulou de alegria, de ver a disposição do menino. Carreguei-o nestes braços e era a minha menina dos olhos. “Ora! lá se venha! o que há de ser tem muita força, pensei eu; não tive culpa da vinda dele. Se ele veio, é porque gosta deveras deste mulato velho.”

— Está bom, nhonhô, vossemecê agora me há de ouvir. Quando chegarmos à Tapéra, quem entra primeiro sou eu. Vossemecê fica amoitado ali por perto. Se os homens me prenderem ou me matarem, vossemecê percebe logo, porque isso não demora. Então, vossemecê dá de rédeas p’ra trás e toca a bom tocar até chegar à casa, para avisar a meu amo.

— “Hás de ver que eu já sou duro, Joaquim. Vamos embora.”

“Com pouca dúvida entramos em terra da Tapéra.

— “Pode ter algum espia por aí, meu patrãozinho. Vamos cortar pelo cerrado afora e ganhar a estrada que vem da Boa-Vista; enganamos os diabos, porque eles ficam pensando que somos viandantes saídos do Vão.”

“Assim fizemos.

“Antes de confrontarmos com a fazenda da Tapéra, eu fiz sô moço entrar num capãozinho de mato e ficar aí amoitado. De lá ele via a casa e o curral da frente.

“Entrei, como já contei, sem ver ninguém. Subi a escada e gritei: — O’ de casa! — Uma porta abriu-se e um caboclo de beíço rachado apareceu, respondendo: — O’ de fora! Entra e vem tomar congonha, que está no cuité. —

“Entrei e vi na sala de fora passante de vinte pessoas; uns agachados, outros de pé, os homens estavam resmungando baixo. Pelas paredes havia muita arma dependurada nos tornos. Os homens me repararam de baixo p’ra cima, de cima p’ra baixo, me estudando.

— “Ainda que mal pergunte, quem é você rapaz? disse com mau modo um sujeitinho bexigoso, com os cabelos já pintando.”

— “Eu sou Manoel João, para o servir. Assisto no Vão, perto do arraial de Morrinhos e vou buscar um sal à cidade. Venho vindo escoteiro, mas o carro vem atrás e deve chegar nestes dois dias.”

— “Você não sabe que estamos em guerra e que aqui não passa gente sem minha licença?”

— “Mas, meu patrão, manda quem pode. Não estou fora disso.”

— “E se eu te segurar aqui?”

— “Pode que fique seguro; mas hei de porfiar por sair e — quem porfia mata caça”.

“Eu fiquei ativo, correndo os olhos nos homens e chegando devagarinho para a porta. Já tinha na mente o jogo que havia de fazer com aqueles diabos.

“O homem esteve, esteve, esteve... Depois, encruzou as pernas em riba do banco onde estava sentado e disse:

— “Tu sabes alguma coisa desses chimangos por aí?”

— “Meu patrão, eu sou de longe; estou muito fora disso. Tenho ouvido rosnar uma coisa e outra, mas não ponho sentido em falas e ditos do povo.”

“Mal tinha acabado de dizer isso, quando apareceu de repente na porta um fula magricela, por nome Anselmo. Esse desavergonhado tinha trabalhado junto comigo uns dias numa arribada de gado, quando eu fui levar uma boiada do patrão à Pratinha. O diabo me encarou um bocado, depois disse:

— “Aqui, Joaquim? Você já largou o sargento-mór (era meu patrão)? Que diabo de coisa traz você cá?”

“Não foi preciso mais nada. Sô Chico Duarte, capitão daqueles jagunços, gritou logo:

— “Então, maroto, tu querias me lograr, hein? Pega esse cabra aí, minha gente!”

“A coisa ferveu logo.

“Anselmo fez menção de me agarrar num pulo.

“Eu tinha deixado meu clavinote amarrado nos coldres e a vara de ferrão encostada lá fora. Voei logo à porta. Quando Anselmo me quis abotoar, juntei-o pelos peitos e num empurrão mandei-o à parede. Isso tudo foi assim — zás! Pulei pela escada abaixo e ganhei a sela do pedrez. O matungo estremeceu de baixo dos arreios e, bugando forte, largou na carreira. Curvei-me sobre o pescoço do animal e gritei- lhe ao ouvido — “upa, meu pedrez! salva teu dono!” Bichinho fiel! A porteira não era alta e ele voou por cima dela, caindo do outro lado.

“Nisto, as pipocas rebentaram da frente da casa. A noite ia fechando, e os homens atirando das janelas e do alpendre meu vulto que fugia, erraram fogo. Eu virei a cara para traz e acenando-lhes com a mão, gritei: — Até logo, meu povo.

“Aí, uma buzina tocou forte da banda da casa, dando alerta. Os caramurus tinham gente na tocaia, pela redondeza, vigiando; acudiram logo.

“A lua, na barra do céu, alumiou um vulto de cavaleiro que crescia para mim, na carreira. E mais outro e outro.

“Um cavaleiro, cruzando na minha frente, gritou:

— “Para, ladrão, que eu te faço comer terra já!”

“Eu torci o cavalo, colhi a vara de ferrão e peguei o homem pela volta da pá. Ele deu um urro e escangotou. Seu cavalo, desgovernado, correu p'r'uma banda. Não vi se o homem caiu, mas gostou pouco da chuçada. Cheguei as esporas no vazio do pedrez e joguei-o para a frente, à disparada. — Que é de sô moço? que será dele? onde estará agora? — Topei um redemoinho de cavaleiros diante

de mim. Chegando mais perto, vi que eram só dois que pelejavam e ouvi a voz de sô moço sô Juca, dizendo:—“Cheguem, caramurus do inferno!” Meu cavalo passou rente do dele e eu piquei com o ferrão a anca do castanho careta, que estendeu por ali fora com sô moço, na horinha mesma em que ecoava um tiro de bacamarte.

“No meio do tropel da corrida, me pareceu ouvir perto de mim um gemidozinho. Olhei para os lados e vi sô moço emparelhado comigo. — “Não é nada” — pensei. E corremos e corremos obra de meia légua.

“Adiante, num escampada — ninguém nos perseguia mais — eu olhava só moço e reparava que sô moço estava calado. Não estranhei muito...

“A lua subia, e pela beira dos capões, os peixe-fritos cantavam...

“Mais adiante, na descida de um córrego, eu voltei para só moço e disse em tom de brincado;

— “Esteve feia a coisa, hein? Mas nós não somos caçoadas de ninguém.”

— “É” — disse ele com a vozinha sumida.

No subir um tope, me pareceu que ele esbarrou o cavalo.

— “Que é que vossemecê tem?”

— “Nada.”

— “Então, toque o animal.”

“E fomos indo...

“Daí a pouco, ele andava penso p'r'um lado, meio envergado, como quem estava curtindo uma dor muito grande.

“Eu, achegando-me para ele, disse:

— “Conta, meu sinhozinho, conta a seu mulato velho o que vossemecê está sentindo.”

“Ele endireitou o corpo logo, respondendo:

— “Nada, Joaquim. Eu não te disse que era duro?”

“Fomos embora.

“Com pouco, alcançou-nos um pé de vento bravo. As folhas e os gravetos do chão subiam em revoada; nossos cavalos, abicando as orelhas pra frente, levantaram as cabeças e rincharam forte.

“Tínhamos de dobrar um serrote por uma ladeira esperta; no meio, um murundu fazia a trilha acotovelar para dar passagem aos cavaleiros. Quando o animal de sô moço torceu de repente, para voltar o murundu, eu vi sô moço cambaleiar. Dei um arranco e amparei-lhe o corpinho franzino, puxando-o fora dos arreios e sentando-o no cabeção de minha sela. O castanho, solto, correu na frente.

— “Quando sô moço debruçou sobre mim, falou-me com uma voz que nunca mais me saiu dos ouvidos e me corta até hoje o coração — “Está doendo, Joaquim!...” Eu me apeguei com Senhora da Abadia do Muquem e bradei alto:

— “Santo do céu! tem dó de nós!”

“Sô moço deu mais um gemidozinho, muito fraco. Parecia um carneirinho novo, sem mãe, que vai querendo morrer por falta de leite e de calor...”

Neste ponto, a voz do velho campeiro tornou-se profunda como a das enxurradas que tombam, goela abaixo, nos socavões da serra.

Nenhum campeiro mais recostado.

Todos, de pé, apertavam-se ao redor do Mironga, estendidos os pescoços, os semblantes mal-assombrados pintando-lhes os sentimentos da alma.

“Quando eu segurei sô moço por baixo dos braços para tirá-lo da sela, senti as mãos molhadas. Apalpei e reconheci que não podia ser suor. Tirei fogo e vi minha mão direita vermelha de sangue!...”

Ereto no meio dos companheiros, o capataz daqueles homens bravios tinha o semblante demudado e a voz entrecortada pelos ofegos do largo peito hirsuto.

O fogareiro aceso avermelhava aqueles rostos, que formavam círculo ao redor do Mironga; todos mudos, atentos, como os guerreiros das tribos bárbaras ouvindo ao chefe valente as peripécias dolorosas da peleja recém-ferida.

— “Excomungados, malditos caramurus! Ficaram satisfeitos os demônios e não buliram mais com o patrão...”

Fora, na orla do campo, os guarás famintos uivavam dolentemente, do meio da sombra.

O velho campeiro não falava mais.

Às interrogações de tantos olhares, de tantas bocas semi-abertas, Joaquim Mironga respondeu com estas últimas palavras, apontando para o céu recamado de estrelas:

— Lá, naquele campo azul, junto com os anjos, pastorando o gado miúdo...

Publicado pela primeira vez no livro *Pelo sertão*, pela editora Laemmert & C., Rio de Janeiro, em 1898. Reproduzido a partir da terceira edição, pela editora Garnier, Rio de Janeiro, 1898.

PEDRO BARQUEIRO

Afonso Arinos

“ **E** U LHE CONTO — dizia-me o Flor, quase ao chegarmos à Cruz de Pedra. — Naquele tempo eu era franzinozinho, maneiro de corpo, ligeiro de braços e de pernas. Meu patrão era avalentado, temido e tinha sempre em casa uns vinte capangas, rapaziada de ponta de dedo. Eu tinha uma *meia-léguas*, trochada de aço, que era meu osso da correia.” E, consertando o corpo no lombilho, soltou as rédeas à mula ruana, que era boa estradeira. Inclinou-se para um lado, debruçando-se sobre a coxa, e apertou na unha do polegar o fogo do cigarro, puxando uma baforada de fumo.

“Estávamos, um dia, divertindo-nos com os ponteados do Adão, à viola. Eu estava recostado sobre os pelegos do lombilho, estendidos no chão. A rapaziada toda em roda. Pouco tínhamos que fazer e passava-se o tempo assim.

“Eis se não quando entra o patrão, com aqueles modos decididos, e, voltando-se para um moço que o acompanhava, disse: — Para o Pedro Barqueiro bastam estes meninos! —apontando-me e ao Pascoal com o indicador; — não preciso bulir nos meus *peitos largos*. O Flor e o Pascoal dão-me conta do crioulo aqui, amarrado a sedenho.

“Para que mentir, patrãozinho? o coração me pulou cá dentro, e eu disse comigo — estou na unha! O Pascoal me olhou com o rabo dos olhos. Parece que o patrão nos queria experimentar. Éramos os mais novos dos camaradas, e nunca tínhamos servido senão no campo, juntando a tropa espalhada, pegando algum burro sumido. Eu tinha ouvido falar sempre no Pedro Barqueiro, que um dia aparecera na cidade sem se saber quem era, nem

donde vinha. Cheguei uma vez a conhecê-lo e falamo-nos. Que boa peça, patrãozinho! Crioulo retinto, alto, truncudo, pouco falante e desempenado. Cada tronco de braço que nem um pedaço de aroeira.

“Estou com ele diante dos olhos, com aquela roupa azuleja, tingido no Barro Preto; atravessado à cinta um ferro comprido, afiado, alumando sempre, maior que um facão e menorzinho do que uma espada.

“Esse negro metia medo de se ver, mas era bonito. Olhava a gente assim com ar de soberbo, de cima para baixo. Parecia ter certeza de que, em chegando a encostar a mão num cabra, o cabra era defunto. Ninguém bulia com ele, mas ele não mexia com os outros. Vivia seu quieto, em seu canto. Um dia, pegaram a dizer que ele era negro fugido, escravo de um homem lá das bandas do Carinhonha. Chegou aos ouvidos do patrão esse boato. Para que chegou, meu Deus! O patrão não gostava de ver negro, nem mulato de proa. Queria que lhe tirassem o chapéu e lhe tomassem a benção.

“Daí, ainda contavam muita valentia do Barqueiro, nome que lhe puseram por ter vindo dos lados do rio São Francisco. Essas histórias esquentavam mais o patrão, que eu estava vendo de uma hora para outra estripado no meio da rua, porque era homem de chegar quando lhe fizessem alguma.

“Tanto eu como Pascoal tínhamos medo de que o patrão to-
passe Pedro Barqueiro nas ruas da cidade.

“Subiram de ponto esse nosso receio e a ira do patrão, quando se soube de uma passagem do Pedro, num batuque, em casa de Maria Nova, na rua da Abadia.

“Chegará uma precatória da Pedra dos Anjicos e o juiz mandou prender a Pedro. Deram cerco à casa onde ele estava na noite do batuque. Ah! meu patrãozinho! o crioulo mostrou aí que canela de onça não é assobio. Não é dizer que estivesse muito armado, nem por isso: só tinha o tal ferro, alumando sempre; e com esse ferro deu pancas.

“Quando cercaram a casinha e lhe deram voz de prisão, o negro fechou a cara e ficou feito um jacaré de papo amarelo. Deu frente à porta da rua e encostou-se a uma parede. Maria Nova estava perto e me disse que ele cochichou uma oração, apertando nos dedos um *bentinho*, que branquejava na pele negra de sua peitaria lustrosa.

“Chegaram a entrar na casa três homens da escolta, e todos três ficaram estendidos. Pedro tinha oração, e muito boa oração contra arma de fogo, porque José Pequeno, caboclinho atarracado, ao entrar, escancarou no negro o pinguelo de um clavinote e fez fogo. Pedro Barqueiro caminhou sobre ele na fumaça da pólvora e, quando clareou a sala, José Pequeno estava escornado no chão como um boi sangrado.

“Dois rapazinhos quiseram chegar ainda assim, mas Pedro Barqueiro descadeirou um e pôs as tripas de fora a outro, que escaparam, é verdade, mas ficaram lá no chão gemendo por muito tempo.

“Daí para cá, Pedro evitava andar pela cidade, onde só aparecia de longe em longe, e à noite. Mas todo o mundo tinha medo dele e vivia adulando-o.

“Um dia, como já lhe contei, apareceu lá em casa um moço pedindo auxílio a meu patrão para agarrar o negro. Era mesmo escravo, o Barqueiro; mas há muitos anos vivia fugido. Já lhe disse que o patrão queria tirar o topete do valentão, e, para isso, escolheu pobre de mim e Pascoal.

— Que dizes, Flor? falou o patrão rindo-se.

— Uai, meu branco, vossemecê mandando, o negro vem mesmo, e no sedenho.

— Quero ver isso.

— Vamos embora, Pascoal!

“Quando íamos a sair, o patrão bateu-me no ombro e, voltando-se para o moço, disse muito firme: — Pode prevenir a escolta para vir buscar o Barqueiro aqui, de tarde. Hão de dar duzentos mil-réis a estes meninos.

“Desci ao quarto dos arreios, passei a mão na *meia-légua* e no facão e apertei a correia à cinta.

“Pascoal já estava na porta da rua, assobiando. Tinha por costume, nos momentos de aperto, assobiar uma trova, que diz assim:

“Na mata de Josué
Ouvi o mutum *gemê*;
Ele geme assim:
Ai-rê-uê, hum! airê!”

“Quando Pascoal me viu, soltou uma risada.

— Estás doido, rapaz! gritou-me.

— Por quê?

— Queres mesmo enfrentar com o Pedro Barqueiro?... Ele faz de nós paçoca. A coisa há de se fazer de outro modo.

“Pascoal tinha tento e eu sempre tive fé nele. Era um cabritozinho mitrado. Saía-lhe cada ideia... Mandou-me guardar a *meia-légua* e o facão. Depois, foi à venda, escolheu anzóis de pesca e veio para casa encastoá-los. Eu, nem bico! Ajudei a acabar o serviço, certo de que Pascoal tinha alguma na mente.

— Deixa a coisa comigo, ajuntava ele.

“Isso ainda era cedo; o sol estava umas três braças de fora, no tempo dos dias grandes. Lá por casa madrugávamos sempre, para ir ao pasto e trazer os animais de trato.

“—Vamos fazer uma pescaria, disse-me o Pascoal. — Ali para os lados do Batista, perto de um baruzeiro grande, há um poço, onde as curumatãs e os pias são como formigas. O rancho do Pedro Barqueiro fica perto. Ele mora só e eu conheço bem o lugar. Pela astúcia havemos de prendê-lo. Quando eu gritar: — segura, Flor! —, tu agarras o negro, mas segura rente!”

“E fomos. Nessa hora me veio bastante vontade de fugir ao perigo, de ir passear, porque tinha como certo suceder-nos alguma. ‘Que é lá, Flor!’ — disse de mim para mim: ‘Um homem é para outro’. E, depois, o Pascoal não me deixava nas embiras. Quando descemos

o Gorgulho e fomos virando para o lado do córrego, fiquei meio sorumbático. Nesse tempo eu andava arrastando a asa à Emília, filha do José Carapina. Era uma roxa bonita deveras e não estava muito longe de me querer. Posso dizer mesmo que na véspera olhou muito para mim, ao passar com a saia de chita sarapintada de vermelho, umas chinelas novas de cordovão amarelo. Ah! Que peitinho de jaó, patrãozinho! Empinado, redondo, macio como um couro de lontra. Com o devido respeito, patrãozinho, eu estava na peia, enrabichado, e foi nesse mesmo dia que ela me deu esta cinta de lã, tecida por suas mãos, que guardo até hoje. 'Ai! roxa da minha paixão' — pensava eu — 'como hei de morrer assim, fazendo cruz na boca?' O diabo da ideia me atarantou pelo caminho e cheguei a dar tremenda topada numa pedra, no meio da estrada. Curvei-me sobre a perna, agarrei o pé com as mãos e estive assim dançando sem querer, um pedacinho do tempo. Depois, levantei a cabeça. Pascoal sentara num barranco e encarava para mim, rindo. Levantei a cabeça e olhei para cima, assuntando. No céu galopavam umas nuvens escuras, a modo de um bando de queixadas rodando pelo campo.

“Um vento áspero passava, arrancando do jenipapeiro as frutas maduras, que esborrachavam no chão assim — pof! — espantando as juritis que andavam esgaravatando a terra e comendo grãozinhos. Duas siriemas guinchavam, esgoelavam. Depois, vi que estavam brigando — me lembra como se fosse hoje — e uma avançava para outra dando pulinhos, sacudindo as asas, com o cocuruto arrepiado e os olhos em fogo. O coração pareceu dizer-me outra vez — ‘Olha, Flor, o que vais fazer’. Nesse entretanto, o Pascoal, que me encarava sempre do ponto onde estava sentado, gritou-me:

— “Esqueceste a cabeça n’algum lugar? Vamos embora, que vai tardando já”.

“Fiquei descochado; caí em mim e fui marchando disposto. Daí em diante, fui brincando com o Pascoal, que era muito divertido e tinha sempre um caso a contar. Chegando embaixo, arregaçamos as calças e descemos o córrego, cada um com o seu anzol na vara, ao ombro.

“Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro.

“Aí, quase que tínhamos esquecido o perigoso mandado, tão diferente andava a conversa com as çaçoadas do Pascoal.

“Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dele e a cozinha.

“Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha ali perto.

— Você por aqui, meninos? Olhem! Vão ali naquele poço, para baixo dacachoeira. Tem uma laje grande e de cima dela vocês podem fazer bichas com os piaus.”

— “Louvado seja Cristo, meu tio!” havia dito o Pascoal, e nisto o imitei.

— “Se quiserem comer uma carne assada ao espeto, tirem um naco; está na fumaça, por cima do fogão, uma boa manta. Olhem a faca aí na sala, se vocês não têm algum caxerenguengue.”

“Pascoal entrou e viu recostado a um canto da parede o ferro alumando. Pegou nele, saiu pela porta da cozinha e escondeu-o numa restinga, ao fundo. Depois, me assobiou, eu acudi e fui procurar a *lazarina* de Pedro — boa arma, de um só cano, é verdade, mas comedeira.

— Há alguma jaó por aqui, tio Pedro? perguntou Pascoal.

— Nem uma, nem duas, um lote delas. Se você quer experimentar minha arma, vá lá dentro e tire-a. Não errando a pontaria, você traz agora mesmo uma jaó.

— Quero matar um passarinho para fazer isca, meu tio.

— Pois vá, menino.

“E Pascoal descarregou a arma.

“Pedro tinha se levantado e falava com Pascoal do vão da porta de entrada.

“Era hora.

“Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas. A combinação era

essa. Enquanto Pascoal o foi entretendo, eu fui chegando soturno, quando ele gritou: — “segura!” — eu pulei como uma onça sobre o negro desprevenido.

“Conheci o que era um homem, patrãozinho! Saltando-lhe nas costas, dei-lhe um abraço de tamanduá no pescoço. Mas o negro não pateteou, e, mergulhando comigo para dentro da sala, gritou:

— “Nem dez de vocês, meninos! Ah! se eu soubesse...”

“Patrãozinho, eu sei dizer que o negro me sacudiu para cima como um touro bravo sacode uma garrocha. Mas eu via que, se o largasse, estava morto, e arrochei os braços.

— “Chega, Pascoal!” — gritei.

— “Eu quero manobrar de fora. Ânimo! Segura bem, que nós amarramos o negro.”

“Que tirada de tempo! O negro, às vezes, abaixava a cabeça, dando de popa, e minhas pernas dançavam no ar, tocando quase o teto do rancho. Lutamos, lutamos, até que Pascoal pôde meter um tolete de pau entre as canelas do Pedro, de modo que ele cambaleou e caiu de bruços. Nós dois pulamos em riba dele. Eu, triunfante, gritava: — Conheceu crioulo? Negro é homem? — Ele era teimoso, porque dizia ainda: — Nem dez de vocês, meninos! Ah! Se eu soubesse...”

“Pascoal trazia à bandoleira um embornal para carregar peixe e veio dentro dele escondida uma corda de sedenho, comprida e forte.

“O Barqueiro estava no chão; e foi preciso ainda fazermos bonito para amarrá-lo.

“Agora, puxe na frente, seu negro! — gritou-lhe o Pascoal.

“Havíamos juntado os braços dele nas costas e apertamos com vontade. Ficou completamente tolhido.

“Eu ia segurando a ponta do sedenho e levava o negro na frente. Mesmo assim, houve uma hora em que ele me deu um tombo, arrancando de repente a correr. Por seguro, a corda estava-me enrolada na mão e eu não a larguei. Nesse instante, Pascoal tinha corrido atrás dele e lhe descarregado na nuca um tremendo murro,

que o fez bambejar um pouco e me deu tempo de endurecer o corpo e segurar firme a corda.

“O Barqueiro, depois que saiu do rancho, não piou.

“Chegamos à casa de tarde e o negro ia no sedenho.

— “Eu não disse”, gritava o patrão muito contente, “que só bastavam esses dois meninos para o Barqueiro? Está aí o negro.”

“E o povo corria para ver, e a frente da casa do patrão estava estivada de gente.

“Recebemos os duzentos mil-réis.

“Tinha me esquecido de contar-lhe que eu fizera uma promessa à Senhora da Abadia, de levar-lhe ao altar uma vela, se voltasse são e salvo. Cumpri a promessa no dia seguinte e arranjei uma festinha para a noite. Queria um pé para estar com a Emília.

“Comprei um trancelim de ouro para aquela roxa de meus pecados e um xale azul. Ela era esquiava. Fez muito momo nessa noite, e não me quis dar nem uma boquinha, com o devido respeito ao patrãozinho.

“Saí da casa de José Mendes, onde dei a festa, quando os galos estavam amiudando.

“A estrela-d’alva, no céu escuro, parecia uma garça lavando-se na lagoa. O orvalho das vassouras me molhou as pernas e eu estremeci um bocadinho. Entrei num beco que ia sair na rua de Trás, onde eu então morava.

“Ia meio avexado e peguei a banzar. Emília! Emília do coração! por que me amofinas com esse pouco caso? E desandei a cantar, bem chorada, esta cantiga:

*Tá trepado no pau,
De cabeça pra baixo,
Com as asas caídas
Gavião de penacho!
Todo o mundo tem seu bem,
Só pobre de mim não tem!
Ai! gavião de penacho!*

“De repente, pulou um vulto diante de mim. Quem havia de ser, patrãozinho? Era o Pedro Barqueiro em carne e osso. Tinha, não sei como, desamarrado as cordas e escapado da escolta, em cujas mãos o patrão o havia entregado.

“O ladrão do negro tinha oração até contra sedenho!”

“Sem me dar tempo de nada, o Barqueiro me agarrou pela gola e me sugigou. Levantou-me no ar três vezes, de braço teso, e gritou-me:

— “Pede perdão, cabrito, desavergonhado, do que fizeste ontem, que te vou mandar para o inferno! Pede perdão, já!”

“A gente precisa de ter um bocado de sangue nas veias, patrãozinho, e um homem é um homem! Eu não lhe disse pau nem pedra. Vi que morria, criei ânimo e disse comigo que o negro não me havia de pôr o pé no meu pescoço.

“Exigiu-me ele, ainda muitas vezes, que lhe pedisse perdão, mas eu não respondi. Então, ele foi me levando nos braços até uma pontezinha que atravessava uma perambeira medonha. A boca do buraco estava escura como breu e parecia uma boca de sucuri querendo me engolir. Suspendeu-me arriba do guarda-mão da ponte e balançou meu corpo no ar. Nessa hora, subiu-me um frio pelos pés e um como formigueiro me passou pela regueira das costas até a nuca; mas minha boca ficou fechada. Então, o Barqueiro, levantando-me de novo, me pousou no chão, onde eu bati firme.

“O dia estava querendo clarear. O negro olhou para mim muito tempo, depois disse:

— Vai-te embora, cabritinho, tu és o único homem que tenho encontrado nesta vida!

“Eu olhei para ele, pasmado.

“Aquele pedaço de crioulo cresceu-me diante dos olhos, e vi — não sei se era o dia que vinha raiando — mas eu vi uma luz estúrdia na cabeça de Pedro.

“Desempenado, robusto, grande, de braço estendido, me pareceu, mal comparando, o Arcanjo São Miguel sugigando o Maligno. Até claro ele ficou nessa hora!

“Tirei o chapéu e fui andando de costas, olhando sempre para ele.

“Veio-me uma coisa na garganta e penso que me ia faltando o ar.

“Insensivelmente, estendi a mão. As lágrimas me saltaram dos olhos, e foi chorando que eu disse:

— Louvado seja Cristo, tio Pedro!”

“Quando caí em mim, ele tinha desaparecido.”

Publicado pela primeira vez na *Revista Brasileira*, v. 1, Rio de Janeiro, em 1895. Reproduzido a partir da terceira edição da coletânea de contos *Pelo Sertão*, publicada pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, em 1898.

PEDRO CABINDA

Nelson de Senna



COMO JÁ SE DISTANCIA de mim a faceira e idolatrada meninice! Em 18..., ainda no fastígio do império e sob o infamante azorrague do senhor de escravos...

Ah! Bem me lembro... foi, em Santo Ildefonso, lá em remoto povoado, pelas bandas do oriente de minha terra, onde corre, barrento e impetuoso, o rio dos “grandes cervos”, o irado *Suassuhy*. Desperta-te, memória, e vem vazar aqui o que meus olhos de infante sensível e tímido viram, então, e jamais hão de esquecer!



FEROZ, DESMEDIDAMENTE ENCARNIÇADA, sem instantes de tréguas, a caça que o avalentado Felisberto Cardoso dava aos pobres cativos foragidos pelos arredores de Santo Ildefonso. Negro que do desapiedado senhor para ali fugisse, buscando guarida nas solidões nemorosas da *Motta Velha*, ou nas quebradas e bocainas da *Serra do Damião*, era certo ser seguro por Felisberto e bem jungido ao cepo dos tormentos do escravo — o tronco... “Alma de lacaio” ao serviço dos regulos de aldeia, ignorante e enfumaçado pelo perigoso apoio, que a hipocrisia de *mandões* vingativos lhe dispensava — tal, em suma, o capitão de mato Felisberto Cardoso, tipo de mulato atarracado e disposto, coração de hiena, vigor de anta, corpanzil de touro feito...

Quem quisesse escravo fugido para sempre submisso e de uma vez curado do mau sestro de abandonar a senzala infectada da *fazenda* pelo refúgio ameno da vida à solta, era só comissionar

para isso o estimável Sr. Felisberto, herói celebrado nas palestras dos negreiros das cercanias.

Ninguém como ele para brandir sobre as costas do negro, na solenidade convencida dos grandes castigos, o rebenque sibilante do capataz; e qual lhe levaria a palma no honroso officio de farejar o rasto de um *cobra fujão*, de grudá-lo bem, na laçada *mansa* de um couro cru, esticado a nós corredios, ou de, bem aos pouquinhos, tirar ao mais fornido dos escravos a seiva renitente da rebeldia aos caprichos e tratos de seu senhor?

Com que turbulenta ufania de official consciente e orgulhoso de suas funções, Cardoso tomava os aparelhos de suplicio, desde o chicote espontado a rebitos até a grossa e chapeada férula de cabiuna, para domar a altivez e coragem de suas vítimas.

.....

Mas... sim foi na véspera da Imaculada, e, por sinal, que o fidalgo sol empoeirava, naquela tarde, os telhados da casaria de Santo Ildefonso, com um turbilhão sutil de carmim e ouro.

Sabia-se no arraial que a rica família dos Fragas escolhera aquele dia para nele se celebrarem as bodas de dona Iria, a formosa e caçula *sinhazinha* da casa, que ia desposar guapo mocetão, também fazendeiro.

Os aprestos da opulenta *função* desde muito se estavam dispondo; e, consoante os haveres dos pais da noiva, custoso vestido, com finíssimos labores de seda, bem como adereços fulgurantes e a clássica grinalda de níveos botões e flores, com ramagens glaucas de laranjeira, tinham sido encomendados para industriosa e bela cidade mineira do norte, onde iria buscar tão indispensáveis preparos das núpcias pessoa de íntima confiança e certa pontualidade.

Pedro, negro fula, com 50 anos bem rebatidos nos cascos de trabalhador valente dos eitos, velho escravo da estima privada de Miguel Fraga, o dono da grande propriedade da *Pedra Redonda* e pai de dona Iria, foi o escolhido para dar fiel desempenho à melindrosa comissão de conduzir, a tempo das núpcias, os ditos objetos, em preparo na formosa cidade de Diamantina do *Tejuco*.

Escudeiro e a pé partira, pelos fins de novembro, de dias contados à risca, tanto para ir como voltar. Os chuviros torrenciais da invernia começavam de alagar os já de si péssimos caminhos da jornada; mas o pontual captivo, caminheiro experimentado, ia já engolindo, a passadas de galgo, as “léguas de Satanás” de seu itinerário, contando em breve regressar com a preciosa encomenda.



RESPONSÁVEL PELOS ESTRAGOS, quiçá fortuitos, que pudessem sobrevir aos brocados, guirlandas e vestidos, cuidadosamente acondicionados em amplo baú de folha, revestido de cobertura impermeável de encerado, que conduzia à cabeça, Pedro, vergado ao peso da carga excessiva, não trepidara um instante em se pôr de volta para Santo Ildefonso. No íntimo, secreto temor o abalava, às vezes dominado pela ideia de que qualquer circunstância insuperável o levasse a faltar, no já marcado dia do casamento, com o baú a seus cuidados...

Nem mesmo os grandes atascadeiros perigosos da várzea baixa e inundada do Guanhões — ponto forçado, que tinha de atravessar, — nem tão pouco as pavorosas e bravas enchentes desse rio, já acostumado a imergir, em anos anteriores, a ponte de *Pitteiras*, de tal modo que a travessia se fazia incerta e a nado, ao rojão sinistro das águas turvas e velozes: cada disto deteve o intemerato e ousado escravo.

Afrontando a corredeira selvagem do rio, em luta desigual, de que seu heroísmo saiu vencedor, Pedro saltou do outro lado do Guanhões, engatinhando no lodaçal da margem oposta e mantendo, equilibrado ao alto da cabeça firme, o pesado baú, tormento constante de seus receios e cuidados.

Em pugna contra a torrente, cuja violência vencera, ensurdecido no meio da ponte, que lhe fugia aos pés, oscilada aos embates das águas enfurecidas e avolumadas, e quase tonto pelo bramir do rio; Pedro só tinha agora mais dois dias de longas caminhadas

e teria desempenhado a comissão, salvo de responsabilidades e perigos...

Estaria, porém, intacto o baú e não danificadas as sedas e mais peças do custoso enxoval?



NO ARRAIAL, TODO DIA 8 de dezembro estivera agitado e festivo; eram turmas de cavalheiros que chegavam, rinchos impertinentes de carros, atulhados de comezainas e preparos para o banquete do casamento, que vinham rodando pela ampla estrada vermelha de poeira, ao cantar gemebundo dos carreiros... Salvas de roqueira e tirambazios fortes de pistolas e garruchas, carregadas à pólvora seca, já enfumaçavam o ar, desde meio-dia, saudando, em prenúncios de extravagante júbilo, o fato auspicioso das núpcias de dona Iria.

Toda a família Fraga aposentada de véspera, para os complicados arranjos da *função*, no vetusto casarão do *Engenho de Cima*, que lhes servia de residência no povoado, tinha se reunido, naquele dia, trazendo consigo a enorme escravatura, trabalhadores e agregados. Ia ser uma festa de arromba, que tinha de perdurar por muitas gerações de roceiros, sempre recontada, com esses argumentos ingênuos a quase instintivos do nosso povo sertanejo, propenso, por índole, a narrar com lustre e saudade as coisas do passado...

Mas o essencial da festança não chegara ainda; o crioulo Pedro, ansiosamente esperado até a véspera, termo fatal de uma chegada, não dera novas de si até aquele instante — 3 horas da tarde, como marcava o bojudo e fiel relógio de prata de lei, que as mãos trêmulas de ira do rico sr. Miguel Fraga seguravam, enquanto a largas pernas andava aos boléos de uma para outra extremidade da confortável varanda da chácara do *Engenho de Cima*.

A demora do escravo condutor do enxoval de dona Iria estava desmanchando os meditados andamentos do casório; e a fim de

evitar que se adiasse a cerimônia nupcial para outro dia, o fazendeiro tinha já, no dia antecedente, desde que se vira em falta o portador, enviado à sua procura dois fortes latagões, negros fulas, que em tempos Pedro feitorizara no eito.

Felisberto Cardoso fora completando a pequena escolta e tinha ordens de trazer a toda a pressa, vivo ou morto, o impontual mensageiro. A cerimônia marcada para às seis horas da tarde, requeria, forçosamente, que a noiva dispusesse, ao menos com uma hora de antecedência, o seu garboso e complicado vestuário; e para isso, insinuara, bem forte, o velho Fraga ao empertigado Cardoso: “era preciso, urgente, apanharem o negro e arrancar-lhe o baú, que devia ser conduzido, a toda brida, por um dos da escolta, cavalgado ainda a tempo de sobra para o casamento!!...”



NA AGONIA VESPERAL daquele ocaso de um dia de dezembro, tenuemente pulverizava o rutilo sol, sobre a casaria branca de Santo Ildefonso, uma luz fantástica de carmim e ouro...

No amplo terreiro da chácara do *Engenho de Cima* atroavam de um lado as roqueiras e salvas, enquanto em grupos da escravaria dos Fragas casquinavam os pandeiros, adufes e tambores de *ca-xambú*, e em outras rodas de camaradas e tabaréus vindos à *função* ouvia-se o ponteado meigo das violas e machetas, anunciando o começo do batuque e “dança de quatro”, de par com o samba enguiçado dos negros.

Todo esse *brouhahá* de diversões e populares festejos era em honra das bodas de dona Iria. Já se tinham enlaçado diante da igreja os dois noivos, cujos corações voavam um para o outro, palpitanes de gozo, por sobre o vozear alegre da multidão de convidados, que atopetavam os salões nobres da opulenta vivenda de Miguel Fraga.

.....

Em afastado recanto do terreiro, à mão direita da chácara, se estendia a construção grosseira e acachapada da velha senzala do *Engenho*, agora envolta, tristemente, na penumbra do ar pardo, enquanto as adjacências da chácara se banhavam, à vontade, na profusa iluminação da casa grande, em festas.

Ouçamos a essa hora os gemidos e estertores de alguém, atirado sem conforto, sem misericórdia por cima das traves suplicadoras de um tronco...

Um negralhão robusto ali está desfalecido e espichado de machos de ferro aos pés inchados de muito caminhar, os braços e pernas naquela mortificante alçaprema, enquanto dores sem conta o atenazam e oprimem por todo o corpo desconjuntado. Estranho espetáculo tinham visto naquele dia os habitantes de Santo Ildefonso! Pedro, o inditoso cativo, fora apanhado por Felisberto Cardoso quase a chegar ao arraial, com as encomendas de que era portador; vinha estafado da ingrátissima jornada, mas estava certo de não faltar com o baú, e nem que fosse no instante mesmo do ato religioso... O feroz capitão de mato é que não esteve pelos autos; foi logo abotoando pelos peitos o submisso escravo, partindo-lhe a cara de murros e pondo ao pescoço do mártir a gollha asfíxiante de grossa corrente; as mãos não podiam vir soltas, por isso embirou-as, asperamente, com várias voltas de corda resistente. E agora toca a machucá-lo de empurrões e a despejar-lhe, na mais hedionda e selvagem das cruezas, duras correntadas sobre as costas, que sangram, em borbotões rubros, pingando através das ruas da povoação, em que entrou o cortejo da vítima miseranda e seus algozes, pelas 5 horas da tarde.

Perdidos no tumulto festivo da chácara, passaram eles despercebidos de todos, que, entretidos de alegrias e ocioso folgar, nem podiam suspeitar porque motivo entra àquela hora um grupo de homens às portas do ergástulo da senzala...

— Um... dois... cinco... vinte, vinte e um, trinta... quarenta... Estende a mão, negro do inferno! berrava, possesso, Cardoso, e fazia descer em estalos horríveis, as pancadas da palmatória

chapeada sobre as mãos soltas e humildes do cativo, alternadamente apresentadas ao castigo.

No recinto lóbrego e infecto do tronco, tinha mais uma vez esguichado o sangue inocente de um futuro redimido de 88! Na orquestra bizarra, que tocava lá em cima na casa grande dos Fragas, em honra aos noivados, iam-se perder os brados aflitivos, os gritos de dor saídos do coração leal, da alma boa de Pedro Cabinda, o “Captivo Martyr”.

Publicado pela primeira vez no livro *Contos sertanejos: lendas e fragmentos*, pela Typographia Universal, Belo Horizonte, 1902.

PAI CONTRA MÃE

Machado de Assis



ESGRAVIDÃO LEVOU CONSIGO ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de Flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imagine uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da esgravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque

dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raros, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente”, — ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutasse.

Ora, pegar escravos fugidos era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

Cândido Neves, — em família, Candinho, — é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos. Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armarinho. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por

sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos.

Quando veio a paixão da moça Clara, não tinha ele mais que dívidas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador de ofício. Depois de várias tentativas para obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que aliás já tomara algumas lições. Não lhe custou apanhar outras, mas, querendo aprender depressa, aprendeu mal. Não fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos comuns para cadeiras. Queria ter em que trabalhar quando casasse, e o casamento não se demorou muito.

Contava trinta anos, Clara vinte e dois. Ela era orfã, morava com uma tia, Mônica, e cosia com ela. Não cosia tanto que não namorasse o seu pouco, mas os namorados apenas queriam matar o tempo; não tinham outro empenho. Passavam às tardes, olhavam muito para ela, ela para eles, até que a noite a fazia recolher para a costura. O que ela notava é que nenhum deles lhe deixava saudades nem lhe acendia desejos. Talvez nem soubesse o nome de muitos. Queria casar, naturalmente. Era, como lhe dizia a tia, um pescar de caniço, a ver se o peixe pegava, mas o peixe passava de longe; algum que parasse, era só para andar à roda da isca, mirá-la, cheirá-la, deixá-la e ir a outras.

O amor traz sobrescritos. Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido verdadeiro e único. O encontro deu-se em um baile; tal foi — para lembrar o primeiro ofício do namorado, — tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior brochado. O casamento fez-se onze meses depois, e foi a mais bela festa das relações dos noivos. Amigas de Clara, menos por amizade que por inveja, tentaram arredá-la do passo que ia dar. Não negavam a gentileza do noivo, nem o amor que lhe tinha, nem ainda algumas virtudes; diziam que era dado em demasia a patuscadas.

— Pois ainda bem, replicava a noiva; ao menos, não caso com defunto.

— Não, defunto não; mas é que...

Não diziam o que era. Tia Mônica, depois do casamento, na casa pobre onde eles se foram abrigar, falou-lhes uma vez nos filhos possíveis. Eles queriam um, um só, embora viesse agravar a necessidade.

— Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome, disse a tia à sobrinha.

— Nossa Senhora nos dará de comer, acudiu Clara.

Tia Mônica devia ter-lhes feito a advertência, ou ameaça, quando ele lhe foi pedir a mão da moça; mas também ela era amiga de patuscadas, e o casamento seria uma festa, como foi.

A alegria era comum aos três. O casal ria a propósito de tudo. Os mesmos nomes eram objeto de trocados, Clara, Neves, Cândido; não davam que comer, mas davam que rir, e o riso digerira-se sem esforço. Ela cosia agora mais, ele saía a empreitadas de uma coisa e outra; não tinha emprego certo.

Nem por isso abriam mão do filho. O filho é que, não sabendo daquele desejo específico, deixava-se estar escondido na eternidade. Um dia, porém, deu sinal de si a criança; varão ou fêmea, era o fruto abençoado que viria trazer ao casal a suspirada ventura. Tia Mônica ficou desorientada, Cândido e Clara riram dos seus sustos.

— Deus nos há de ajudar, titia, insistia a futura mãe.

A notícia correu de vizinha a vizinha. Não houve mais que espreitar a aurora do dia grande. A esposa trabalhava agora com mais vontade, e assim era preciso, uma vez que, além das costuras pagas, tinha de ir fazendo com retalhos o enxoval da criança. À força de pensar nela, vivia já com ela, media-lhe fraldas, cosia-lhe camisas. A porção era escassa, os intervalos longos. Tia Mônica ajudava, é certo, ainda que de má vontade.

— Vocês verão a triste vida, suspirava ela.

— Mas as outras crianças não nascem também? perguntou Clara.

— Nascem, e acham sempre alguma coisa certa que comer, ainda que pouco...

— Certa como?

— Certa, um emprego, um ofício, uma ocupação, mas em que é que o pai dessa infeliz criatura que aí vem, gasta o tempo?

Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi ter com a tia, não áspero, mas muito menos manso que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixara de comer.

— A senhora ainda não jejuou senão pela semana santa, e isso mesmo quando não quer jantar comigo. Nunca deixamos de ter o nosso bacalhau...

— Bem sei, mas somos três.

— Seremos quatro.

— Não é a mesma coisa.

— Que quer então que eu faça, além do que faço?

— Alguma coisa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do armarinho, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu, é vaga. Você, passa semanas sem vintém.

— Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo.

Tinha glória nisto, falava da esperança como de capital seguro. Daí a pouco ria, e fazia rir à tia, que era naturalmente alegre, e previa uma patuscada no batizado.

Cândido Neves perdera já o ofício de entalhador, como abriamão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força era muita, a

agilidade também. Mais de uma vez, a uma esquina, conversando de coisas remotas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ia fugido, quem era, o nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ia atrás do vicioso. Não o apanhava logo, espreitava lugar azado, e de um salto tinha a gratificação nas mãos. Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente ele os venciam sem o menor arranhão.

Um dia os lucros entraram a escassear. Os escravos fugidos não vinham já, como dantes, meter-se nas mãos de Cândido Neves. Havia mãos novas e hábeis. Como o negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor. Quer dizer que as dívidas de Cândido Neves começaram de subir, sem aqueles pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelos aluguéis.

Clara não tinha sequer tempo de remendar a roupa ao marido, tanta era a necessidade de coser para fora. Tia Mônica ajudava a sobrinha, naturalmente. Quando ele chegava à tarde, via-se-lhe pela cara que não trazia vintém. Jantava e saía outra vez, à cata de algum fugido. Já lhe sucedia, ainda que raro, enganar-se de pessoa, e pegar em escravo fiel que ia a serviço de seu senhor; tal era a cegueira da necessidade. Certa vez capturou um preto livre; desfez-se em desculpas, mas recebeu grande soma de murros que lhe deram os parentes do homem.

— É o que lhe faltava! exclamou tia Mônica, ao vê-lo entrar, e depois de ouvir narrar o equívoco e suas consequências. Deixei-se disso, Candinho; procure outra vida, outro emprego.

Cândido quisera efetivamente fazer outra coisa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior é que não achava à mão negócio que aprendesse depressa.

A natureza ia andando, o feto crescia, até fazer-se pesado à mãe, antes de nascer. Chegou o oitavo mês, mês de angústias e necessidades, menos ainda que o nono, cuja narração dispenso também. Melhor é dizer somente os seus efeitos. Não podiam ser mais amargos.

— Não, tia Mônica! bradou Candinho, recusando um conselho que me custa escrever, quanto mais ao pai ouvi-lo. Isso nunca!

Foi na última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à Roda dos enjeitados. Em verdade, não podia haver palavra mais dura de tolerar a dois jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular... Enjeitar quê? enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de jantar. A mesa que era velha e desconjuntada, esteve quase a se desfazer inteiramente. Clara interveio:

— Titia não fala por mal, Candinho.

— Por mal? replicou tia Mônica. Por mal ou por bem, seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer. Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família há de aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à míngua. Enfim...

Tia Mônica terminou a frase com um gesto de ombros, deu as costas e foi meter-se na alcova. Tinha já insinuado aquela solução, mas era a primeira vez que o fazia com tal franqueza e calor, — crueldade, se preferes. Clara estendeu a mão ao marido, como a amparar-lhe o ânimo; Cândido Neves fez uma careta e chamou maluca à tia, em voz baixa. A ternura dos dois foi interrompida por alguém que batia à porta da rua.

— Quem é? perguntou o marido.

— Sou eu.

Era o dono da casa, credor de três meses de aluguel, que vinha em pessoa ameaçar o inquilino. Este quis que ele entrasse.

— Não é preciso...

— Faça favor.

O credor entrou e recusou sentar-se; deitou os olhos à mobília para ver se daria algo à penhora; achou que pouco. Vinha receber os aluguéis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse pago, pô-lo-ia na rua. Não havia trabalhado para regalo dos outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra supria o que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a retorquir. Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais.

— Cinco dias ou rua! repetiu, metendo a mão no ferrolho da porta e saindo.

Candinho saiu por outro lado. Nesses lances não chegava nunca ao desespero, contava com algum empréstimo, não sabia como nem onde, mas contava. Demais, recorreu aos anúncios. Achou vários, alguns já velhos, mas em vão os buscava desde muito. Gastou algumas horas sem proveito, e tornou para casa. Ao fim de quatro dias, não achou recursos; lançou mão de empenhos, foi a pessoas amigas do proprietário, não alcançando mais que a ordem de mudança.

A situação era aguda. Não achavam casa, nem contavam com pessoa que lhes emprestasse alguma; era ir para a rua. Não contavam com a tia. Tia Mônica teve arte de alcançar aposento para os três em casa de uma senhora velha e rica, que lhe prometeu emprestar os quartos baixos da casa, ao fundo da cocheira, para os lados de um pátio. Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dois, para que Cândido Neves, no desespero da crise, começasse por enjeitar o filho e acabasse alcançando algum meio seguro e regular de obter dinheiro; emendar a vida, em suma. Ouvia as queixas de Clara, sem as repetir, é certo, mas sem as consolar. No dia em que fossem obrigados a deixar a casa, fá-los-ia espantar com a notícia do obséquio e iriam dormir melhor do que cuidassem.

Assim sucedeu. Postos fora da casa, passaram ao aposento de favor, e dois dias depois nasceu a criança. A alegria do pai foi enorme, e a tristeza também. Tia Mônica insistiu em dar a criança à Roda. “Se você não a quer levar, deixe isso comigo; eu vou à rua dos Barbonos”. Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria. Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o pai levá-lo à Roda na noite seguinte.

Naquela reviu todas as suas notas de escravos fugidos. As gratificações pela maior parte eram promessas; algumas traziam a soma escrita e escassa. Uma, porém, subia a cem mil réis. Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido. Cândido Neves andara a pesquisá-la sem melhor fortuna, e abrira mão do negócio; imaginou que algum amante da escrava a houvesse recolhido. Agora, porém, a vista nova da quantia e a necessidade dela animaram Cândido Neves a fazer um grande esforço derradeiro. Saiu de manhã a ver e indagar pela rua e largo da Carioca, rua do Parto e da Ajuda, onde ela parecia andar, segundo o anúncio. Não a achou; apenas um farmacêutico da rua da Ajuda se lembrava de ter vendido uma onça de qualquer droga, três dias antes, à pessoa que tinha os sinais indicados. Cândido Neves parecia falar como dono da escrava, e agradeceu cortesmente a notícia. Não foi mais feliz com outros fugidos de gratificação incerta ou barata.

Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjara de si mesma a dieta para a recente mãe, e tinha já o menino para ser levado à Roda. O pai, não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue em que vivia. Consultou a mulher, que se mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação do menino; seria maior miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte

sem recurso. Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao filho o resto do leite que ele beberia da mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pai pegou dele, e saiu na direção da Rua dos Barbonos.

Que pensasse mais de uma vez em voltar para casa com ele, é certo; não menos certo é que o agasalhava muito, que o beijava, que lhe cobria o rosto para preservá-lo do sereno. Ao entrar na Rua da Guarda Velha, Cândido Neves começou a afrouxar o passo.

— Hei de entregá-lo mais tarde que puder, murmurou ele.

Mas não sendo a rua infinita ou sequer longa, viria a acabá-la; foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à rua da Ajuda. Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do largo da Ajuda, viu, do lado oposto, um vulto de mulher; era a mulata fugida. Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta, digamos enorme. Descendo a mulher, desceu ele também; a poucos passos estava a farmácia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou, achou o farmacêutico, pediu-lhe a fineza de guardar a criança por um instante; viria buscá-la sem falta.

— Mas...

Cândido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; saiu rápido, atravessou a rua, até ao ponto em que pudesse pegar a mulher sem dar alarma. No extremo da rua, quando ela ia a descer a de S. José, Cândido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona.

— Arminda! bradou, conforme a nomeava o anúncio.

Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.

— Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peça-lhe por amor dele que me solte; eu serei sua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço! Me solte!

— Não quero demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoites, — coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoites.

— Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? perguntou Cândido Neves.

Não estava em maré de riso por causa do filho que lá ficara na farmácia, à espera dele. Também é certo que não costumava dizer grandes coisas. Foi arrastando a escrava pela Rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que devera. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.

— Aqui está a fujona, disse Cândido Neves.

— É ela mesma.

— Meu senhor!

— Anda, entra...

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido

Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre.

Quando lá chegou, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis enganá-lo. Felizmente, o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a família, e ambos entraram. O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor. Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos enjeitados, mas para a casa de empréstimo, com o filho e os cem mil réis de gratificação. Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.

— Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.

Publicado pela primeira vez no livro *Relíquias de casa velha*, pela Editora Garnier, em 1906. Reproduzido a partir da publicação de W.M. Jackson Editores, de 1938.

O NEGRO BONIFÁCIO

Simões Lopes Neto



E O NEGRO ERA MALEVA? Cruz! Era um condenado!... mas, taura, isso era, também!

Quando houve a carreira grande, do picaço do major Terêncio e o tordilho do Nadico (filho do Antunes gordo, um que era rengo), quando houve a carreira, digo, foi que o negro mostrou mesmo pra o que prestava...; mas foi caipora.

Escuite.

A Tudinha era a chinoca mais candongueira que havia por aqueles pagos. Um cajetilha da cidade duma vez que a viu botou-lhe uns versos mui lindos — pro caso — que tinha um que dizia que ela era uma

“..... chinoca airosa,
Lindaça como o sol, fresca como uma rosa!...”

E o sujeito quis retouçar, porém ela negou-lhe o estribilho, porque já trazia mais de quatro pelo beço, que eram dali, da que-rência, e aquele tal dos versos era teatino...

Alta e delgada, parecia assim um jerivá ainda novinho, quando balança a copa verde tocada de leve por um vento pouco, da tarde. Tinha os pés pequenos e as mãos mui bem torneadas; cabelo cacheado, as sobrancelhas finas, nariz alinhado.

Mas o rebenqueador, o rebenqueador..., eram os olhos!...

Os olhos da Tudinha eram assim a modo olhos de veado-virá, assustado: pretos, grandes, com luz dentro, tímidos e ao mesmo tempo haraganos... pareciam olhos que estavam sempre ouvindo... ouvindo mais, que vendo...

Face cor de pêssego maduro; os dentes brancos e lustrosos como dente de cachorro novo; e os lábios da morocha deviam ser macios como treval, doces como mirim, frescos como polpa de guabiju...

E apesar de arisca, era foliona e embuçalava um cristão, pelo só falar, tão cativo...

No mais, buenaça, sem entono; e tinha de quê, porque corria à boca pequena que ela era filha do capitão Pereirinha, estancieiro, que só ali, nos Guarás, tinha mais de não sei quantas léguas de campo de lei, povoado. O certo é que o posto em que ela morava com a mãe, a sia Fermina, era um mimo; tinha de um tudo: lavoura, boa cacimba, um rodeíto manso; e a Tudinha tinha cavalo amilhado, só do andar dela, e alguma prata nos preparos.

Parecenças, isso, tinha, e não pouco, com a gente do capitão...

O velho, às vezes, ia por lá, sesteiar, tomar um chimarrão...

Pois para a carreira essa, tinha acudido um povaréu imenso.

E ela veio, também, com a velha. Velha, é um dizer, porque a sia Fermina ainda fazia um fachadão...

E deu o caso que os quatro embeijados também vieram, e um, o mais de todos, era o Nadico.

E sem ninguém esperar, também apareceu o negro Bonifácio.

É assim que o diabo as arma...

Escuite.

O negro não vinha por ela, não; antes mais por farrear, jogar e beber; ele era um perdação pela cachaça e pelo truco e pela taba.

E bem montado, vinha, num bagual lobuno rabicano, de machinhos altos, peito de pomba e orelhas finas, de tesoura; mui bem tosado a meio cogotilho, e de cola atada, em três tranças, bem no alto, onde canta o galo!...

E na garupa, mui refestelada, trazia uma chirua, com ar de querendona...

Eta! negro pachola!

De chapéu de aba larga, botado no cocuruto da cabeça e preso num barbicacho de borlas morrudas, passado pelo nariz; no pescoço um lenço colorado, com o nó republicano; na cintura um tirador de couro de lontra debruado de tafetá azul e mais cheio de cortados do que manchas tem um boi salino!

E na cintura, atravessado com entono, um facão de três palmos, de conta.

Na pabulagem, andava sozinho: quando falava, era alto e grosso e sem olhar para ninguém.

Era um governo, o negro!

Ora bem; depois de se mostrar um pouco, o negro apeou a chirua e já meio entropigaitado começou a pastorejar a Tudinha... e tirando-se dos seus cuidados encostou o cavalo rente no dela e aí no mais, sem um — Deus te salve! — sacudiu-lhe um envite para uma paradita na carreira grande. A piguancha relanceou os seus olhos de veado assustado e não se deu por achada; ele repetiu o convite da aposta e ela então — depois explicou — de puro medo aceitou, devendo ganhar uma libra de doces, se ganhasse o tordilho. O tordilho era o do Nadico.

Ficou fechado o trato.

O negro — era ginetaço! — deu de rédea no lobuno, que virou direito, nos dois pés, e já lhe cravou as chilenas, grandes como um pires, e saiu escaramuçando, meio ladeado!

Os quatro brancos se olharam...; o Nadico estava esverdeado, como defunto passado...

A Tudinha pegou logo a caturritar, e a coisa foi passando, como esquecida.

Mas, quê!... o negro estava jurado...

Escuite.

Entraram na cancha os parelhinhos, todos dois pisando na ponta do casco, mui bem compostos e lindos, de se lavar com um bochecho d'água.

Fizeram as partidas; largaram; correram; ganhou, de fiador, o do Nadico, o tordilho.

Depois rompeu um vozerio, a gente desparramou-se, parecia um formigueiro desmanchado; as parcerias se juntaram, uns pagavam, outros questionavam... mas tudo se foi arreglando em ordem, porque ninguém foi capaz de apontar mau jogo.

E foi-se tomar um vinho que os donos da carreira ofereceram, como gaúchos de alma grande, principalmente o major Terêncio, que era o perdedor.

E a Tudinha lá foi, de charola.

No barulho das saúdes e das caçoadas, quando todos se divertiam, foi que apareceu aquele negro excomungado, para aguardar o pagode. Esbarrou o cavalo na frente do boliche; trazia na mão um lenço de sequilhos, que estendeu à Tudinha: havia perdido, pagava...

A morocha parou em meio um riso que estava rindo e firmou nele uns olhos atravessados, esquisitos, olhos como pra gente que já os conhecesse... e como sentiu que o caso estava malparado, para evitar o desaguisado, disse:

— Faz favor de entregar à mamãe, sim?!...

O negro arreganhou os beiços, mostrando as canjicas, num pouco caso e repostou:

— Ora, misturada!... eu sou teu negro, de cambão!..., mas não piá da china velha! Toma!

E estendeu-lhe o braço, oferecendo o atado dos doces.

Aqui, o Nadico manoteou e no soflagrante sopesou a trouxe e sampou com ela na cara do muçum.

Amigo! Virge' nossa senhora!

Num pensamento o negro boleou a perna, descascou o facão e se veio!...

O lobuno refugou, bufando.

Que peleia mais linda!

Vinte ferros faiscaram; era o Nadico, eram os outros namorados da Tudinha e eram outros que tinham contas a ajustar com aquele tição atrevido.

Perto do negro Bonifácio, sentado sobre um barril, sem ter nada que ver no angu, estava um paisano tocando viola: o negro — pra fazer boca, o malvado! — largou-lhe um revés, tão bem puxado, que atorou os dedos do coitado e o encordoamento e afundou o tampo do *estruento!*...

Fechou o salseiro.

O Nadico mandou a adaga e atravessou a pelanca do pescoço do negro, roçando na veia artéria; o major tocou-lhe fogo, de pistola, indo a bala, de refilão, lanhar-lhe uma perna... o ventana quadrava o corpo, e rebatia os talhos e pontacos que lhe meneavam sem pena.

E calado, estava; só se via no carão preto o branco dos olhos, fuzilando...

Ai!...

Foi um grito doido da Tudinha... e já se viu o Nadico testavilhar e cair, aberto na barriga, com a buchada de fora, golfando sangue!...

No meio do silêncio que se fez, o negro ainda gritou:

— Come agora os meus sobejos!...

Depois, roncou, tal e qual como um porco acuado... e então, foi uma coisa bárbara!...

Em quatro paletadas, desmunhecando uns, cortando outros, esgaravatando outros, enquanto o diabo esfrega o olho, o chão ficou estivado de gente estropiada, espirrando a sangueira naquele reduto.

É verdade também que ele estava todo esfuracado: a cara, os braços, a camisa, o tirador, as pernas, tinham mais lanhos que a picanha de um reiúno empacador: mas não quebrava o corincho, o trabuzana!

Aquilo seria por obra dalguma oração forte, que ele tinha, cosida no corpo.

A esse tempo, era tudo um alarido pelo acampamento; de todos os lados chovia gente no lugar da briga.

A Tudinha, agarrada ao Nadico, com a cabeça pousando-lhe no colo, beijando-lhe ela os olhos embaciados e a boca já morrente, ali, naquela hora braba, à vista de todo o mundo e dos outros seus namorados, que se esvaíam, sem um consolo nem das suas mãos nem das suas lágrimas, a Tudinha mostrava mesmo que o seu camote preferido era aquele, que primeiro desfeiteou e cortou o negro, por causa dela...

Foi então que um gaúcho gadelhudo, mui alto, canhoto, desprende da cintura as boleadeiras e fê-las roncar por cima da cabeça... e quando ia a soltá-las, zunindo, com força pra rebentar as costelas dum boi manso, e que o negro estava cocando o tiro, de facão pronto pra cortar as sogas..., nesse mesmo momento e instante a velha Fermina entrou na roda, e ligeira como um gato, varejou no Bonifácio uma chocolateira de água fervendo, que trazia na mão, do chimarrão que estava chupando...

O negro urrou como um touro na capa...; a rumo no mais avançou o braço, e fincou e suspendeu, levantou a velha, estorcendo-se, atravessada no facão até o *esse*...; ao mesmo tempo, mandado por pulso de homem um balaço cantou-lhe no tampo da cabeça e logo outro, no costilhar, e o negro caiu, como boi desnucado, de boca aberta, a língua pontuda, mexendo em tremura uma perna, onde a roseta da chilena tinha, miúdo...

Patrício, escuite!

Vi então o que é uma mulher rabiosa...: não há mania nem buçal que sujeite: é pior que homem!...

A Tudinha já não chorava, não; entre o Nadico, morto, e a velha Fermina estrebuchando, a morocha mais linda que tenho visto, saltou em cima do Bonifácio, tirou-lhe da mão sem força o facão e vazou os olhos do negro, retalhou-lhe a cara, de ponta e de corte... e por fim, espumando e rindo-se, desatinada — bonita, sempre! —, ajoelhou-se ao lado do corpo e pegando o facão como quem finca uma estaca, bateu no negro sobre a bexiga, pra baixo um pouco — você compreende?... — e uma, duas, dez, vinte, cinqüenta vezes cravou o ferro afiado, como quem espicaça uma cruzeira numa toca... como quem quer estraçalhar uma coisa nojenta... como quem quer reduzir a miangos uma prenda que foi querida e na hora é odiada!...

Em roda, a gauchada mirava, de sobranceiras rugadas, porém quieta: ninguém apadrinhou o defunto.

Nisto um sujeito que vinha a meia-rédea sufrenou o cavalo quase em cima da gente: era o juiz de paz.

Mais tarde vim a saber que o negro Bonifácio fora o primeiro a... a amanonsiar a Tudinha; que ao depois tomara novos amores com outra fulana, uma piguancha de cara chata, beijuda; e que naquele dia, para se mostrar, trouxera na garupa a novata, às carreiras, só de pirraça, para encanzinar, para tourear a Tudinha, que bem viu, e que apesar dos arrastados de asa daquela moçada e sobretudo do Nadico, que já a convidara para acolherar com ele, sentira-se picada, agoniada da desfeita que só ela e o negro entendiam bem...: por isso é que ela ficou como cobra que perdeu o veneno...

Escuite.

Até hoje me intriga, isto: como uma morena, tão linda, entregou-se a um negro, tão feio?

Seria de medo, por ele ser mau?... Seria por bobice de inocente?... Por ele ser forçado e ela, franzina?... Seria por...

Que, de qualquer forma, ela vingou-se, isso, vingou-se...; mas o resto que ela fez no corpo do negro? Foi como um perdão

pedido ao Nadico ou um despique tomado da outra, da piguancha beijuda?...

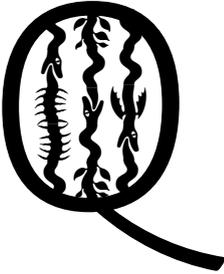
Ah! mulheres!...

Estancieiras ou peonas, é tudo a mesma coisa... tudo é bicho caborteiro...; a mais santinha tem mais malícia que um sorro velho!...

Publicado pela primeira vez no livro *Contos Gauchescos* pela Livraria Universal, em Pelotas, 1912. Reproduzido a partir da publicação da Editora Ática, São Paulo, 1998.

O PECADO

Lima Barreto



UANDO NAQUELE DIA São Pedro despertou, despertou risonho e de bom humor. E, terminados os cuidados higiênicos da manhã, ele se foi à competente repartição celestial buscar ordens do Supremo e saber que almas chegariam na próxima leva.

Em uma mesa longa, larga e baixa, em grande livro aberto se estendia e debruçado sobre ele, todo entregue ao serviço, um guarda-livros punha em dia a escrituração das almas, de acordo com as mortes que Anjos mensageiros e noticiosos traziam de toda extensão da terra. Da pena do encarregado celeste escorriam grossas letras, e de quando em quando ele mudava a caneta para melhor talhar um outro caráter caligráfico.

Assim páginas ia ele enchendo, enfeitadas, iluminadas em os mais preciosos tipos de letras. Havia no emprego de cada um deles, uma certa razão de ser e entre si guardavam tão feliz disposição que encantava o ver uma página escrita do livro. O nome era escrito em bastardo, letra forte e larga; a filiação em gótico, tinha um ar religioso, antigo, as faltas, em bastardo e as qualidades em ronde arabescado.

Ao entrar São Pedro, o escriturário do Eterno, voltou-se, saudou-o e, à reclamação da lista d'almas pelo Santo, ele respondeu com algum enfado (endado do ofício) que viesse à tarde buscá-la.

Aí pela tardinha, ao findar a escrita, o funcionário celeste (um velho jesuíta encanecido no tráfico de açúcar da América do Sul) tirava uma lista explicativa e entregava a São Pedro a fim de

se preparar convenientemente para receber os ex-vivos no dia seguinte.

Dessa vez ao contrário de todo o sempre, São Pedro, antes de sair, leu de antemão a lista; e essa sua leitura foi útil, pois que se a não fizesse talvez, dali em diante, para o resto das idades — quem sabe? — o Céu ficasse de todo estragado. Leu São Pedro a relação: havia muitas almas, muitas mesmo, delas todas, à vista das explicações apensas, uma lhe assanhou o espanto e a estranheza. Leu novamente. Vinha assim:

P. L. C., filho de..., neto de..., bisneto de... — Carregador, quarenta e oito anos. Casado. Casto. Honesto. Caridoso. Pobre de espírito. Ignaro. Bom como São Francisco de Assis. Virtuoso como São Bernardo e meigo como o próprio Cristo. É um justo.

Deveras, pensou o Santo Porteiro, é uma alma excepcional; como tão extraordinárias qualidades bem merecia assentar-se à direita do Eterno e lá ficar, *per saecula saeculorum*, gozando a glória perene de quem foi tantas vezes Santo...

— E porque não ia? deu-lhe vontade de perguntar ao seráfico burocrata.

— Não sei, retrucou-lhe este. Você sabe, acrescentou, sou mandado...

— Veja bem nos assentamentos. Não vá ter você se enganado. Procure, retrucou por sua vez o velho pescador canonizado.

Acompanhado de dolorosos rangidos da mesa, o guarda-livros foi folheando o enorme Registro até encontrar a página própria, onde com certo esforço achou a linha adequada e com o dedo afinal apontou o assentamento e leu alto:

— P. L. C., filho de... neto de... bisneto de... — Carregador. Quarenta e oito anos. Casado. Honesto. Caridoso. Leal. Pobre de Espírito. Ignaro. Bom como São Francisco de Assis. Virtuoso como São Bernardo e meigo como o próprio Cristo. É um justo.

Levando o dedo pela pauta horizontal e nas “Observações”, deparou qualquer coisa que o fez dizer de súbito:

— Esquecia-me... Houve engano. É! Foi bom você falar. Essa alma é a de um negro. Vai para o purgatório.

Publicado pela primeira vez na *Revista Souza Cruz*, Rio de Janeiro, em agosto de 1924. Reproduzido a partir do livro *Contos Reunidos*, publicado pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1990.

GUNGA-MUQUIXE

Valdomiro Silveira

E STAVA EM PREPAROS a casa-do-boi. O capitão Justiniano, azafamado, desinquietao, corria de um grupo a outro, dando ordens. Irava-se algumas vezes, notando algum atraso de serviço caseiro; ria-se outras, gostosamente, quando se lhe ponderava que os macoteiros haviam de passar por essas e piores, e não era a troco de nada que um homem, como ele, podia arrastar consigo seus mil sertanistas, afora a negrada da fazenda. Quem quer ser eleitor e mandachuva num centro assim, há de por força entrar em gastos e trabalhos, ainda que lhe venha a acontecer o que sucedeu ao Neca Travassos.

Era aquilo o mau sonho das noites do Justiniano, a lembrança do infortúnio do Neca, chefe do lugar nos tempos de atrás, que, depois de empenhar teres e haveres, por sustentar caprichos e não deixar perecer os protegidos, entregou sítios e gado e animalada, caiu na piranga, e não viu mais ninguém por si. Quando se falava naquele caboclo decidido, que preferiu ficar sem nada a receber imposições dos credores, toda a gente dizia:

— Homem de bem tá ali, não há dúvida: mas meio sem cabeça!

Desfizera-se por tal maneira um prestígio, e dos mais fortes. O Justiniano, porém, fazia confronto entre os próprios bens e os do Neca Travassos, e sentia-se avantajado. O Neca possuía um sítio de cana, com engenhoca e benfeitorias respectivas, uma propriedade de criação e uma chácara ao pé do arraial, não contando a casa grande da povoação e dois ou três biangos sem serventia. Ele Justiniano era senhor de duas fazendas de café, duas invernadas de

légua e tanto, terras e terras na bugraria e mais de cem escravos, não andava balanceoso, não devia nada a ninguém.

Ao entardecer, começariam a chegar os votantes, para no dia seguinte, encostado o estômago a café-com-duas-mãos, se dirigirem à capela com o gunga-muquixe à frente, como de costume. É verdade que um Chico Amâncio, protestante, levava também seu povo, mas até dava pena, à vista do acompanhamento do Justiniano! Se o Justiniano botava seiscentos votantes e coisa, o Chico Amâncio pialava quando muito uns oitenta ou cem; e, de mais a mais, fazia um viveiro pobre e matado, que não causava entusiasmo.

Também, por quê havia o Chico Amâncio de ter aquela turra e sustentar opinião liberal, quando o partido conservador é que estava de riba? Num lugar do sertão, como aquele, não se podia andar contra o governo, afirmava o Justiniano: o direito era ser cascudo com os cascudos, chimango com os chimangos, porque o governo, vendo-se guerreado num recanto de tamanha lonjura, até fazia por se esquecer de que ali vivia gente...

Às vezes, no primeiro dia da chamada, o protestante ficava meio ganjento, meio inchado, pois andava quase igual com o Justiniano ou ganhava por um pouco; mas logo ao dia seguinte vinha formigando a caipirada dos quarteirões mais arredados, e ele sumia numa distância triste!

Agora o Justiniano tinha levado de pique não lhe dar o gostinho de sequer emparelhar com ele no princípio da chamada; havia de ir perdendo desde logo, para não ser desaforado, e largar a fumaça de ter partido num cafundó quase mal visto de Deus.

Fervia, pois, o casarão da fazenda nos aviamentos. O paiol, o monjolo, as próprias senzalas estavam à disposição dos vindouros. De espaço a espaço, no terreiro, pendia de alguma forquilha, com a cabeça para baixo, os olhos parados e fixos desde a última dor, um cabrito ou um carneiro, que fora sangrado poucas horas antes. E o gengibre para as queimadas abundava em cada canto da casa ou vizinhança de fogueira.

Certa hora, entretanto, o Justiniano sentiu um desgosto aguar-lhe a ânsia dos preparativos. Em frente à morada, pouco adiante da porteira, pastavam preguiçosamente as vacas, amolentadas pelo ardor do sol. O Damião, negro baiano, fula, de dentes espontados e olhar esperto e arisco, tocava um garrotinho que ia carnear-se para o churrasco da rapaziada, quando lhe sai quase a súbitas, de um lançante, o marruás daquela invernada — um quêra enorme, brasão, meio mascarado, a sacudir as guampas, em viva ameaça, bufando.

O Damião não teve prazo de chegar à porteira nem de vingar a cerca: a perseguição do marruás era sem tréguas. Alongou-se para o largo da campanha: evitava as abalroadas entre as moitas de capim-lanceta e colchão, fazia frente ao quêra, instigava-o, torcia o corpo quando ele vinha de cabeça baixa e urrando, ganhava tempo em vão. Via-se-lhe já correr o suor pelo peito descoberto, onde a rija ossatura se desenhava como o fino e resistente madeiramento de um estaleiro que se arma. Chegou-se a uma cinco-folhas, enganou o touro alguns instantes, corrê-correndo de um lado para outro; por fim, vendo que ele encurtava as avançadas e o procurava de mais perto, conseguiu acercar-se de uma leiteira, e pular-lhe a um dos galhos; mas o galho da leiteira deu de si com leve estalido, e o Damião caiu quase de boca.

Ergueu-se, desorientado, exclamou como em desânimo:

— Ah! quêra malvado! você a mó' que é a minha perdição!

Circunvagou os olhos pelo descampado: nem uma árvore. Apenas, de longe a longe, as hastes do jaraguá se levantavam entre os cupins humildes. O touro gemia de fúria, e veio-lhe cego ao encontro, agitando as aspas tremendas, com que chegava a raspar no chão às vezes. E o Damião recuou de novo, afastou-se, tomou da cinta o facão de mato, esperou-o, pulou-lhe para entre as pontas, e, com assombrosa destreza, cravou-lhe o facão em pleno sangradouro, bambeou o corpo, caiu em peso sobre o cabo do facão. O quêra mugiu um grito rouco e úmido, balanceou frouxamente os chifres, rolou para o pé de uns angelins rasteiros; seguiu-se

uma sororoca e um vago escoucear, uma tremura pelo dorso, o inteiricamente final.

Quando o Justiniano viu cair o marruás, não teve mão em si que não dissesse horrores ao escravo: que ele Damião não servia por meio quêra, e fizera aquilo de perverso, pois tinha podido fugir e salvar-se, e não o quis; que, na pior das contas, devera de morrer e deixar vivo o touro, que custara em Nioac perto de um conto, ao passo que o negro não valia nem os quinhentos mil réis que foram dados por ele, então, doente, no valongo. Mandou que o amarrassem num pau de ximbó, perto da roça de milho, para, quando voltasse o feitor ao tapar da noite, lhe passasse o feitor o bacalhau de taquara. O negro pediu misericórdia; o próprio filho mais velho do Justiniano atreveu-se a perguntar:

—Hoje, pai, que vem o povão de votantes?

Mas o Justiniano foi inflexível:

—Quem é o manda aqui da casa? Sou eu ou você? Então você tá com muita dó desse resto de bacalhau, desse tirador de cipó que me acaba de dar um prejuízo tão grande? Agora ele tem que pagar a nova e a velha, aquela fugição da semana atrasada!

Refrescava o dia.

Um bando de nhandaias passou, grasnando bulhentemente.

QUANDO SE CERROU de todo a noite, já estava cheia a casa.

A multidão de votantes derramara-se pelas dependências da fazenda, parava ao redor das fogueiras, junto às rodas de samba, no paiol, no moinho, nas senzalas. O rufar das caixas misturava-se, de onde em onde, com a áspera voz das púitas e o crebro roncar dos urucungos. A espaços, como envergonhado de se fazer ouvir entre aquele guaiú contínuo, o triste de um violão chorava, a acompanhar modinhas de saudade e lunduns enternecidos. O canto fanhoso das sanfonas ecoava nas bibocas. E não faltou quem tocasse um birimbau dos grandes, coisa de muito rir, no meio dos matutos embasbacados.

Na sala-mestra da casa havia mesas de truque, de ximbica e de solo. O próprio capitão, por dar exemplo, esteve quase uma hora a jogar truque-de-mano com o vigário; afinal levantou-se, exclamando com muita ufania:

—Arre! que já tô cansado de tanto bater! Chega; não chega, seu vigário? Não jogo mais: primeiro, porque dar pancada em padre diz que é sacrilégio; depois, porque truque-de-mano todos falam que faz mal-de-cuia.

E saiu a perpassar pelos grupos de jogadores, pelos dançarinos, pelos que apenas se entretinham a olhar a crepitação das brasas, fora. No pátio, quando tornava, preparou-se uma roda de canoa. A cantoria dava muito certo, a canoa era uma quebra: aquilo foi pândega de maior! Cansados os da roda, chegaram outros, prepararam um vilão-de-banco, a toque de sanfona, porque os violeiros andavam por empenho. O primeiro vilão foi um rapazinho do norte, espigado e ingáiva, que volta e meia ficava zangado, por ver que nunca mais saía da penitência, resmungava de modo esquisito, arregalando os olhos e repuxando os cantos da boca, por um triz não descia a manguara nos parceiros, e chegou a atirar o chapéu comprido ao chão, num momento de zanga mais brava. Foi pior; teve que ouvir coisas destas:

—Olhe só o motêvo, o mané-do-jacá, o sambangó que não se livra mais!

—Ih! que jeito changueiro, meu Deus!

—Já viu só que caboclinho estopento? Já viu?

De repente, porém, todos quedaram. Ouvia-se um grito lastimoso, um chorar quase uivado, semelhante ao do lobo quando a lua vai apontar: era o Damião na surra. Voltaram-se para o lado de onde vinha o rumor doloroso, que aumentou estranhamente, ganhou quase o volume de um rugido de boi espicaçado, tremeu em angústia funda, e entrou depois a afracar, a fazer-se cavo e frouxo, até que não foi mais que lamento soturno.

O Justiniano deu tino da piedade que já se apoderava dos votantes. E explicou aquilo o que era:

— É um negro à toa, que tá no bacalhau por via de me matar um touro quêra. Vamo pra diante, ô do violão! Pois o que é que vale um negro? Pra mim, então, é que, graças a Deus, não vale mesmo nada! O que é um boi, pra quem tem sete fazendas?

Continuou o vilão. Veio a primeira corrimaça de fervida. Juntaram-se pretos e brancos no terreiro, porque o Vitorino, moço bem estudado, que morava de pouquinho no arraial, ia fazer discurso, e todos sabiam, por notícia, que ele era quatro-paus numa fala. Fez o discurso, com muito boas palavras, e muito bonitas, acabou com um viva em voz alevantada:

—Viva seu capitão Justiniano!

(Entretanto, sem que ninguém o quisesse, houve pausa antes da correspondência. Ouvia-se de novo um rumor abafado, como de soluço ou gemido que não pode altear-se. Podia ser que o coitado do Damião estivesse morrendo; mas também podia ser o murmúrio longínquo do ribeirão...)

—Viva!

Publicado pela primeira no livro *Nas serras e nas furnas*, pela editora Companhia Nacional, São Paulo, em 1931. Reproduzido a partir da segunda edição, publicado pela editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975.

CANHAMBORA

Valdomiro Silveira



COMO JÁ TIVESSE volvido um mês, sem aparecer a mais pequena informação do paradeiro do Lúcio, e a negraria lhe passasse à frente da janela, tomando a bênção, numa voz dolorida e prolongada, o coronel ficou fula, de raiva:

— Ah! crioulo dos quintos!

Respondeu com aspereza aos escravos:

— P'ra sempre!

E porque tomasse cada qual seu rumo, o terreiro ficou logo deserto. A manhã tinha uma brancura quente de leite, com grandes toalhas de nevoeiro para o fundo dos horizontes. O silêncio, por instantes, foi completo. Mas as pombas-cascaveis rasgaram a sua seda, em voo rápido, e entraram a remexer no farelo ao pé da cerca, dando de asas, alvoroçadas, tremendo com cadência as cabecinhas de veludo claro.

Algum tempo, estive o coronel a contemplar o bando irrequieto, entre o qual amarelou com pouco, vivamente, um e outro vulto de canário-da-terra. Olhou para o brejão que se estendia, como um par de fitas verdes dilaceradas, nas duas margens do córrego, e voltou-lhe a fúria, mais violenta ainda:

— Aquele tranca inda me paga! O peste a mó' que pensa que negro manda em si, facinho ansim, ver um votante de grovata lavada, e que o dono há de topar com tudo, sem não abrir a boca nem fazer um aceno! Mas é nove! Eu hei de amostrar p'r'aquele fundo de panela a força dos pastéis de nata! O diabo do fumo há de conhecer o rigor da mandaçaia comigo!

O Arnesto, que andava de jornal no sítio dum vizinho, pegara na enxada e na foice, e ia pondo a mão na tronqueira, para ganhar o norte do eito, quando o coronel o chamou de rijo. Voltou-se, já com o chapéu de couro, todo cairelado de barbelas, entre as mãos ossudas, adiantando-se até junto da porta:

— Nhô!

— Você então não me dá uma notícia do Lúcio, você que véve girá-girando p'r esses fundões?

O baiano arreganhou os beiços grossos, patenteando uma feira de dentes finos e alvos, encostou a ferramenta a um pé de sassafrás, e deu de voltar o chapéu entre as mãos, embaraçado:

— Não vejo falar nada, sinhô! Na certeza ele foi tirar cipó lá p'r as bandas de Minas, onde diz que tem agora muito seduzidor de cativo. Aqui ninguém não pia no nome daquele crioulo!

O coronel fechou carranca:

— Olhe, baiano à toa, que se você me sabe onde afundou o outro, e não põe tudo p'r'ali, 'tá frito duma vez! Eu 'tou disposto a não ter piedade nem uma de fujão: canhambora deve de ser enleado no cipó, ou trancafiado no oco da peroba inté criar bolor, ou retalhado de bacalhau de taquara, que inda é mais melhor que tudo!

O Arnesto, evidentemente, começava a lembrar-se de qualquer coisa. Lembrava-se:

— No dia que ele sumiu, sinhô, eu vi, isso vi mesmo, o rasto esgarranchado que ele fez no tijuco da ribanceira. Foi naquele tirão de rio onde tem um caidor de capivara, muito batido na testa do jatobá. Como eu não malicieei que ele 'tava querendo fazer sertão, não assuntei nada, sinhô. Mas só o que eu sei é que foi p'r'ali que ele 'garrou mundo.

O coronel teve no rosto uma claridade de alegria:

— Hã! Você já vai sabendo agora, seu resto de relho? Então conte já tudo o que 'tá encobrindo, e conte por bem, que quem lucra não sou eu! Eu inté, hoje, 'tou de boa veneta: toda a semana, daqui por diante, você tem dois dias do jornal, se me disser de vereda adonde é que o Lúcio 'tá amoitado. Gosto das coisas por bem!

O Arnesto quis recordar-se ainda. Recordou-se:

— C'uma certeza física, sinhô, não sei mesmo de nada. Só o que me deixou pasmado, faz umas quatro semanas, foi ver uma fumacinha, lá no alto do espigão-mestre, naquela mataria soturna, perto duns alheiros, num lugar que ninguém da fazenda não pisou inté agora, ao menos que eu 'visse dizer! Cuido que não há de ser o Lúcio: mas porém se for o Lúcio...

Não acabou a frase. O coronel assobiou para o cachorro fila, um rajadão de olhos sangrentos, manotudo e muito esperto, fez-lhe cheirar uma camisa de algodão, toda vermelha de poeira e esfarrapada, tirou do cabide a espingarda de fogo central, munuiu-se de cartuchos, chamou gente, — e saiu:

— Aqui, Feroz! Aqui, Feroz!

O cachorro colava o focinho às guainxumas, farejava a terra ainda úmida, gania irado, agitava a cauda, sacudia a cabeça, a quando e quando, corria e estacava, de lançaço alto, para de novo rebuscar no chão o rasto fugitivo. Esfregava-se, às vezes, entre as ervas rasteiras, erguia-se mais animado, disparava pelo caminho, com paradas súbitas e investigações demoradas nos lugares em que a vegetação rareava ou se traçava, bem vivo, o carreiro das pacas e das cutias.

Quase no tope do espigão, o coronel colheu uma rama de jaborandi, moeu-a nas palmas das mãos, friccionou-lhe o nariz vagarosamente:

— O faro 'tá fraco, Feroz? Agora indereita! Nós havemo' de aprovar p'r'aquele canhambora que quem 'ranca cipó bem pode ser amarrado no cipó que 'ranca! Ele há de chegar à rezão de que negro é traste de branco, e vale tanto como nada! Inda morre no mundo muita pichorra, p'ra dar lonca: e inda hai muita lonca p'ra dar bom relho, e muito negro p'r'apanhar!

O Feroz, porém, latiu firme, de repente. Enveredou por um lançante, aos gritos, uivando quase. Acuou logo, e tapado. Era num tabocal espesso, donde pendiam parasitas singelas, de flores vermelhas, muito quietas, olhando para o chão. E uma dezena de

gralhas, abrindo o voo indeciso e tonto, encheu a mata de medo, com o enxofre inesperado de seus ventres e a inesperada barulheira de sua voz de rebate.

Acocorado numa raizama de figueira branca, a esconder-se, aterrorizado e frio, o Lúcio esperava. Luziam-lhe os olhos na meia-treva, de modo estranho, molhados e feitos imensos. Teve que puxar por um alecrim, porque o Feroz, atijado e furioso, o mordida às arremetidas, levando-lhe as calças em rasgões e a carne em lanhos.

Quando viu, entretanto, o povo que se avizinhava da árvore, carregado de armas e de cordas, o Lúcio fez um movimento rápido com a mão direita, para a descer à cinta de embira e logo depois suspendê-la e mergulhá-la junto da gola da camisa. Sentia os olhos turvos, amparou-se com as mãos ao tronco da gameleira, e, contudo, ia caindo.

Mas a gente era decidida, já o tinha em cerco. O Feroz atacava-o, às dentadas, e o coronel foi dar-lhe com a coronha da espingarda na testa, quando lhe viu o peito ensopado e os braços bambos:

— O que é isso, negro ordenário?

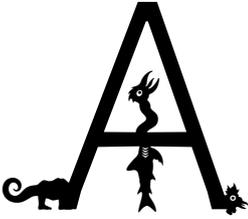
Ele descaiu duma vez, entregou o corpo:

— Sangue de negro, sinhô!

Publicado pela primeira vez no livro *Nas serras e nas furnas*, pela Companhia Editora Nacional, São Paulo, em 1931. Reproduzido a partir da segunda edição do mesmo livro, pela Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975.

NEGROS FUGIDOS

Valdomiro Silveira



O CLAREAR, enroladas as trouxas, reuniram-se os negros na soqueira de bambus: cada um com sua manguara de piúva ou de perobinha e sua faca à cintura, estavam prontos para a fugida, e iam pôr o peito no mundo. Mas o Hilarião, o mais velho de todos, não aparecia: por mais que o buscassem pelas senzalas, tempo esquecido, ninguém o pôde achar. A falta do feitor, que era o tapijara do sertão e o acocorador de todos, quando o senhor andava longe do eito, desanimava a alguns, a outros irritava.

O João Baiano, afinal, ergueu o chapéu de couro de cima dos olhos para o alto da cabeça, tirou de entre os dentes o pedaço de fumo que estava mascarando, limpou da garganta um pigarro grudento, deu o seu voto:

— Home', sabe duma coisa? Deixemo' de chove-não-chove, que o dia abre logo: dês que o Larião suverteu e não quer mesmo ser da tropa, é só arvorar aí um parceiro bem estourado, que seja o cabeça, e nós tudo' envereda p'r esses cordões de serra!

O silêncio, em que foi ouvido, era de aprovação. Ninguém, no entanto, se animava a levar a bandeira de canhamboras para as incertezas do mundo largo... Foi preciso que um retinto muito pararaca, o Agostinho, magricela e estabonado, começasse a dar coragem à companhia; fitou neste e naquele, rapidamente, os olhos agudos de caxinguelê que vai romper na carreira:

— Uiai! Vocês parece que de repente perderam a cócha, e 'tão arrependidos! Antão vocês querem mesmo continuar a ser resto de bacalhau e burrada de carga? Vocês 'tão resolvidos a aturar esta vida de puro traste de branco? Serve, p'ra vocês, andar c'um parêlho

de algodão-ganga no rigor das friage's, sem uma japona 'o menos; mal comido tudo o dia, a poder de feijão paã e angu encaroçado; mal drumido tuda a noite, numa esteira de piri c'uma cuberta rala? Serve? Pois si serve, fiquem com Deus, que eu abro o pala, tão certo como esta minhã que ei' vem vindo!

Entreolharam-se os negros, então: e houve tamanha dúvida naquele olhar, tão amarga dúvida, que mais de um atirou ao chão as trapizongas e se pôs de costas, entregue, a reparar distraidamente nas flechas ensanguentadas de luz que começavam a varar o céu, vindas do fundo dos morros.

Outros procuravam sentar-se nas reboleiras de sapé, amassavam-nas, sentavam-se. E alguns, mais desconfiados, agachavam-se no meio das moitas, espreitando o sobrado da fazenda.

— Quarenta e dois, não é? Antão farta só o Larião? É pena, c'os diabos! principalmente porque ele conhece isso tudo palmo a palmo! Mas contanto que, p'r amor de o Larião, não é que nós havemo' de agüentar esta inferneira mais! Eu topo de ser o gunga-muquixe de vocês na tiração do cipó: querem seguir a minha palavra?

Soaram vozes de lado a lado, nas touceiras de bambu, no sapé, no limpo da tapera:

— Queremo'!

— À vista dos autos, eu finco o pé na estrada e vocês cobre' o meu rasto; depois entramo' no mato, cortamo' p'r este rumo das dereitas, e bamo' arrebentar nos arredores da cidade, ansim que for beirando a noite. Diz que tem um 'bulcionista que dá couto p'r'a gente, pertico mesmo da cidade, e por riba de tudo inda ensina o resto do caminho p'r'a fugição. Olhe, meu povo: vocês aquerdite' em mim, que eu aquerdito em Deus: e atoremo'! A negrada tá largando as fazendas: nós não é que havemo' de ser mais pamonhas que os outros! Riscamo'! Quem tem medo de mandinga não carrega patuá...

Algum do bando tinha uma garrucha, outro um pala grosso, dos que a bala não vence, garrucha e pala apanhados, talvez, de

qualquer morto desconhecido das cercanias: e a arma de fogo e a coberta de defesa passaram para as mãos do João Baiano, que tomou a dianteira da fuga. Antes, porém, de se fazer a caminho, lembrou aos companheiros:

— Eu achava que nós devia' de fazer uma vórta e passar no açude, em lembrança do pobre do Lourenço, que não pôde mais consigo, de desespero!

O Lourenço, na última nova, fora atirar-se ao açude, alta noite, quando o administrador mandou soltá-lo do tronco. E desde então, cada vez que por lá passavam, os negros faziam o sinal da cruz, rezavam um padre-nosso por tenção do afogado, e não voltavam o rosto para trás...

À beira do açude, porém, encostado numa raiz de figueira branca, o Hilarião pitava o seu pango quietamente: a fumaça do grosso cachimbo era esverdeada e espessa, fazia arder os olhos, subia para o céu num grande rolo. Vendo chegar os outros, não se admirou nem disse nada: continuou a chupar o bocal do cachimbo, aspirando de rijo a fumaça, até que o último foguinho de folha se apagou, e o barro preto do bojo apareceu, aliviado das cinzas quase brancas. Depois, abrindo muito a boca, arregalando os olhos e batendo com a mão direita no ventre empipado, foi deitando fora toda a fumaça, vagarosamente, entre arquejos prolongados. E acabou de pitar:

— Vocês 'tão na mesma, rapaziada?

Não houve quem não respondesse:

— 'tamo'!

Ele contemplou-os a todos, com amor e saudade. Levantou-se, pondo a mão num pasmado de porteira antiga e atentando, por instantes, nas águas do açude:

— É! Antes ansim! Quem sabe lá se cada um de vocês c'a tirania do 'diministrador, não haverá de campear o úrtimo sossego do Lourenço? Antão é mexer, que o dia 'tá de pé! Deus há de olhar por vocês!

O João Baiano convidou-o:

— Pois bamo', nós semo' seus!

— Não, eu não vou. Lá no sobrado tem aquele sinhô-moço, que eu vi nascer, que embalei nos meus braços, que mamou o leite da minha defunta companheira, e inté drumiu na minha tabôa! Ele agora 'tá bem taludo, 'tá muito estudado e placiano, inté nem olha p'r'o negro velho, mas porém eu não tenho peito de fugir dele; eu sou um cacumbu que há de ser enterrado nargum fundo de piçarra da fazenda mesmo: eu não vou. Vocês é que saiam depressa, e vão com Deus!

Estendeu a mão a cada um dos canhamboras: e a sua mão calejada e craquenta, ao receber as alheias, começou a tremer como a de uma criança amedrontada:

— Vocês vão, que eu não vou!

Afastaram-se dele, entraram no carreadouro, depois na estrada. Iam entrar no mato, voltaram-se:

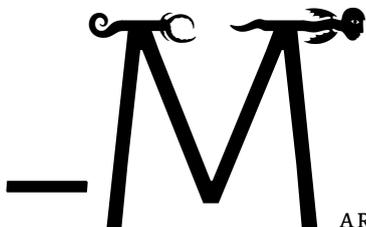
— Inté um dia, Larião!

Mas já não pôde vê-los: tinha os olhos rasos de água. E foi errando o trilho, enchendo-se de espinhos de juá e de picão, dando topadas pelos estrépes e caí-caindo, que o Hilarião chegou à porta da senzala e se sentou na soleira, sozinho, enquanto as janelas do sobrado ainda estavam fechadas e não parara de correr pelo céu, em flechas de luz, o sangue vivo da madrugada.

Publicado pela primeira vez no livro *Nas serras e nas furnas*, pela Companhia Editora Nacional, São Paulo, em 1931. Reproduzido a partir da segunda edição do mesmo livro, pela Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975.

BAGANA APAGADA

João Dornas Filho



ARIA ROSA! Ó, Maria Rosa!

— Oi!

— Vamos se banhar no rio ?

— Vamos. Deixa só eu lavar os pratos da janta, viu ?

— Viu. Mas hoje nós vamos se banhar pelado outra vez. Era o Joaquim da botica que a chamava na cerca da horta. Todas as tardes, quando o mormaço crescia, iam os dois se banhar no rio que corre sonolentemente em Itacoara.

E quem passava na estrada e os via muito agarradinhos dentro d'água, muchocheava:

— Quem herda não furta!



2

DIZIAM ISSO POR CAUSA da mãe de Maria Rosa. Foi a mulher mais falada da vila. Morena bonita, fresca, muito alegre. Cantadeira de moda estava ali.

Pobrezinha da Maria Rosa! Como não haveria de ter saído assim ? A Inhana parece que tinha o capeta no corpo! Contam até que uma vez o filho de um fazendeiro rico quis se casar com ela, e sodou o pai.

— O Lorindo tem uma cachorrinha de ano e meio que é uma sonsa pra caçar. O pai, a mãe, as irmãs, todos iam na catanga do bicho como se fosse pra missa. E ela ainda nem diferencia um veado de um cabrito. O senhor acha que ela vem a o velho coçou a barba, pensativo. E depois:

— Se é de raça veadeira, pode está descansado que ela vem a caçar. Está na massa do sangue...

O moço desistiu do casamento.



— SEU CHICO, SEU CHICO! O senhor precisa deixar de beber desse jeito, homem de Deus! Assim, isso não pode ir pra frente, caramba! A igreja anda que nem um chiqueiro, Deus me perdoe! Vê aquele São Benedito como está ruço de poeira! Ainda ontem descobri uma ninhada de rato na barriga do Senhor Morto, seu Chico! É um horror, criatura de Cristo, é um horror!

Há vinte e cinco anos que o padre Batista falava assim com o pai de Maria Rosa.

As calças amarradas por baixo da barriga estufada, o olhar sem força nadando eternamente numa água que lhe escorria da pálpebra, o sacristão de Santana de Itacoara nunca na sua vida deixou de estourar na venda do Salim Turco a sua magra renda diária.

Quando o cel. Liberato adoeceu pra morrer, seu Chico chamou de parte o Salim e pediu-lhe que lhe vendesse uma garrafa de pinga “por conta do enterro do seu coronel, porque desta ele não escapa mesmo” ...

Foram desse feitio os pais de Maria Rosa. Cresceu sozinha, nadando no rio com os moleques e levando pancadas incríveis do pai, que voltava para casa invariavelmente bêbado.

E aquela afeição do Joaquim da botica, aquela dedicação de pombo manso, aquela maneira assustada pelo receio de ofendê-la,

adoçava-lhe o coração. Maria Rosa não estava acostumada com isso...

Gostaria de falar-lhe sempre, de estar junto dele, e no banho, quando Joaquim a rodeava, nuinho como nasceu, Maria Rosa sentia um arrepio esquisito pelo corpo, que não sabia explicar.

Muitos anos correram assim, nesse idílio ingênuo e selvagem, sempre se encontrando e sempre se querendo.

Por ser o Joaquim um engenhoso, o bestiário da vila diria, com nojo:

— Tão bão é a tampa como o baláio! ...

Cresceram ambos, e quando o cabeção da camisa de Maria Rosa começou a empinar, Joaquim pediu-lhe, muito humilde, que deixasse de se banhar no rio.

E ela obedeceu. O rapaz, apesar da sua timidez assustada, exercia sobre ela uma ascendência compassiva e amiga e um desejo do Joaquim era para ela uma ordem gostosa a cumprir.

E uma tarde, no terreiro, quando as galinhas se recolhiam cacarejando alto, ele apertou-a muito no peito e perguntou:

— Maria Rosa, ocê me quer bem?

Ela abaixou os olhos, ruborizada, e duas lágrimas encharcaram-lhe as pestanas.

Dois meses depois estavam casados.



4

O DR. LOBATO, O BOTICÁRIO que criara Joaquim, não queria esse casamento, talvez porque fosse necessário fazer um ordenado ao rapaz. Desculpava-se dizendo que aquela rapariga não era dos melhores troncos da vila. “Cláudica, filho, cláudica!”

Era a cabeça mais clara de Santana. Lia muito o Camilo Castelo Branco e tinha longa prática de farmácia.

Certa vez apareceu-lhe um homem querendo comprar um remédio, mas havia esquecido o nome. Só sabia que para

pronunciá-lo tinha de bater duas vezes a ponta da língua no céu da boca.

— Opodeldoc! — concluiu o dr. Lobão com o dedo espetado.



5

DUAS CRIANÇAS, AQUELES DOIS! Quando o Joaquim ia almoçar, Maria Rosa tinha sempre surpresa infantil para agradá-lo. Umaz vezes escondia-se, e ficava o sonso a gritar pela horta. Outras, metia-se atrás da porta e, quando ele ia passando, tapava-lhe os olhos e mandava adivinhar.

Comiam abraçadinhos, trocando garfadas de comida. Apos-tavam quem bebia água mais depressa, e trocavam beijos estalados e beliscões de mamparra... Quem havia de dizer que a filha da Inhana desse tão boa dona de casa!



6

UM BELO DIA chegou à vila um gavião sob a forma de bacharel.

Maneíroso, conversador, caráter de brilhantina de barbeiro, conseguiu em pouco tempo o que ambicionava desde a Academia: fazer um casamento rico. A vítima foi a filha do cel. Veridiano. Feia, analfabeta e muito soberba, a tola.

Maria Rosa, no prestígio de uma mocidade exuberante, não tardou a esquentar o sangue do dr. Carlinhos, que lhe dizia frases da “Hermengarda”, cometia versos líricos e lhe mandava balas de açúcar.

Um moço da vila, sabendo que o bacharel passava noites inteiras jogando víspera com o Joaquim e a Maria Rosa, sem contudo ir além disso por medo ao marido, fez-lhe uma carta anônima dizendo que “o dr. Carlinhos até parece com aquele homem que

morreu de sede dentro do rio e não bebeu água só porque o rio não era dele...”

Em vista da carta, o bacharel tomou brios. Questão de dignidade. Fazia-lhe serenatas langorosas, dava-lhe romances canalhas, acordava-lhe aos poucos a brasa dormida da hereditariedade com estampas obscenas e anedotas picantes.

Maria Rosa lutou muito, entre o amor do Joaquim e o atavismo fatal que a vencia. Chorou muito, pediu muito à Senhora do Socorro que a valesse, que afastasse do seu coração esses maus sentimentos.

O Joaquim se inquietava com a mudança da mulher. De gênio alegre e expansivo, tornou-se sombria, monossilábica, irritadiça.

E o doutor apertava o cerco. Falava-lhe de personagens dos romances que lhe emprestara, em que a aventura de um amor ilegítimo aparecia como a libertação de um afeto submetido a estola e Juiz de paz. E a sensação do imprevisto e do perigo? E os minutos de prazer pecaminoso, em que o amor aparece redimindo e perdando?

Ela era romântica e escaldava. E no fundo da sua alma hesitante, a brasa dormida acordou e fez chama. E Maria Rosa caiu.

Era de raça...



7

DEPOIS QUE TODO MUNDO já sabia de tudo, foi que o Joaquim recebeu uma carta anônima com um veado desenhado no alto. Dizia isso:

“A sua mulher anda te enganando. O dr. Carlinhos diz que você não passa mais em porta de uma folha só”.

— Seria possível, meu Deus!



8

ERA POSSÍVEL, SIM. Um atavismo monstruoso de devassidão e alcoolismo não perdoou Maria Rosa. E ela se vergou e caiu, arrebatada por uma força estranha, feito uma folha caída na corrente.

Joaquim sofreu muito. Como que havia perdido o centro de gravidade. A casa, que lhe era doce e macia como polpa de angá, tornou-se-lhe insuportável. A cama lhe queimava. O quarto, que era antes o reduto da sua felicidade, tinha uma cilada em cada canto.

E Maria Rosa também sofria. Andava esquiwa, os olhos pisados de dor, tinha vergonha até da sombra.

O marido, como se respeitasse a dor que estalou o coração da esposa, e para supremo castigo, mudou apenas de quarto. Naquela cama não cabia mais tão grande infortúnio.

E, nessa silenciosa vingança, seria menos cruel se a tivesse matado. Os ligeiros minutos que se demorava em casa eram de tão grande tortura para ambos, que melhor seria estar sempre pelas ruas. Eram sufocantemente silenciosas as refeições que faziam juntos.

E toda a vila, clamando de rancorosa satisfação por mais um acontecimento a comentar, repetia, esfregando as mãos:

— Quem herda não furta!...



9

JOAQUIM, COMO UM AFOGADO que se lança a uma última tábua, entregou-se ao álcool. Bebia noite e noites seguidas. E quando os botequins se fechavam, levava sempre no bolso uma garrafa, para esperar a manhã.

Andava pelas ruas adormecidas cambaleando e rosnando baixo. Aos rumores vagos da noite respondia com injúrias medonhas, atirando pedras furiosas às corujas que se riam dele.

— Stá rindo de quê, suas p...? Vá rir da sua mãe, ouviu bem?!
Era o delírio.

Si algum cão vagabundo surgia, encolhendo-se às paredes, o rabo entre as pernas, Joaquim berrava estuporado, arregalando os olhos como se visse uma assombração horrível.

E o vilarejo, que acordava noite morta com as suas trágicas tropelias, reclamava com ódio:

— Isso não pode continuar. O delegado precisa tomar uma providência. Que inferno! Ninguém pode mais dormir, simplesmente porque um vagabundo não soube guardar a mulher! Gente pobre não tem honra, essa é boa!



A MAIOR DESGRAÇA de um desgraçado é a vaia da molecada. E a vaia também chegou:

— Corta-pinga!

— Joaquim doido! A caixa d'água pegou fogo, curraleiro!



MAS A REVOLTA TAMBÉM CHEGOU. Surda, rilhando os dentes como caititu acuado.

Aproveitando a ausência do dr. Carlinhos, Joaquim penetrou, uma noite, na sua casa adormecida, amordaçou-lhe a mulher, que estava grávida, e aparou-lhe rente, com um rancor silencioso, os bicos dos seios.

— Estes peitos não hão de criar outro bandido como aquele!
E caiu no mundo.



SÓ, ODIADA, ÓRFÃ DE TUDO, abandonada pelo marido de quem não tinha notícias, Maria Rosa desceu mais um degrau. Moça, formosa e requestada, o destino engodou-a com uns anos de vida fácil. Esbanjou a mocidade como um milionário esbanja a fortuna nos últimos dias de vida.

Mas não tardou o declínio. Vendeu todos os encantos que possuía, e a miséria chegou. Veio a fome. Vieram as doenças. E a boca do arraial por cima, a injuriá-la, a cuspi-la. Desceu à sarjeta. Os cães, mais hábeis do que ela, ficavam com os melhores ossos. E furtou. Para o estômago, não há lei nem propriedade. Foi presa. Espancada. Não podia esmolar, porque o padre declarou excomulgado quem a socorresse:

— É o demônio! — berrava na prática da missa. E quem a socorrer, estará alimentando o pecado!

E ela, que nunca esquecera o Joaquim, batia no peito alagado de lágrimas:

— Minha culpa! Minha culpa!

Joaquim, tangido pelo grande vento da desgraça, rodopiou pelo mundo como folha morta.

Andou como um judeu, viu outras desgraças como a sua e compreendeu, já vencido, que só a resignação é o grande abrigo maternal contra as dores do mundo.

O que é a dor senão uma contingência irrevogável de todos os seres do universo? O açúcar, que nos adoça a boca na alegria e na doença, vem da tortura triturada de outra vida nos engenhos de ferro. A cama em que nascemos, em que descansamos das fadigas e das decepções, e que nos recebe para o grande sono do esquecimento — foi árvore, viveu, deu sombra e fruto aos homens, abrigou ninhos e alvoradas...

E a figura de Maria Rosa, bela e sofredora, cresceu-lhe de novo no coração re florido. Apareceu-lhe à imaginação erguendo os braços convulsos para o alto, para o mistério indecifrável das

nuvens que, por não se ter revelado mesmo, é o lugar para o qual ainda se voltam todas as esperanças.

Ela sofria muito, por certo. Mais do que ele, porque talvez não tivesse atingido essa confortadora e tranquila resignação.

Ela não o compreendeu, mas que importa? Infelicitou-o apenas aos olhos egoístas dos homens, que ditam leis para o coração quando o coração é livre como os vendavais. Que importa que a sociedade o considere um desgraçado, se o coração dele e dela não se submetem ao absurdo dessa convenção? E além de tudo o amor, o seu grande e desventurado amor, impelia-o a voltar para os braços esfarrapados de Maria Rosa.



14

E VOLTOU. Encontrou-a estirada num jirau de palha, o olhar morriço de sofrimento. Muito tempo estiveram abraçados e chorando silenciosamente. Ela falou, por fim:

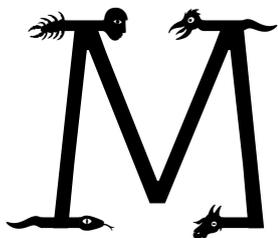
— Não chore, Joaquim. Não mereço as suas lágrimas. A culpada fui eu. Não vê como os meus olhos estão enxutos? Chorei tanto, que eles não se umedecem mais !

— Não, Maria Rosa. A culpa não foi de ninguém. É o que tinha de ser. Andei muito, e sofri muito também. Gastei meu corpo no sofrimento e no vício, mas o coração ainda é o mesmo, talvez até mais humano, porque purificou-se no fogo da desgraça e do ódio. Aqui estou para te amparar. É a bagana, Maria Rosa. É a bagana consumida e curtinha, um tiquinho de cigarro. É a bagana esquecida que se arranca detrás da orelha, mas que queima melhor e é mais gostosa, porque já foi pitada e mordida. Pita, Maria Rosa. Acende e pita esta bagana apagada!...

Publicado pela primeira vez no livro *Bagana apagada*, pelas Edições Guáira, em Curitiba, 1940.

CONFISSÕES DE ARNOLDO

Duílio Gomes



EU NOME É ARNOLDO e eu moro aqui mesmo, na favela do dois a um. Mãe tá sempre falando pra gente que pobre não tem vez e eu estou cansado de saber disso. Outro dia mesmo eu estava engraxando o sapato de um cara lá na cidade (sou engraxate, sabe) e vai daí, depois que acabei de dar o lustro e tava na hora de receber o dinheiro, o camarada foi saindo sem pagar. Aí eu chamei o sujeito, até com muita educação, pra ver se ele pagava, porque às vezes esquece mesmo de pagar e vai saindo distraído. Mas então, eu chamei: ô, faz favor, o senhor esqueceu de me pagar. O moço parece que não escutou e continuou andando, parece até que apressou mais o passo, o sapato brilhando tanto debaixo do sol que eu até senti uma coisa gozada de ver aquele sapato brilhando tanto porque eu nunca tinha caprichado assim em sapato de ninguém, nem mesmo no do Marcolino, que é meu padrinho e que eu costume engraxar de graça. Dava até pena ver aquele homem com o sapato tão legal de bonito querendo fintar a gente. Eu já tava até com vontade de deixar ele ir embora assim mesmo, sem pagar, mas resolvi e saí correndo atrás dele. Cheguei lá perto dele e pedi meus honorários: ô moço, o senhor se esqueceu de pagar a engraxada. Ele olhou pra mim e falou: ah, é mesmo? Eu falei que era duzentos. Ele deu uma cuspidada de lado e falou que era da polícia e que polícia não paga nada e era pra eu ir andando logo senão eu ia preso. Quando eu contei pra mãe esse caso ela repetiu que pobre não tem vez. Que diabo, é assim mesmo. Mãe dá um duro desgraçado aqui no dois a um, porque a família é grande e pai a gente não conheceu desde pequeno. Eu sou o mais velho e

depois de mim tem mais quatro, tudo engatinhando ainda, de tão pequeno, só a Neuzinha é que já tem cinco anos e ajuda um pouco na casa. Eu qualquer dia desses vou fazer nove anos. Mas, como eu falei, mãe dá um duro danado pra sustentar a gente que até dá pena de ver ela carregando água lá na cidade e catando papel. Eu às vezes ajudo ela. Ela fala, Nodinho pega aquele papelão ali. Aí eu vou e pego o papelão e ponho ele dentro do saco de aniagem. Às vezes nós passamos o dia inteirinho assim, catando papel. Eu gosto de catar papel. Quando chove é que não é muito bom não porque a água amolece tudo e quando a gente vai vender a papelada eles não aceitam e o dia fica perdido. Quando chove a gente não cata papel nem carrega água, pois quem é que vai querer água se a água tá descendo do céu que é uma desgraça. Por isso é que quando chove a gente deita de barriga vazia. Porque também ninguém vai engraxar sapato pra afundar ele na lama e perder o dinheiro. E quem não ganha o dinheiro sou eu. Chego em casa de mão abanando. E todo mundo deita de barriga vazia. Não tem sopa. Nem choro. Porque se chorar mãe vem lá de dentro e vai batendo sem parar até a gente parar com o choro. Quando eu fico assim, querendo dormir mas com fome, e não consigo dormir, eu começo a pensar numa porção de coisa boa de comer. Fico pensando em bolo, em doce, chocolate, sorvete e aí então daí a pouco já estou roncando. Mãe fala que nos dias de chuva eu converso sozinho, dormindo, mas eu acho que não deve ser não, porque, senão, como é que a gente vai conseguir falar se a gente tá dormindo. Não sei como é que pode. Qualquer dia eu pergunto ao Pé de Cabra, que é um amigo que eu tenho e é inteligente, que todo mundo fala que ele é inteligente e eu acho bom ter amigo esperto assim. O Pé de Cabra é de menor mas já foi preso uma porção de vezes. Era meu colega na escola mas foi expulso porque respondeu a professora com um palavrão que mulher professora não deve de ouvir. Se ela não fosse professora até que não tinha muita importância, porque toda moça daqui tá acostumada com isso, mas professora a gente sabe que é diferente, sei lá. Mas o caso é que Pé de Cabra já foi preso: uma vez porque

tava muito baratinado, depois de beber uma garrafa de cachaça. Deu de jogar pedra nos carros lá na cidade. Falou que tinha raiva de gente rica. Eu acho que eu também tenho, mas não falo, que não sou bobo. Quebrou os vidros de um carro azul, grandão, muito bacana e a dona que tava dirigindo chamou um meganha na mesma hora. O meganha pegou ele pelo braço e foi dando empurrão nele. No dia seguinte Pé de Cabra voltou, com um curativo na cabeça. Falou que o delegado era boa praça e todo mundo riu. Quando Pé de Cabra ri a gente tem de rir também pois ele tem só dois dentes na boca e fica muito gozado. Aí ele acha que é muito engraçado e começa a inventar uma porção de caso. O Pé de Cabra é bom de bola, também. Quando tem futebol lá na cidade todo mundo desce. Não fica nenhum. A gente sempre arruma dinheiro pro futebol. Quem não vai é porque tá doente ou tá preso.

Outra coisa boa é quando chega o carnaval. A Maria Totonho ensaia a Escola de Samba um mês inteiro antes do carnaval. A gente vai pro terreiro dela e fica vendo. Todo mundo dança. Tem dia que o pessoal resolve ficar sambando a noite inteira e quando a gente acorda às cinco horas, que é a hora da gente levantar aqui no dois a um, eles ainda estão lá, uns dormindo no chão, outros bebendo cachaça e pulando mole com cara de sono, sem parar. Quando eu crescer vou ser sambista. Ou então passista da nossa Escola de Samba. O nome da Escola é “Quem tem perna tá com tudo”. A coisa mais bacana da Escola de Samba são as fantasias. Maria Totonho e as amigas lá dela têm mania de costurar fantasia pra carnaval. A Totonho é tarada com carnaval. Tem gente até que fala que ela gosta mais de carnaval do que de homem, mas isso é mentira porque a casa dela é a que fica mais cheia deles, mais do que qualquer outra daqui do dois a um. Ela é muito bonita, eu acho. A Neuzinha falou que quando for moça de maior quer ser que nem a Totonho, só pra usar aquele perfume doido que ela usa e que deixa a gente tonto de tão cheiroso de bom e aquela flor vermelha de papel de seda que ela usa no cabelo. O cabelo dela é o mais escorrido daqui. Todo mundo fala. O cabelo de mãe não é

escorrido mas eu acho o cabelo dela mais legal do que o da Totonho. Eu até já briguei com o Geraldão por causa disso, por causa de que ele falou que o cabelo de mãe é cabelo que não vê pente, mas depois que eu rolei com ele e dei um soco bem na orelha dele que até saiu sangue e todo mundo que tava vendo a briga falou que eu sou dos bom, desci correndo pra cidade e comprei um pente branco na venda do sô Lulu, que ele disse era pente de dona muito educada e subi de novo correndo e dei pra mãe e comecei a chorar, que nem bobo. Mãe falou pra eu não ficar gastando dinheiro à toa com trem sem importância pra vida mas até que ela gostou bem e agora penteia o cabelo todo dia, o cabelo de todo mundo de casa, menos o meu, porque no dia que eu saí com o cabelo todo arrumadinho, pensando que a turma ia ficar boba de ver, o Pé de Cabra, aquele merdinha, ajuntou a molecada toda e veio atrás de mim gritando, óia a menina bonita, vamo dá um passeio. Eu fingi que não tava ouvindo. E eles atrás, que nem rabo de bicho que acompanha o bicho pra toda parte. Ai então eu enfezei e peguei um calhau e joguei e o calhau foi cair bem na cabeça do Corcunda, um menino que tem um caroço nas costas, mas que é um aleijado muito danado de esperto, e o melado escorreu da cabeça dele, bem feito. Aí todo mundo correu. Eu também corri. Quando olhei pra trás, lá tava o corcunda, berrando que nem leitão que vai morrer de foiçada e com a mãe dele, que tava ali por perto e que ouviu a gritaria dele, mandando cada nome de todo o tamanho. Aí eu resolvi ir lá pro cruzeiro, que é a parte mais alta do dois a um e que tem esse nome por conta da cruz de madeira que tem lá, uma cruz grande pra burro e que ia dar muita lenha pra fogo mas que ninguém tem coragem de quebrar por causa da maldição de Deus Nosso Senhor, é claro. Mas nem bem eu cheguei no cruzeiro encontrei o Pé de Cabra lá com a molecada dele. Eles olharam pra mim com receio, quer dizer, mais com jeito de respeito do que de medo, que medo ninguém tem aqui no dois a um e quem tem medo é chamado de galinha e ninguém quer ser galinha, pode perguntar pra qualquer um. Mas vai daí o Pé de Cabra tava lá,

né. Fui chegando e me assentei também no chão com eles e nem falei oi. Ninguém falou oi pra mim, também. Ficou todo mundo sentado e calado, que nem enterro, olhando lá pra baixo, mode ver se encontrava sinal de confusão. O Pé de Cabra aí falou assim: “Tô com vontade de comer coquinho amarelo”. Nem bem falou e foi se levantando, que ele é resolvido assim mesmo. Eu também levantei e acompanhei ele. Daí a pouco tava todo mundo atrás de nós. Descemos o outro lado do morro e fomos catar coquinho amarelo. O Pé de Cabra subiu num pé de coqueiro e se despencou lá de cima. Sorte dele é que ele tem osso mole, de tanto cair no chão e assim não quebrou nada. Depois que todo mundo já tava cheio de coquinho se resolveu que o dia tava quente, precisando da gente tomar banho no laguinho. Desceu aquele mundão de gente pro laguinho e todo mundo nadou pra valer até a pele da gente ficar encarquilhada, com jeito de roxo. Quando a gente voltou pro dois a um tava todo mundo amigo de novo e o Pé de Cabra combinou comigo de ir ver macumba amanhã no terreiro da Joaninha. Falei pra ele que vou sim.

Quando entrei em casa encontrei a mãe do Corcunda com mãe. Nem liguei pra ela. Fui lá pra dentro e procurei pão debaixo da caçarola, que é o lugar onde mãe esconde ele. Achei um pedaço e comi ele todo. Daí a pouco Neuzinha entrou e falou que o pão era dela e começou a chorar. Me lembrei que tinha um coquinho no bolso e dei pra ela. Ela comeu com tanta esganção que acabou engasgando. Comecei a rir e mãe veio lá da sala com a mãe do Corcunda pra ver o quê que era. Dona Lurdinha, que é o nome da mãe do Corcunda, encheu uma caneca d’água e deu pra Neuzinha enquanto mãe ia batendo de leve nas costas dela que era pra ela melhorar. Depois que a Neuzinha parou do engasgo, dona Lurdinha falou pra mãe que ela, a Neuzinha, tava bem taludinha e que eu também tava taludo que era uma beleza e aí mãe falou pra ela que o Corcunda também tá crescendo e ficando um homem e as duas ficaram assim, conversando essa conversa boba e eu fui saindo, até satisfeito porque as duas nem tavam mais brigando.

Mulher é assim mesmo. Nem bem acabou de brigar e já tá se ralhando, falando bem dos filhos e como é que elas vão fazer amanhã pra arrumar dinheiro, se cair chuva. Quando eu cheguei lá fora já tava escuro. Vou te contar, tem dia que a noite tá uma coisa doida de bonita. Tem estrela que não acaba mais. Eu fico contando elas. Depois perco a conta. Aí começo a olhar a lua. E olho, olho, olho e vejo uma porção de coisa. Bacana é que a gente parece que vai ficar maluco, quando fica olhando muito pra lua. Dá um troço gozado na gente e a pele se arrupia toda. Mas daí a pouco eu já fico cansado de ver a lua. Aí então eu vou pra casa do padrinho Marcolino. Ele comprou um rádio de pilha e toda noite, depois que ele chega da cidade, madrinha liga o rádio e a casa fica assim de gente, todo mundo querendo ver o rádio e ouvir música.

Por causa do rádio, que só padrinho que tem aqui no morro, todo mundo trata ele com mais respeito. Madrinha senta perto do rádio e fica tomando conta. Tem moleque que é bem capaz de querer pegar e quebrar aquele troço que padrinho fala que é mais fraco do que bebê nascido de pouco e que custou um dinheirão, que ele tá pagando devagar.

Às vezes mãe também vem ouvir música e traz a Neuzinha. Os outros três pequenos ficam em casa, com a dona Zilinha, que é uma dona velha muito boa e por causa de não ter filho fica tomando conta dos filhos dos outros.

Hoje, quem apareceu aqui, pra ouvir rádio foi o Pé de Cabra. Chegou e ficou lá fora mesmo, debruçado na janela. Fingi que não vi ele, porque ele é meio doido e ia dar aquele maior berro pra mim na hora que me enxergasse ali, assim, oi Nodão, que ele me chama de Nodão, todo mundo me chama de Nodão, só mãe é que me chama de Nodinho, e aí, se ele ia berrar pra mim, com todo mundo calado, ouvindo música, ia ser aquele vexame e eu fico muito vermelho de raiva quando tem vexame comigo. Mas não adiantou muito não porque o Pé de Cabra cansou de ficar dependurado na janela e veio vindo, gingando o corpo, tirando onda, que ele gosta de tirar onda, aquele mascarado banguela mas

muito legal, e veio vindo, veio vindo, mas sem me ver, e eu já tava até com raiva de mim mesmo de ter vindo ali, e vai daí, bumba, ele me viu. Engraçado é que não berrou pra mim, do jeito que ele faz. Fiquei até pensando que ele tava doente. Mas era melhor ele ter gritado do que ter feito a coisa que ele fez, que eu já falei que ele é doido e olha bem se não é doideira o que o Pé de Cabra fez: pegou o rádio, antes que madrinha pudessa fazer qualquer coisa, que ela tava muito entretida conversando baixinho com uma dona lá perto dela, pegou o rádio, levantou ele na maior altura e gritou assim, “óia, Nodão, esse troço é demais, né?” Vou te contar, todo mundo ficou olhando pra ele, pensando que ele tava ficando maluco e daí a pouco apareceu padrinho, danado da vida, berrando pra ele que ele era um moleque muito desgraçado da peste e foi dando pontapé nele e chamando ele de filho da mãe e tomou o rádio e botou o rádio no lugar que ele tava antes. Pé de Cabra parece que nem se importou, que ele é mesmo sem-vergonha e veio pro meu lado e aí falou: tudo legal aí, seu cara de pau? Aí eu comecei a rir e Pé de Cabra falou que tinha uma garrafa de cachaça lá fora e que tava me procurando pra nós beber ela. Falei pra ele que cachaça roubada não presta e aí ele ficou muito fulo de raiva comigo e berrou que ele tinha comprado ela com muito sacrifício de economia e que se eu não tava querendo ele ia fazer a pista e convidar gente de coragem pra beber com ele, que ele não anda com galinha medrosa. Falou em galinha medrosa comigo é mesmo que mexer com mãe: falei pra ele que ia sim e que era pra ele parar com aquela palhaçada de me chamar de galinha que eu ia quebrar a cabeça dele igual eu quebrei a cabeça do Corcunda. Aí ele falou que tinha passado na casa do Corcunda e que ele tava deitado, com a cabeça cheia de pano branco com mancha de sangue, que a mãe lá dele tinha botado nele. Achei graça e fiquei pensando como é que pode ser o Corcunda com a cabeça cheia de pano branco, que nem lavadeira. Pé de Cabra também desatou a rir e o pessoal da casa olhando pra gente, feito bobo, de ver a gente rindo assim, igual ao Zé da Venda, que uma vez tirou a sorte grande na Federal. Aí se

resolveu que era melhor a gente sair e beber a nossa cachaça em paz lá fora. Pé de Cabra tirou a tampinha com os dois dentes que ele tem na boca e que até parece mesmo feito só pra abrir garrafa, de tão parecido com abridor, e aí começamos a beber, cada hora um, na boca da garrafa. Pé de Cabra depois tirou do bolso um maço de cigarro, quase cheio ainda e falou, com um bafo desgraçado de cachaça, que aquele ali era engatado, aquele era. A gente tava sem fogo pra acender o cigarro. Eu falei, vou lá dentro buscar fogo e entrei de novo na casa de padrinho. Achei melhor pedir madrinha. Madrinha falou pra mim que eu tinha bebido e que ia falar pra mãe. Falei assim, chateia não e me dá o fogo. Padrinho tava perto, ouviu e ele mesmo me deu a caixinha de fósforo mas falou pra mim que era pra eu não ficar desrespeitando madrinha não que eu sempre tive muita educação. Falei tá bem e saí de novo. Me assentei junto de Pé de Cabra e daí a pouco a gente já tava pitando e bebendo. A gente bebia, bebia e a garrafa nunca que se acabava. Fiquei vendo tudo zozzo, tudo gêmeo, assim: passava uma dona, eu via duas, tinha uma árvore, eu via duas. Já tava ficando muito do baratinado. Pé de Cabra aí falou: tô muito doidão hoje e se levantou. Eu também levantei e acompanhei ele. E saiu gritando, que nem doido. A garrafa tava na mão dele. Todo mundo que ele encontrava ele gritava que quebrava a cara. Eu acho que também falei que quebrava a cara de todo mundo. O caso é que ninguém tava com vontade de brigar e ficava todo mundo rindo pra gente e falando que era pra gente não sumir não. Pé de Cabra tava só bebendo e gritando e andando cada vez mais bambo. Eu também de vez em quando tomava a garrafa da mão dele. Bebia e cuspiam um pouco de lado, que ela era das bravas, daquelas de arder a goela. E vai daí, chegou a hora que o Pé de Cabra arriou. Eu ainda tava meio bom. A garrafa já tinha acabado. Continuei andando. A caixinha de fósforo de padrinho tava no meu bolso. Tirei ela e fiquei acendendo palito até acabar a caixinha toda. Me lembrei que amanhã tenho que descer cedo pra engraxar sapato. Tive vontade de chorar de raiva. E ainda ajudar mãe a carregar lata d'água e

catar papel. Me deu uma raiva desgraçada, comecei a berrar feito doido e falei pra não sei quem que passou perto de mim que eu ia suicidar. O fulano nem rasgou pra mim. Só falou assim: 'tamos aí. Saí correndo pro cruzeiro, vendo tudo rodando na minha frente, tudo escuro de dar medo e corria, corria, de vez em quando caía no chão, me levantava de novo e continuava correndo até que dei com o cruzeiro na minha frente. Me assentei na beira da pedra onde que a cruz tá fincada e fiquei um tempão lá, vomitando. Achei que era um desrespeito vomitar perto da cruz mas é que eu tava muito cansado pra me levantar e depois também não tinha ninguém vendo. Depois que limpei a boca com a manga da camisa, fiquei pensando numa porção de coisa. Primeiro, em mãe, depois na Neuzinha, na Maria Totonho, no Pé de Cabra, no padrinho que eu gastei o fósforo todo e pensei também que amanhã vou ter de dar outro duro desgraçado. E tem gente que não precisa de trabalhar porque tem muito dinheiro. Nunca tinha pensado muito nisso não, que nunca me importei com isso. Mas hoje parece que eu fiquei diferente, sei não. Tô olhando essa cruz e pensando numa porção de coisa. Esse mundo é engraçado. Se eu quisesse suicidar hoje eu suicidava. Mas eu só tenho oito anos. E tô com a roupa toda suja. É chato morrer sujo. Depois tem mãe que não pode ficar sozinha. E tem esse mundão de gente que é amigo da gente. tem de noite, que a gente pode ouvir música, beber cachaça e sonhar com coisa boa de comer que eu nunca comi. Sei não. Não sei se tá certo ou se tá errado. Acho que vou descer de novo, que já melhorei um pouco. Amanhã vou ver macumba com o Pé de Cabra e engraxar sapato lá na cidade. Hoje não tem pão mesmo. Mas ainda têm três coquinhos no meu bolso. Vou dar pra mãe. Eu já tô acostumado a dormir de barriga vazia.

Ganhador do primeiro lugar do concurso de contos da *Revista Literária do Corpo Discente da UFMG*. Reproduzido aqui a partir de sua publicação no v. 1 da mesma revista, Belo Horizonte, em 1966.

GUERRA SANTA

Duílio Gomes

FICA SENTADO NA SALA. Às vezes levanta um braço e espanta frouxamente as moscas que lhe picam o rosto encardido. É um rosto ao mesmo tempo sujo e limpo, se me entendem. Limpo porque agora nada mais tem importância; se a razão deixa de brotar dos olhos ou cérebro é porque nada mais terá mesmo a mínima importância.

No dia em que ele voltou, quinze anos depois do dia em que saiu levando todas as nossas economias e as coisas de maior valor, — nesse dia da volta — eu pensei em matá-lo. Mas não se mata impunemente um homem que se deduz louco e quando percebi isso deixei de lado a faca e dei-lhe pão. Ele então perguntou como ia o doutor. Porque eu era um doutor mas não usava anel e nem terno e estava tão miseravelmente vestido quanto ele. E cheirava como ele, cheirava à cachaça barata e a cebolas. Na casa onde moramos tudo cheira à cachaça e a cebolas e todas as coisas estão impregnadas desse cheiro — tudo que for tocado pelas pessoas dessa casa ficará para sempre com o estigma do ódio e da miséria. Me formei para engenheiro mas dentro de mim as coisas se quebraram, digo, me aferrei à ideia de que o mundo é tão podre que não precisaria nunca de um homem como eu. E para que um homem como eu se as coisas vão mesmo acabar indo para aquele lugar.

Agora fica dizendo disparates — os tapas no silêncio.

Pergunta por Rosaura, minha namorada. Rosaura casou-se com outro quando percebeu que eu não daria nada na vida. Ele não entende isso, quando lhe conto. Pensa que ainda namoramos e pergunta novamente se não vou sair para me encontrar com ela.

Me pergunta também cadê o terno. Que terno? O terno de doutor. Terno de doutor você sabe o que é.

Dizem que ficou louco depois que a outra mulher o abandonou. Vou somando comigo os indícios dessa loucura. Minha mãe sempre foi para ele o que qualquer homem pode esperar de uma mulher honesta: ela era o seu ar e o seu sangue. De qualquer forma ela foi dura até o fim — ela dizia para ele, a remendar as meias furadas: *Dinheiro não é milagre, quer dizer, não aparece assim caído do céu*. Então ele dizia que ia trabalhar. Mas não ia.

O que nós temos (ou tínhamos) foi fruto dos meus primeiros e últimos cinco anos de serviço como engenheiro. Depois foi como uma fruta se desinchando: passei a vender os objetos da casa: primeiro a geladeira, depois a televisão, depois a mesa de jacarandá, e os móveis e as cortinas e os tapetes. O que sobrou é tão pouco que o vazio em sua volta é uma veia solitária latejando no coração da casa. O pouco dinheiro em meus bolsos veio de uma cópia de Picasso. Depois disso, quando não mais sobrar nada, virão, fatalmente virão, os doces caminhos do roubo.

Pergunta por minha mãe. *Morreu*, respondo. Ele então pergunta onde está o pão. *O pão está exatamente na sua frente*. Ele então pega o pão e o corta em muitos pedaços. Depois, como se a fome passasse de repente, larga novamente sobre a mesa os pedacinhos. Sabe, me fala, sua mãe era bonita. *Eu sei*, respondo. E quando ela era mais jovem gostava de me beijar no pescoço. Eu me lembro, minto.

Preciso sair. Se ficar mais tempo junto dele o ódio desce do teto, engalanado o ódio descera do teto.

Na rua me perguntam por ele. Já sabem que voltou e me perguntam se é verdade que ele veio para me matar. Não — respondo — ele veio para ficar. A noite desce sobre a cidade e me devolve todas as sombras. Sinto os dentes cariados contra a língua. Sapos pululam em um terreno baldio.

Ao voltar para casa lhe digo: *Arruma nossas coisas, vamos nos mudar. As mentiras que você espalha para essa gente já nos desmoralizaram*

*demais. Ele me olha sem pestanejar mas não consegue sustentar o meu olhar, que é duro e vermelho. Lentamente ele começa a ajuntar o que restou na casa. Saio para alugar um caminhão e quando volto ele me espera na porta, duas galinhas nos braços. Lhe pergunto onde estão as outras coisas. Antes de me responder: *Você não é meu filho.* Passo por ele sem me deter. Ele me segue: *No tempo em que eu viajava no meu serviço de vendedor ambulante, sua mãe...* Não deixo que ele termine. Ao investir contra ele recebo as galinhas na cara. O brilho de uma faca reluz na minha frente. *Agora você vai me ouvir,* fala. Me conta que não sou filho dele, mas do vizinho. *Não vê que você é um negro? me grita.* E mais alto: *Você é preto, eu sou branco. Olha, eu sou branco!...* Nas janelas, todos os atônitos vizinhos.*

Dentro do caminhão arrumei as coisas e coloquei-o lá atrás. Vai junto com as galinhas. Batendo no vidro que nos separa: *Mais devagar...*

Já são seis horas de viagem. Não tenho um roteiro predefinido mas enquanto a gasolina durar eu não paro e mesmo sabendo que os meus olhos pesam muito e que há o perigo das ribanceiras eu não paro.

Quando paramos por falta de gasolina, a aurora já brilha no para-brisa. Mais um dia nas minhas costas é uma realidade tão insuportável como o ovo quebrado dentro da galinha ou a última visão do suicida.

Olho para trás — dorme entre as galinhas. Saio do caminhão soprando as mãos para esquentá-las. Levo álcool para debaixo de uma árvore e acendo uma fogueira. Quando vou acordá-lo ele já me espera, segurando o galo contra o peito.

Assamos batatas, sentados em volta da fogueira. As galinhas se alvoroçam na carroceria. O ar é gelado e há uma cerração pesada nos impedindo de divisar o resto da estrada. Ele está na minha frente, o homem. Não é meu pai, penso. Ele me olha com raiva. Percebo sob a sua camisa o cabo da mesma faca com a qual ele me agredira. Arranco-a com força e atiro-a longe. *Eu não ia te matar,* me fala. Não retruco, mastigando as batatas. Ele se levanta e se

encosta na árvore: *Você não é meu filho...* Sua voz já não vem agressiva. Pressinto lágrimas em seus olhos.

A fogueira crepita. Penso em matar uma galinha para que a fome, que as batatas não conseguiram extinguir, passe de uma vez. O frio já não é tão duro como antes. Vou até o caminhão e busco um cobertor. Atiro-o para ele: *Se enrole com isso*. Ele se enrola e se agacha. *Essas galinhas estão me enervando*, resmungua.

A garrafa de álcool está pela metade. Penso: Se lhe atiro o álcool sobre as roupas e o empurro na fogueira não sobrá nada. Ficará igual a mim, quer dizer, ficará da minha cor. Vai perder essa cor branquela, vai ficar preto como eu. Mas ele está tão indefeso que mudo de ideia. Procurarei ficar em paz com ele até que passe um carro qualquer e nos arrume um pouco de gasolina. Só não vou admitir é que ele me chame novamente de negro e que fale aquelas coisas de minha mãe. Eu sou filho dela. E dele também.

Reproduzido aqui a partir da primeira publicação, no livro *Verde Suicida*, pela editora Ática, em São Paulo, 1977.

MADRINHA

Sônia Queiroz



ODE UMA NEGA morrê virge? Num pode. Quando a madrinha morreu, eu pensei imediato: agora eu vô ficá sabeno, eu vô lá só pra vê.

Eu fui lá no necrotero, fui lá pra vê, pra conferi. Pruque todo mundo sempre falava: preta num tem honra. Preta é muié de tudo quanto é home, a começá do sinhô. Os sinhô tudo sempre queria deitá com as nega do cativero. As neguinha inda nova, mocinha. Às vez tinha uns que até ficava gostano, tratava elas bem, trazia pra dentro de casa, dava agrado.

Sabe que muitos branco até acreditava que nega ritinta, que eles chamava de nega da costa da mina, essas nega dava sorte pra achá oro. Aí muitos queria, queria o feitiço, a sorte, né? Isso afora os da pura sacanage, de toma as muié, as fia do nego da senzala, de covardia, pura sacanage, mode que os cativo num tinha como se revortá...

Comé que podia uma nega tê honra, podia? De jeito nenhum que num podia. Eu queria vê a madrinha morta, uma nega de mais de cem ano... virge. Ah, eu queria vê esse trem, essa realidade.

Fiotinha passa água no corpo e chega na janela. A rua se movimenta. Domingo vai ter futebol no campinho perto da siderúrgica. A rapaziada se ajunta para falar do jogo. No botequim do Zé da Antonha os homens tomam cachaça e jogam sinuca. Conversam sobre mulheres.

—Ocainha avura aquela lá do arto. Diz que vai pegá cassucara com o Vandiquinho. Vai cassucará no granjão, tem base?

— Tá de camonim no jequê, cuete?

Falô de cassucara, já tipurei camonim no jequê...

— Sei não, cuete, pode sê. Mais aquela ocaia acho que num é de cuxipa não, só. Ocaia avura de cassucara, cuete.

— Será, cuete? Eu num tô tipurano esse tipo de ocaia por aqui faz muito tempo. Tipura a ocaia que curimba praquele cavingueiro lá do Corgo d' Areia. Tipura só aquela ocaia. Todo mundo tipurava que era ocaia de cassucara, de cassucara avura, de granjão e tudo. Vai vê, já era ocaia de cuxipa há muito tempo.

— É, pois é, pode sê. Mais essa ocaia agora num tô tipurano nada dela não, cuete.

— Ô cuete, caxa mais uma matuaba aqui pra nós pru causa disso.

— Ocaia avura, Zé Ronaldo, ocaia avura. Cassucara pra pobre é bobage, mais eu até cassucarava.

— Tá apaixonado, cuete?

Zé do Brito ficava lembrando festa da colheita do feijão na fazenda do Doutor. Dançou "A Ciganinha" com ela, cinturinha afinada naquela calça justa, ele apertando aquela cintura para perto de si, ficou cheio de vontade. Mas a moça já andava namorando o Vandiquinho há muito tempo e os dois até iam à missa juntos. Aquilo parecia mesmo que ia dar em casamento.

Esticada, isticadinha na mesa, tava lá a Madrinha morta. A mãe contava que ela era uma nega bonita. Isso antigamente, no tempo do cativero. Era uma nega forte, isso até morrê. Eu via ela caminhá da casa pro serviço, que era longe de légua, todo dia.

Quando morreu ela trabaiava de empregada na casa duns ricaço aí. Mais inhantes, quando era moça, já fez tudo enquanto é serviço: prantação, coieta, roçado, minéro... Trbaiô muito tempo na cata de cristal, nas fazenda.

— Ô vissunga que tava bão aquela do Dotô, heim Fiota? Cavingueiro avura igual ele num tem não.

— Num tem não, Zé, tá rara. Quando nós cabô de coiê o tipoque, ele caxô matuaba, camberela de gombê e de cangura,

avura demais, cuete. Ficava só tipurano: purveita, moçada, purveita! Avura demais, sô! Cavinguero assim que nem ele tá catito por aqui. Os cavinguero tudo que curimba, mais ingura memo que é bão tá catita.

— Tá catita memo demais, Fiota.

— Eu aqui sô chefe de turma. Os cavinguero passa no meu conjolo e vai só tipurano: Ô Fiota! Ruma aí uns vinte home e muié pra prantá mio lá pra mim. Eu rumo. Se fô bão de ingura, se a ingura fô avura, eu caxo. Caxo os cuete dos conjolo e nós caxamó tudo pro sengue. Pegamo injira do cavinguero, prantá pungle, tipoque, missango, quarqué embondo. Agora, se o cavinguero fô ruim de ingura, ingura catita, num vai dá não, né, cuete? Mió ficá no meu conjolo caxano urunanga na omenha, mió que i pro curimba sem ingura.

— Não, Fiota, curimba sem ingura num dá pra caxá, mais num dá memo de jeito nenhum.

A Madrinha fazia uma cesta, uns samburá de paia de mio, penera de cambaúba. A mãe dela que tinha ensinado. Na casa dela as moça tudo casô, amigô, menos ela, que ficô sortera toda vida. Num queria casamento, num queria rebuliço nenhum com home, a Madrinha, pode?

Quando eu lembro dela era sempre já véia, num consigo imaginá ela mocinha, num sei... Fico pensano aqui: pode essa nega tê morrido com honra? Eu fui lá vê, eu fui lá conferi.

Publicado pela primeira vez em Belo Horizonte, 1987, pela Editora Dez Escritos, na Coleção Cordel (Literatura Brasileira) e reeditado em 1998, também em Belo Horizonte, por Edições Bichinho Gritador.



Afonso Arinos

ADVOGADO, ROMANCISTA E CONTISTA, Afonso Arinos de Melo Franco nasceu em Minas Gerais, no dia 27 de novembro de 1905, na cidade de Paracatu, e morreu aos 47 anos, em fevereiro de 1916, na capital da Espanha. Mesmo enquanto estudante, já demonstrava interesse para a escrita e começou sua carreira de escritor fazendo alguns contos. Ocupou cadeira na 40ª Academia Brasileira de Letras.

Bernardo Guimarães

POETA E ROMANCISTA BRASILEIRO, nascido em Ouro Preto, no dia 15 de agosto de 1825, Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, é patrono da cadeira de número cinco da Academia Brasileira de Letras. Em 1871, escreveu o conto “A dança dos ossos”, publicado no livro *Lendas e romances*, que reúne outras duas narrativas do autor. O romance *A escrava Isaura*, publicado em 1875, é o mais conhecido do escritor, tendo circulado, na sua adaptação televisiva, em mais de 150 países. Faleceu em março de 1884, em sua cidade natal.

Coelho Neto

ROMANCISTA, CRÍTICO E TEATRÓLOGO, Henrique Maximiano Coelho Neto nasceu em Caxias, Maranhão, em 1864. Foi escritor, político e professor, além de membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Atuava em movimentos abolicionistas e republicanos. Em 1891, teve sua primeira obra publicada, *Rapsódias* (contos).

A partir de então, publicou mais de cem livros de gêneros variados. Morreu na cidade do Rio de Janeiro, em 28 de novembro de 1934.

Duílio Gomes

NASCIDO EM MARIANA, Minas Gerais, Duílio Francisco Gomes formou-se em Direito pela UFMG, e foi integrante da chamada Geração 60. Publicou cinco livros e participou de diversas antologias. Teve sua obra premiada nacionalmente, e seus textos foram traduzidos para oito idiomas. Editou o *Suplemento Literário do Minas Gerais* nos anos de 1980 e foi um dos organizadores da Bienal Nestlé de Literatura, em São Paulo. Foi também colaborador dos diários *Estado de Minas* e *Jornal do Brasil*. Morreu em novembro de 2011, aos 67 anos.

Francisco de Paula Brito

EDITOR, JORNALISTA, ESCRITOR, poeta, dramaturgo, tradutor e letrista brasileiro, Francisco de Paula Brito nasceu no Rio de Janeiro, em dezembro de 1809 e morreu em dezembro de 1861, em sua cidade natal. Trabalhou como diretor das prensas, redator, tradutor e contista no *Jornal do Commercio*, onde teve três contos publicados.

Simões Lopes Neto

JOÃO SIMÕES LOPES NETO nasceu em Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul, em 9 de março de 1865, onde passou a infância na propriedade de seus avós. Aos 13 anos partiu para o Rio de Janeiro, a fim de estudar no Colégio Abílio e, mais tarde, estudar na Faculdade de Medicina, curso que foi obrigado a abandonar

graças a uma grave doença, que o levou a óbito em 14 de junho de 1916. Ao retornar à Pelotas, investiu na área de atuação cultural, escrevendo peças para grupos de teatro amador e participando de iniciativas que visavam a preservação das tradições gaúchas. Próximo de sua morte, em Pelotas no ano 1912, publicou *Contos gauchescos*, obra que o colocou como um dos maiores escritores da literatura do Rio Grande do Sul. O autor ainda tem como um dos seus principais trabalhos literários a obra *Lendas do sul*, publicada pela primeira vez em 1913. Foi posteriormente publicada junto à obra *Contos gauchescos*, como *Contos gauchescos e lendas do sul*, e teve sua terceira edição pela editora Globo, em 1965. Sua outra obra de notável desempenho, *Casos de Romualdo*, foi publicada postumamente, em 1952.

Lima Barreto

AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO foi um dos poucos na literatura brasileira a combater o preconceito racial e a discriminação social do negro e do mulato. Nascido em 13 de maio de 1881, filho de um tipógrafo e de uma professora, que morreu quando ele tinha apenas sete anos, Lima Barreto contou com a proteção do Visconde de Ouro Preto, que o ajudou a ingressar no curso de Engenharia, algo improvável para alguém com suas origens. Ainda estudante, começou a publicar seus textos em pequenos jornais e revistas estudantis. Com o agravamento do estado de saúde de seu pai, que sofria de problemas mentais, abandonou a faculdade e passou a trabalhar na Secretaria de Guerra, ocupando um cargo burocrático. Todos esses fatores influenciaram o estilo do escritor que, embora seja considerado uma espécie de patrono dos autores boêmios e rebeldes, além de ser muito lembrado pelos constantes problemas com o alcoolismo e distúrbios mentais, deixou uma obra literária digna de leitura e admiração. Lima Barreto escreveu dezenove livros, entre eles: *Clara dos Anjos*, obra publicada

postumamente, *Cemitério dos vivos*, livro que deixou inacabado, e seu mais famoso romance, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, que em 1998 ganhou adaptação para o cinema. Lima Barreto morreu em novembro de 1922, no Rio de Janeiro.

Machado de Assis

JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS nasceu em 1839, no Rio de Janeiro, onde faleceu, em 1908. Foi casado com Carolina Augusta Xavier de Novais, com quem passou quase 35 anos. Exerceu cargos em tipografias e bibliotecas e colaborou em periódicos e jornais, publicando críticas e contos. Foi o primeiro presidente da, então recém-fundada, Academia Brasileira de Letras. Escreveu diversos gêneros, entre eles contos, crônicas, romances, poesia, teatro e crítica.

Manuel de Oliveira Paiva

NASCEU EM 12 de julho de 1861 e faleceu em 29 de setembro de 1892, em Fortaleza. Sua única obra publicada em vida foi *A afilhada*, novela que saiu em folhetins no jornal *Libertador*, em 1889. Neste jornal e em *A Quinzena* foram publicados alguns de seus poemas abolicionistas e seus contos realistas.

Maria Firmina dos Reis

MARIA FIRMINA DOS REIS, nascida em 11 de outubro de 1825, em São Luís, no Maranhão, escritora do romance inaugural da literatura afro-brasileira, *Úrsula*, publicado em 1859, é considerada a primeira mulher negra brasileira a escrever um romance. No auge da campanha antiescravista, em 1887, a maranhense escreve

“A escrava”, reforçando seu posicionamento abolicionista. Maria Firmina dos Reis faleceu em novembro de 1917, em Guimarães, no Maranhão.

Nelson de Senna

PROFESSOR, PESQUISADOR E DEPUTADO, Nelson Coelho de Senna desempenhou um papel de destaque na vida social, política e cultural de Minas Gerais. Nascido no Serro, em 1876, atuou em vários campos do saber, a maioria deles concentrada na área de Ciências Sociais, e sua referência foi sempre Minas Gerais, que analisava como região e como formação histórica. Em sua vasta obra publicada, destacam-se *Páginas tímidas* (1896), *Contos sertanejos* (1902), *Notas e crônicas* (1907), *Os índios no Brasil* (1908), *Contribuições para um futuro mapa do estado de Minas Gerais* (1910), *Geografia do Brasil* (1922), *Alguns estudos brasileiros* (1927) e *Africanos no Brasil* (1938). Assinava seus trabalhos como Nelson de Senna, e ainda com os pseudônimos Annes Selnon, Ennius de Hesse, Nessuno, Paulo de Cotegipe e Pelayo Serrano. Faleceu em junho de 1952, em Belo Horizonte.

Sônia Queiroz

POETA, CONTISTA, EDITORA E PROFESSORA na Fale/UFMG, Sônia Maria de Melo Queiroz nasceu em Belo Horizonte, em 1953. Atualmente suas pesquisas abrangem a oralidade e escrita, poesia, conto, canto, transcrição, memória e cultura afrobrasileira e afrocolombiana. A língua dos negros da Tabatinga já foi objeto de estudo da escritora, que, inclusive, usa palavras do vocabulário africano da comunidade da Tabatinga no conto apresentado.

Valdomiro Silveira

JORNALISTA, ADVOGADO, PROMOTOR PÚBLICO, Secretário da Educação, deputado estadual, vice-presidente da Constituinte Paulista e contista. Nascido em 11 de novembro de 1873, em Cachoeira Paulista, Valdomiro seguiu a carreira do pai, que também foi promotor público. Morreu em 3 de abril de 1941, em Santos.



GLOSSÁRIO



A MAIOR PARTE dos significados das palavras e expressões presentes neste glossário foi extraída do dicionário *Aulete Digital*. Para os termos que não foram encontrados neste dicionário, recorreremos a outras fontes: *Literatura oral no Brasil*, de Luís da Câmara Cascudo; “Termos e vocábulos de uso comento em Tanabi”, do blog *Tanabi e sua história, e sua gente*; “Vocabulário” do livro *Nas serras e nas furnas*, de Valdomiro Silveira; *Vocabulário do dialeto rural publicado nos contos orais brasileiros*, de Sônia Queiroz.

A

abalroada

sm. Batida violenta.

abicar

v. Aproximar o bico da embarcação, chegar perto.

abusão

sf. Ilusão, engano.

acachapado

adj. fem: acachapada. Que é considerado baixo.

aceiro

sm. Corte feito nas matas e propriedades rurais para evitar a propagação de incêndios.

acocorador

sm. Indivíduo que dá abrigo, proteção.

adufe

sm. Mús. Pandeiro de origem árabe.

agamar

v. Cansar.

alçaprema

sf. Fig. Grande sofrimento ou aflição.

algidez

sf. Med. Esfriamento anormal das extremidades corporais.

alpondra

sf. Pedra utilizada para se atravessar um rio.

alrotar

v. Provocar grande tumulto.

amanonsiar

v. Domesticar, domar.

amilhado

adj. Alimentado com milho.

amofinar

v. Afligir.

anum

sm. Ave que no seu canto parece pronunciar a palavra tupi (anu) de onde lhe vem o nome.

asir

v. Agarrar, segurar.

avura

adj. Referente a qualquer qualidade positiva.

azafamado

adj. Ocupado em tarefas.

azagaia

sf. Lança curta de que se servem os mouros.

azorrague

sm. Açoite formado de uma ou mais correias entrançadas e munido de cabo.

B

bacamarte

sm. Arma de fogo com cano curto e largo.

bacurau

sm. Designação comum a diversas aves caprimulgídeas.

baeta

sf. Tecido felpudo de lã ou algodão grosso.

baguaçu

sm. Bras. Palmeira da qual se extrai óleo comestível e as folhas são usadas para trançar.

bagual

sm. Potro ou cavalo arisco.

balázio

sm. Tiro certo de arma de fogo.

bandoleira

sf. Correia usada a tiracolo para segurar algo.

barbicacho

sm. Bras. Cordão cujas pontas são costuradas ao chapéu, que passa sob o queixo, prendendo o chapéu à cabeça.

batel

sm. Pequeno barco de pesca.

bexigoso

adj. Diz-se de pessoa que tem ou teve varíola e delas apresenta sinais.

biango

sm. Casa pequena, muito humilde.

biboca

sf. Bras. Armazém ou botequim pequeno e modesto.

bocaina

sf. Bras. Vale, canhada, passagem estreita entre dois morros ou colinas.

bojar

v. Inflar-se.

boleadeiras

sf. pl. Reg. Aparelho composto de três bolas presas entre si por cordas de couro, hoje pouco usado pelo vaqueiro gaúcho para lançar gados ou como arma.

boléu

sm. Queda sem consequências graves.

buçal

sm. Arreio de cabeça e pescoço do cavalo, composto de focinheira, cabeçada, fiador e cadeira.

bugraria

sf. Bras. Grande quantidade de bugres, denominação depreciativa dada a indivíduos de origem indígena.

bulha

sf. Briga, desordem.

bulir

v. Mover, tocar levemente.

buriti

sm. Palmeira de cujas folhas se extraem fibras e de cujo fruto se obtém óleo rico em caroteno.

burundanga

sf. Coisa de pouco ou nenhum valor. Nílharia, bagatela.

C**cabiúna**

sf. Árvore leguminosa papilionácea. Também conhecida como jacarandá-cabiúna e jacarandá-preto.

caborteiro

adj. Que trapaceia, mente, engana.

cacimba

sf. Fonte de água potável.

caipora

sf. Que tem ou traz azar ou infelicidade.

cairelar

v. enfeitar, ornar.

cajetilha

sm. Na roça, rapaz que volta da cidade com roupa de moda.

cambaubal

sm. Lugar onde se encontra a árvore cambaúba.

camberelo

sm. fem: camberela. Carne, corpo.

camonim

sm. Criança.

camote

sm. Namorado.

campeação

sf. Ação de campear, percorrer os campos ou de sair à procura de gado.

cancha

sf. Terreno próprio para corrida de cavalos.

candongueira

sf. Manhosa.

canguro

sm. fem: cangura. Porco, leitão.

canhambora (canhembora)

sm. Escravo fugitivo.

canjica

sm. Dente.

capadaria

sf. Conjunto de capados ou porcos de engorda.

capoão

sm. Bot. Pequena mata.

caramuru

sm. O mesmo que europeu.

carnear

v. Abater o gado e preparar a carne.

carpir

v. Chorar, lamentar-se.

casquinar

v. Soltar pequenas risadas sucessivas, gargalhar.

cassucarar

v. Ato de casar.

cateretê

sm. Dança cantada e sapateada, acompanhada de palmas e executada em fileiras opostas.

catito

adj. Pequeno.

caturritar

v. Falar em excesso, tagarelar.

cavername

sm. Arcabouço do casco de uma embarcação.

cavingueiro

sm. Patrão.

caxar

v. Fazer, pôr, ter, produzir.

caxerenguengue

sm. Faca velha.

caxinguelê

sm. Tipo de esquilo.

changueiro

sm. Cavalos para pequenas corridas.

chimango

sm. Hist. Alcinha dada aos membros do Partido Republicano.

chinoca

sf. Índia ainda menina.

chispa

sf. Faísca, centelha.

cimalha

sf. Saliência na parte mais alta da parede em que se assentam os beirais.

circunvagiar

v. Percorrer, deslocar-se em torno de algo.

círio

sm. Grande vela de cera, usada especialmente em igrejas.

clavinote

sf. Pequena espingarda de cano curto e estriado internamente, usada em caça e, antes, por soldados.

cogotilho

sm. Crinas do cavalo, tosadas de forma que ficam mais curtas entre as orelhas do que ao longo do pescoço.

conjolo

sm. Casa, habitação.

corrimaça

sm. Vaia contra alguém.

corrupio

sm. Tipo de brinquedo feito pelas próprias crianças.

cuete

sf. e m. Homem, mulher.

cuité

sm. Fruto amadurecido e duro da cuieira com o qual são feitos recipientes para líquidos, grãos, farinhas. Cuia, cabaça.

curimba

sm. Relativo ao ato de trabalhar e produtos do trabalho.

cuxipa

sf. Órgão sexual feminino.

E**eito**

sm. Plantação onde escravos trabalhavam.

embarruada

sf. Luta, encontro.

embeçado

adj. Apaixonado, encantado.

embira

sf. Qualquer casca ou cipó usado no mato para fazer amarrações.

deixar nas embiras

não ter o que comer.

embondo

sm. Enrolação, embaraço, dificuldade.

encarquilhar

v. Fazer ficar ou ficar cheio de rugas.

engoiar

v. Fig. Tornar-se melancólico, triste.

entono

sm. Altivez, arrogância.

entropigaitar

v. Embaraçado, atrapalhado.

escaramuçar

v. Fazer (o cavalo) dar muitas voltas.

escoucear

v. Dar coices.

esparrela

sf. Armadilha de caça.

espicaçar

v. Humilhar, instigar.

estertor

sm. Respiração rouca de pessoa que está agonizando, em coma ou em sono profundo.

estiva

sf. Náut. Piso gradeado de madeira de uma jangada.

estopento

sm. Aborrecido.

estrepe

sm. Estaca pontiaguda.

estúrdio

adj. Que revela estranheza.

F**falripa**

sf. Cabelo curto e ralo.

farrusca

adj. f. Negra, que tem a cor escura.

frouxel

sm. As penas mais macias das aves.

fular

sm. Etnol. Pessoa pertencente aos fulas, povo que habita terras da África Ocidental.

G**gadelhudo**

adj. Cabeludo.

galé

sf. Pessoa que exerce trabalho demasiadamente duro.

ganjento

adj. Vaidoso.

garrote

sm. dim. garrotinho. Bezerro.

garrucha

sf. Arma de fogo que se carrega pela boca do cano.

ginetaço

sm. Cavalo que cavalga bem e com elegância.

golilha

sf. Argola de ferro ligada ao pescoço com a qual se prendiam escravos e criminosos a um poste.

gombê

sm. Boi, gado.

granjão

sm. Deus.

guainxuma

sf. Planta geralmente usada na confecção de vassouras rústicas.

guampa

sm. Chifre.

gupiara

sm. Depósito de diamantes em regiões elevadas.

H

haragano

adj. Arisco.

hirsuto

adj. Que tem os pelos longos, grossos e duros.

I

ingura

sf. Dinheiro.

inhantes

adv. Variação de antes.

injira

sf. e m. Caminho.

J

jaborandi

sm. Arbusto cujas folhas tem efeito anestésico quando mascadas.

jequê

sm. Buraco.

jungir

v. Subjugar pela força, acorrentar.

L

labéu

sm. Mácula na honra de alguém, desonra.

lanhar

v. Cortar.

latagão

sm. Homem jovem, forte e grandalhão.

lazarina

sf. Arma de pequeno calibre.

liça

sf. Local destinado a torneios, combates.

lôbreço

adj. Lúgubre, tétrico, negro, medonho.

lobuno

adj. Reg. Equino ou bovino de cor cinza-escura.

lograr

v. Enganar.

lonca

sf. Bras. Tira fina que se retira do couro raspado para fazer trançado.

lundum

sf. Dança de origem africana.

lusco-fusco

sm. Hora crepuscular, momento de transição entre o dia e a noite.

M**macega**

sf. Erva daninha que costuma nascer em áreas cultivadas.

macoteiro

adj. Reg. Grande, muito forte ou desenvolvido.

maçaroca

sf. Emaranhado de fios, cabelos, pelos ou linhas.

magote

sm. Reunião de pessoas ou coisas, amontoado.

maleva

sm. Indivíduo que pratica atividades criminosas.

mandaçaia

sf. Abelha.

manguara

sf. Vara grande.

manotudo

adj. De mãos grandes.

marruá

sm. Bezerro violento.

matuaba

sf. Bebida alcoólica.

matungo

sm. Cavalos de sela.

meão

adj. De qualidade, de valor, tamanho ou altura mediana.

meia-légua

sf. Bras. Espingarda de grande alcance.

merencório

adj. Triste, melancólico.

mezinheiro

sm. Pessoa que prepara ou aplica mezinhas, curandeiro.

mirim

sm. Mel produzido por pequena abelha brasileira, denominada mirim.

mitrado

adj. Que age com astúcia para auferir vantagens, astucioso.

mitrar

v. Pôr mitra em.

monjolo

sm. Hist. Instalação primitiva introduzida no Brasil durante o período colonial destinada a moagem de grãos.

monturo

sm. Lugar onde se deposita lixo.

morocho

sm. Indivíduo moreno.

morrudo

adj. Grande, volumoso.

mosqueado

adj. Que tem pintas ou pequenas manchas escuras, semelhantes a moscas.

motevo

sm. Doido, maluco.

N

nemoroso

adj. Abundante de árvores.

nhandaia

sf. Espécie de ave.

nica

sf. Bras. Manha.

O

ocaia

sf. Mulher.

omenha

sf. Água, chuva.

P

pabulagem

sf. Bras. Presunção, orgulho.

palhoça

sf. Casa rústica coberta de palha ou sapé.

pândega

sf. Festa muito animada.

paquete

sm. Ant. Navio veloz e luxuoso, geralmente, a vapor.

pararaca

a2g. Tagarela, mentiroso.

parelheiro

sm. Cavalo de corrida.

patuscada

sf. Festa com muita comida e bebida.

pedrês

a2g. O que é pintado de preto e branco.

peleia

sf. Luta, briga.

peona

sf. Bras. Trabalhadora rural.

perambeira

sf. Precipício.

pialar

v. Armar armadilha, enganar.

picaço

adj. Equídeo de cor escura com a testa ou os pés brancos.

piguancha

sf. Mulher jovem.

pinguelo

sm. Bras. Gatilho.

piroga

sf. Embarcação indígena feita de um só tronco de árvore escavado a fogo.

piúva

sf. Bot. Árvore grande, mesmo que ipê.

porfiar

v. Lutar por, disputar.

precatória

sf. Jur. Carta pela qual um órgão da Justiça pede a outro que realize um determinado ato.

préstimo

sm. Fig. Série de pessoas que caminham umas atrás das outras.

puíta

sf. Instrumento musical africano.

Q**quedar**

v. Permanecer quieto.

quêra

adj. Corajoso, valente.

querência

sf. Terra natal.

R**rebenqueador**

sm. Aquilo que, por tão belo, causa mal de amores.

reboleira

sf. Parte mais densa de um campo coberto de árvores.

regueira

sf. Bras. Depressão lombar que corresponde à linha da coluna vertebral.

régulo

sm. Pej. Chefe desprovido de qualquer importância, porém tirânico.

reiuno

sm. Cavalo que empaca e de má aparência.

rês

sf. Qualquer quadrúpede usado na alimentação humana.

resfolegar

v. Respirar, tomar o ar ou o fôlego.

retinto

sm. Indivíduo cheio de certeza.

retouçar

v. Brincar fazendo movimentos como pular, rolar no chão.

ribombo

sm. Estrondo, grande ruído.

roqueira

sf. Antigo canhão de ferro para lançar pedras.

rutilo

sm. Brilhante, resplandecente.

S**sambango**

sm. Bras. Sujeito fraco, sem forças.

samburá

sm. Cesto de cipó.

sapé

sm. Denominação comum a diversas plantas gramíneas.

sedenho

sm. Crina cortada usada para fazer corda.

soga

sf. Nas boleadeiras, conjunto de tiras de couro que ligam as esferas.

somana

sf. Ant. Forma antiga da palavra semana.

sopitado

adj. Que teve seu vigor retirado, que foi reprimido.

soqueira

sf. Plantas e raízes que sobram do corte de cana.

sororoca

sf. Ruído emitido por quem está morrendo.

soverter

v. Desaparecer.

súcia

sf. Bras. Festaça.

sujigola

sf. Correia que, fazendo parte da cabeça-da, passa por baixo do queixo do animal.

T

tabaréu

sm. Bras. Caipira, roceiro.

tabocal

sm. Terreno com grande número de tabocas, bambus.

tapijara

sm. Conhecedor dos caminhos de uma região.

teatino

adj. Forasteiro, estrangeiro.

tentear

v. Sondar, examinar.

testavilhar

v. Hesitar.

tipoque

sm. Feijão.

tipurar

v. Olhar, entender, tocar.

tordilho

sm. Cavalos em que a pelagem branca sobressai sobre a negra.

trabuco

sm. Espingarda de cano curto e largo.

trabuzana

arg. Diz-se de pessoa muito valente e destemida.

trapizonga

sf. Confusão, desordem de coisas.

treval

sm. Terreno em que cresce trevo em abundância.

turuna

arg. Forte, invencível.

U

urucungo

sm. Mús. O mesmo que berimbau.

urunanga

sf. Roupas.

V

valongo

sm. Local de venda de escravos.

veneta

sf. Vontade, impulso.

vissungo

sm. Canção.

X

ximbica

sf. Jogo de cartas.

xiru

sm. Indivíduo índio ou moreno

M597 Meu Brasil afro-brasileiro: contos /
Sônia Queiroz (org.). – Belo Horizonte:
FALE/UFMG, 2024.

196 p. (Zigoto).

ISBN: 978-65-87237-94-7 (digital)
978-65-87237-93-0 (impresso)

1. Contos brasileiros. I. Queiroz, Sônia.
II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Letras. III. Série.

CDD: 8869.3

Ficha catalográfica elaborada pelo
Bibliotecário Israel José da Silva – CRB6/2128
Biblioteca Professor Rubens Costa Romanelli – FALE/UFMG

Diretora da Faculdade de Letras

Sueli Coelho

Vice-Diretor

Georg Otte

**Coordenação editorial
& administrativa**

Emília Mendes

Comissão editorial

Carolina Fenati

Elisa Amorim Vieira

Emília Mendes

Maria Cândida Seabra

Sônia Queiroz

Logotipos da editora & da coleção

Alice Masago

Capa & projeto gráfico

Mário Vinícius

Preparação de originais

Andreia Montanari

Íris Ladislau

Patrícia Franca

Thiago Gomes Lara

Diagramação

Mário Vinícius

Revisão de provas

Amanda Carvalho

Ana Rafaela de Sena

Beatriz Cristeli

**Endereço para correspondência**

Labeled – Laboratório de Edição

Fale/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627

1º andar

31270-901

Belo Horizonte/MG

e-mail: originais.labeled@gmail.com

site: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/>

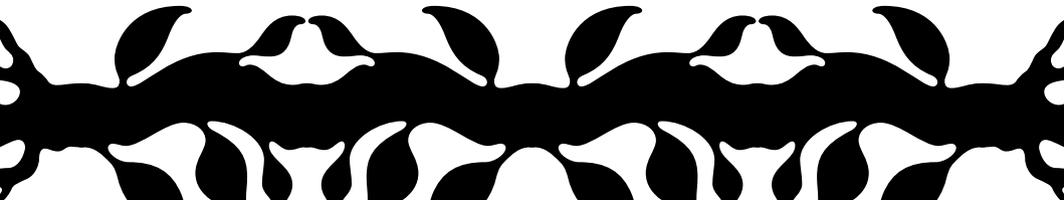


ZIGOTO FICÇÃO



A Coleção Zigoto busca editar textos em domínio público ou com liberação de licença Creative Commons. As edições são estabelecidas a partir de temáticas instigantes & funcionam como exercícios de sala de aula para os alunos do bacharelado em Edição da Fale/UFG.

A presente edição, digital e impressa, foi composta com as famílias tipográficas livres: Alegreya, de Juan Pablo del Peral (textos); Teranoptia, de Ariel Martin Pérez (vinhetas & ornamentos); & Roberte, de Eugénie Bidaut (subtítulo na capa & folha de rosto). O projeto gráfico da capa & do miolo foi criado por Mário Vinícius.





REUNIMOS NESTA COLETÂNEA contos que inscrevem o negro na literatura brasileira, como autor, como personagem, lembrando aos leitores a nossa constituição como sociedade, como cultura, como povo, que, desde a sua formação, integra uma imensa maioria de africanos escravizados e trazidos à força, seus descendentes nascidos aqui, portugueses deslocados pela colonização e indígenas que aqui já viviam.

